



*E-book digitalizado por: Levita
Com exclusividade para:*



<http://ebooksgospel.blogspot.com/>

QUANDO OS ANJOS SILENCIARAM

*O que realmente aconteceu durante
a última semana de Jesus na Terra?*

Max Lucado

Tradução de
MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA

© 1992 Max Lucado
Copyright © 1999 Editora United Press Ltda.
Título do original em inglês: *And the Angels Were Silent*
Publicado por Multnomah Books, U.S.A.

TRADUÇÃO: *Maria Emília de Oliveira*

REVISÃO: *João Guimarães e Priscila Scripnic*

CAPA: *Douglas Lucas*
Supervisionado por: *Marcos Simas*

DIAGRAMAÇÃO & PRODUÇÃO DE MIOLO:
Janete D. Celestino Leonel

SUPERVISÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO:
Vera K. Vllar

I^a. edição brasileira: 1999

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lucado, Max
Quando os Anjos Silenciaram / Max Lucado;
tradução: Maria Emília de Oliveira. — Campinas, SP:
Editora United Press, 1999.

Título Original: *And the angels were silent.*
Bibliografia
ISBN 85-243-0165-1

1. Bíblia N. T. Mateus XXVI-XXVII - Meditações
 2. Jesus Cristo - Paixão - Meditações I. Título
- I. Título.

98-3376

CDD 232.96

índices para Catálogo sistemático:
1. Jesus Cristo: Paixão e Morte: Cristologia 232.96

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela
EDITORA UNITED PRESS LTDA.
Rua Taquaritinga, 118, CEP 13.036-530, Campinas-sp
Fone/Fax (0xx19) 278-3144

A meus sogros,
Charles e Romadene Preston,
por terem me propiciado tamanha alegria

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Uma Nota Introdutória</i>	11
SEXTA-FEIRA	
1. <i>Pequeno Demais, Velho Demais, Bom Demais para Ser Verdade</i>	15
2. <i>De Jerico a Jerusalém</i>	23
3. <i>O General Abnegado</i>	29
4. <i>Religião Inconsistente</i>	35
SÁBADO	
5. <i>Não Basta Só Trabalhar, É Necessário Saber Parar</i>	43
6. <i>Amor Destemido</i>	49
DOMINGO	
7. <i>O Dono dojumentinho</i>	59
SEGUNDA-FEIRA	
8. <i>Mercenários e Hipócritas</i>	67
9. <i>Coragem para Sonhar Novamente</i>	75
TERÇA-FEIRA	
10. <i>Falando de Calos e Compaixão</i>	85
11. <i>Você Está Convidado</i>	93
12. <i>Manipulação de Palavras</i>	99
13. <i>O Que Homem Nenhum Ousou Sonhar</i>	109
14. <i>O Cursorou a Cruz?</i>	115
15. <i>Fé Descomplicada</i>	123
16. <i>Manual de Sobrevivência</i>	131
17. <i>Histórias de Castelos de Areia</i>	141
18. <i>Esteja Preparado</i>	145
19. <i>Gente com Rosa na Lapela</i>	151
QUINTA-FEIRA	
20. <i>Servido pelo Comandante Supremo</i>	159
21. <i>Ele Escolheu Você</i>	167
SEXTA-FEIRA	
22. <i>Quando o Mundo Vira as Costas para Você</i>	175
23. <i>A Escolha É Sua</i>	183
24. <i>O Maior de Todos os Milagres</i>	189
25. <i>Uma Oração de Constatação</i>	195
DOMINGO	
26. <i>O Túmulo Escondido</i>	201
21. <i>Penso Que Sempre me Lembrarei Daquela Caminhada</i>	207
<i>Guia de Estudo</i>	215

Agradecimentos

Desejo manifestar minha gratidão a algumas pessoas muito queridas que colaboraram para a concretização deste projeto, tornando-o uma tarefa agradável.

A Liz Heaney. Você foi mais do que uma editora; foi uma amiga.

A John Van Diest. Você nunca se esqueceu do principal objetivo de uma editora cristã — colocar a Palavra de Deus no coração do homem.

A Brenda Josee. Energia inesgotável e criatividade ilimitada.

Aos funcionários da Multnomah. Tiro o chapéu para todos vocês.

Uma palavra especial à minha secretária Mary Stain. Sua aposentadoria e a conclusão deste livro ocorreram no mesmo mês. Fiquei triste por você ter partido e feliz por terminar o livro. Muito obrigado por seus incansáveis esforços.

A Joseph Shulam, de Jerusalém. Um amigo e um irmão cujo entusiasmo é contagiante.

À congregação Netivyah de Jerusalém. A única parte triste de nossa viagem à sua cidade foi o momento da partida.

A Steve Green. Pelos vinte anos de amizade e muitos mais de parceria.

Aos frequentadores da Igreja de Oak Hills. Vocês me ensinaram muito mais do que jamais poderei lhes ensinar.

Às minhas filhas Jenna, Andréa e Sara. Gostaria de ter a inocência e a credulidade de vocês.

A minha esposa Denalyn. Quando chego tarde em casa, você não reclama. Quando viajo, você não resmunga. Quando escrevo no meio da noite, você não se importa. Será que todo escritor tem um anjo como esposa ou fui premiado com o último?

E finalmente a você, leitor. Se esta for a primeira vez que lê um de meus livros, sinto-me honrado pela preferência. Você está dedicando tempo e afeição a mim. Prometo ser bom mordomo de ambos.

Se não for a primeira vez, é bom tê-lo em minha companhia novamente. O objetivo deste livro é o mesmo dos outros que escrevi: que você o veja, e só a ele.

Posso pedir-lhe algo? Por favor, lembre-se de nosso trabalho em suas orações. Ore conforme está escrito em Colossenses 4.3-4: "... que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo...; para que eu o manifeste, como devo fazer."

Uma Nota Introdutória

Início da última semana. O cenário e os atores do drama da sexta-feira estão posicionados. Os cravos de quinze centímetros estão na caixa. Há uma viga encostada numa parede divisória. Galhos com espinhos estão enrolados numa grade à espera de ser trançados pelos dedos de um soldado.

Os atores aproximam-se do palco. Pilatos preocupa-se com o número de peregrinos que chegam para a Páscoa dos judeus. Anás e Caifás impacientam-se diante do versátil Nazareno. Judas contempla seu mestre com olhos furtivos. Um centurião ronda o local, aguardando as próximas crucificações.

Atores e cenário. Só que não há peça a ser encenada; trata-se de um plano divino. Um plano que começou antes de Adão receber o sopro divino, e agora o céu inteiro aguarda e observa. Todos os olhos se fixam numa figura — o Nazareno.

Trajes comuns. Recebendo atenção especial. Partindo de Jerico e caminhando rumo a Jerusalém. Não conversa. Não pára. Segue sua jornada. A jornada final.

Até os anjos silenciam. Sabem que não se trata de uma jornada comum. Sabem que não se trata de uma semana comum. Porque a porta da eternidade está atrelada a essa semana.

Caminhemos com ele.

Vejamos como foram os últimos dias de Jesus.

Vejamos o que significaram para Deus.

Quando um homem sabe que seu fim se aproxima — só as coisas importantes vêm à tona. A iminência da morte insufla o essencial. Ignora o trivial. Não leva em conta o desnecessário. Só o essencial permanece. Portanto, se você quer conhecer a Cristo, reflita sobre seus últimos dias.

Ele sabia que seu fim se aproximava. Conhecia a finalidade da sexta-feira. Leu o último capítulo antes de ter sido escrito e ouviu o coro final antes de ter sido entoado. Por conseguinte, o elemento crítico foi centrifugado a partir do elemento casual. Verdades puras, ensinadas. Atos deliberados, feitos. Cada passo, calculado. Cada ato, premeditado.

Sabendo que teria apenas uma semana a mais com os discípulos, o que Jesus lhes disse? Sabendo que estaria pela última vez no templo, como agiu? Consciente de que a última porção de areia escorregava pela ampulheta, o que teria importância para ele?¹

Entre na semana santa e observe.

Sinta a emoção de Jesus. Sorrindo enquanto as crianças cantam. Chorando enquanto Jerusalém ignora. Permanecendo alheio enquanto os sacerdotes acusam. Suplicando enquanto os discípulos dormem. Entristecendo-se quando Pilatos lhe vira as costas.

Sinta seu poder. Cegos... enxergando. Árvore infrutífera... mirrando. Cambistas... pondo-se em fuga. Líderes religiosos... escondendo-se. Sepulcro... abrindo-se.

Ouça sua promessa. A morte não tem poder. O fracasso não aprisiona ninguém. O medo não domina. Porque Deus veio, veio ao nosso mundo... a fim de nos levar para casa.

Acompanhemos Jesus na jornada final. Porque se observarmos sua jornada, aprenderemos como trilhar a nossa.

1. Restringi este livro aos eventos da última semana de Cristo conforme registro de Mateus.

SEXTA-FEIRA

***Pequeno Demais, Velho Demais,
Bom Demais para Ser Verdade***

***Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.
Mateus 20.16***

A única coisa mais lenta do que o jeito de andar de Ben era seu modo arrastado de falar. "Olaaaá, rapaz", dizia esticando as palavras e demorando um mês entre uma frase e outra, "cá estamos nós outra vez".

Cabelos alvos como a neve e ondulados escapando de seu boné de beisebol. Ombros curvados. Rosto encarquilhado de sete décadas de inverno no oeste do Texas.

Lembro-me mais ainda de suas sobrancelhas. Cercas vivas de pêlos hirsutos no alto da testa. Taturanas que se movimentavam concomitantemente com seus olhos. Passava grande parte do tempo olhando para o chão enquanto falava. Era um homem de estatura baixa. E nessa posição parecia mais baixo ainda. Quando queria enfatizar uma questão, levantava os olhos e fitava o interlocutor através das grossas sobrancelhas. Lançava esse olhar a qualquer um que questionasse sua capacidade de trabalhar no campo petrolífero. Mesmo assim, quase todos questionavam.

Meu bom relacionamento com Ben tem algo a ver com meu pai que acreditava que os dias de folga na escola serviam para os meninos ganhar dinheiro. Quer gostássemos ou não, no dia de Natal, nas férias de verão ou no Dia de Ação de Graças, ele acordava meu irmão e eu antes do nascer do sol e nos arrastava até uma companhia petrolífera nas proximidades onde houvesse um intermediário de biscateiros, e indagava se poderíamos ser contratados por um dia.

Trabalhar no campo petrolífero tem altos e baixos semelhantes a lidar com equipamentos de perfuração; portanto, se você não pertencesse a uma empresa ou tivesse sua própria equipe, não haveria garantia de trabalho. Os biscateiros chegavam muito antes dos supervisores. No entanto, não importava quem chegasse primeiro; o que importava era a resistência de suas costas e sua experiência de vida.

Era aí que estavam nossos problemas. Eu tinha costas fortes, mas não experiência; Ben tinha mãos calejadas, mas não resistência física. Portanto, se não houvesse um trabalho grande o suficiente que justificasse quantidade em detrimento de qualidade, geralmente Ben e eu éramos preteridos.

Os acontecimentos das manhãs eram tão previsíveis que hoje, vinte anos depois, ainda consigo senti-los.

Posso sentir o vento penetrante castigando minhas orelhas na escuridão da madrugada. Posso sentir a maçaneta gelada da pesada porta de metal que dava entrada para o galpão. Posso ouvir a voz rude de Ben vinda do fogareiro que eleja acendera e sentara-se ao lado: "Feche a porta, rapaz. Vai esfriar antes que comece a esquentar."

Eu atravessava a escuridão rumo à luz dourada que vinha do fogareiro, virava de costas para o fogo e olhava para Ben. Ele fumava, sentado em um barril de 200 litros. Seus pés calçados com botas de trabalho ficavam pendurados a uns 30 centímetros do chão e a gola do casaco enrolava-se em seu pescoço.

"Precisamos começar a trabalhar logo, rapaz. Precisamos trabalhar."

Outros trabalhadores começavam a aparecer. A cada chegada diminuía as chances que Ben e eu tínhamos de conseguir trabalho. Em breve o ar impregnava-se de fumaça, piadas grosseiras e reclamações sobre o fato de precisar trabalhar para tubarões em um clima tão gelado.

Ben nunca falava muito.

Pouco depois entrava o supervisor. Pode parecer engraçado, mas eu ficava um pouco nervoso ao vê-lo entrando no galpão para ler a lista.

Com a eloquência de um sargento instrutor, gritava o tipo de trabalho a ser feito e quem ele queria para executá-lo. "Preciso de seis mãos para limpar a bateria hoje", ou, "Para colocar uma nova linha no campo do sul, vou precisar de oito." Em seguida, lia a lista em voz alta: "Buck, Tom, Happy e Jack — venham comigo."

Havia um certo orgulho quanto a ser escolhido... algo especial quanto a ser escalado, mesmo para cavar fossos. Mas assim como havia orgulho em ser escolhido, havia uma certa vergonha quanto a ser preterido. Novamente.

A única posição inferior ao biscateiro no sistema hierárquico do campo petrolífero era a posição de desempregado. Se você não soubesse soldar, trabalharia na perfuração. Se não soubesse perfurar, trabalharia nos poços. Se não soubesse trabalhar nos poços, seria um biscateiro. Mas se não conseguisse sequer ser um biscateiro...

Muitas vezes Ben e eu não conseguimos o lugar de biscateiro. Nós, os excluídos, permanecemos ao redor do fogareiro por alguns minutos, inventando desculpas para dizer que não estávamos interessados no trabalho. Em breve o pessoal se dispersava deixando Ben e eu sozinhos no galpão. Não tínhamos lugar melhor para ir. Além disso, de repente poderia surgir uma nova oportunidade. E assim permanecemos ali, aguardando.

Chegava, então, o momento de Ben conversar. Misturando fatos com ficção, ele engendrava histórias de procura de petróleo em campos improdutivos com varinhas de condão e mulas. A madrugada transformava-se em dia e nós dois continuávamos sentados em pneus velhos ou latas de tinta, passeando pelas estradas empoeiradas da memória de Ben.

Formávamos uma dupla e tanto. Em certos aspectos estávamos em posições opostas: eu com menos de quinze anos de vida, Ben em suas setenta primaveras. Eu — em pleno vigor físico e convencido de que o melhor ainda estava por chegar. Ben — cansado e rabugento, vivendo das lembranças do passado.

Porém, tornamo-nos amigos. Porque no campo petrolífero éramos os excluídos. Companheiros de fracasso. Os "pequenos demais, velhos demais". Você sabe do que estou falando? Você também é um desses?

Sherri é. Depois de doze anos de casamento e três filhos, seu marido encontrou outra mulher um pouco mais jovem. Um exemplar mais novo. Sherri foi passada para trás.

O Sr. Robinson é. Três décadas na mesma empresa e só mais uma posição a ser galgada, a mais alta. Quando o executivo se aposentou, Robinson imaginava que seria apenas uma questão de tempo. A diretoria, contudo, tinha outros planos. Queria juventude. A única coisa que Robinson não tinha. Foi dispensado.

Manuel poderia lhe contar. Poderia, se pudesse. É muito difícil ser um dos nove filhos de um lar sem pai no Vale do Rio Grande. Para Manuel é mais difícil ainda. Ele é surdo-mudo. Mesmo que houvesse uma escola especializada para surdos, não poderia freqüentá-la por falta de dinheiro.

"Uma bola perdida no meio de capim alto."

"Um dia atrasado e sem dinheiro."

"Sujeito pequeno em um mundo alto."

"Tijolo que não faz parte de uma pilha."

Escolha a frase — o resultado é sempre o mesmo. Diz-se com freqüência que só a fruta podre é jogada no lixo, e você começa a acreditar nisso. Começa a se achar "pequeno demais, velho demais".

Se é assim que você se descreve, está segurando o livro certo no momento certo. Mas saiba que Deus tem um sentimento especial para com os excluídos. Você já percebeu?

Viu sua mão tocar a pele em chagas do leproso?

Viu o rosto da prostituta encostado em suas mãos?

Percebeu como ele reagiu ao toque da mulher que padecia de hemorragia?

Viu como ele passou o braço ao redor do pequeno Zaqueu?

Mais uma vez, Deus deseja que compreendamos a mensagem: Ele nutre um sentimento especial para com os excluídos. O que a sociedade rejeita, Deus aceita. O que o mundo considera perdido, Deus recolhe. Foi por isso que Jesus contou a história dos trabalhadores escolhidos. É a primeira história de sua última semana. É a última história que ele contará antes de entrar em Jerusalém. Assim que atravessar os muros da cidade, Jesus se tornará um homem condenado. A ampulheta será virada e a contagem regressiva e o caos terão início.

Mas ele não está em Jerusalém. E não fala a seus inimigos. Está na zona rural de Jerico e com seus amigos. E é para esses amigos que Ele conta esta parábola.

Um proprietário de terras necessita de trabalhadores. Às seis horas ele contrata um grupo; todos concordam com o salário e são enviados ao local de trabalho. Às nove horas ele volta à agência de empregos e contrata mais alguns. E ao meio-dia ele volta, e às 15 horas torna a voltar, e às 17 horas... você já sabe. Volta outra vez.

O ponto principal da parábola é a raiva daqueles que trabalharam doze horas em relação aos demais que receberam salário igual. Essa é uma mensagem muito importante, mas será deixada para um outro livro.

Desejo ressaltar um aspecto quase sempre esquecido nessa história: a escolha. Você consegue compreender? Aconteceu às nove horas. Aconteceu ao meio-dia. Aconteceu às 15 horas. E o mais impressionante, aconteceu às 17 horas.

Cinco horas da tarde. Diga-me uma coisa: o que faz um trabalhador às 17 horas? A maior parte do serviço já foi feita. Os trabalhadores medíocres chegaram na hora do almoço. Os últimos aproveitáveis chegaram às 15 horas. Que tipo de trabalhador é deixado para ser escolhido às 17 horas?

Não fizeram nada o dia todo. São inexperientes. Despreparados. Incultos. Estão pendurados no degrau mais baixo da escada. São totalmente dependentes de um patrão misericordioso para lhes dar uma oportunidade que não esperavam.

A propósito, somos iguais a eles. Deixando de lado um pouco do orgulho, devemos aceitar o conselho de Paulo e analisar o que éramos quando Deus nos chamou.¹ Você se lembra?

Alguns de nós eram educados e espertos, mas franzinos como papel machê. Outros sequer tentavam esconder o desespero. Sorvíamos o desespero. Cheirávamos o desespero. Matávamos o desespero. Vendíamos o desespero. A vida era uma busca de emoções. Estávamos à procura de um tesouro dentro de um baú vazio em um beco sem saída.

Você se lembra de como se sentia? Lembra-se do quanto transpirava de angústia em sua alma? Lembra-se de como se esforçava para ocultar a solidão até ela ficar maior do que você, e a partir de então tentava apenas sobreviver?

Atenha-se a essa cena por alguns instantes. Agora responda: por que ele escolheu você? Por que ele me escolheu? Honestamente. Por quê? O que nós temos que possa interessar a ele?

Intelecto? Francamente, será que chegamos a pensar por um minuto que temos — ou, quem sabe, teremos — um pensamento que ele não tenha tido?

Determinação? Posso respeitar isso. Podemos ser obstinados a ponto de caminhar sobre a água se formos chamados a fazer isso... mas será que o reino de Deus teria sucumbido sem nossa determinação?

E que tal dinheiro? Entramos no reino com um pequeno pé-de-meia. Talvez seja por isso que fomos escolhidos. Talvez o criador do céu e da terra pudesse fazer uso de um pouco do nosso dinheiro. Quem sabe o dono de todos os seres vivos e de todas as pessoas e também autor da História estivesse necessitando de algum capital e tenha vislumbrado em nós alguma possibilidade...

Entendeu o sentido?

Fomos escolhidos pelos mesmos motivos que os trabalhadores das 17 horas foram. Você e eu? Somos os trabalhadores das 17 horas.

Somos nós que nos encostamos na cerca do pomar fumando cigarros pelos quais não

podemos pagar e apostando em um joguinho qualquer algumas cervejas que não temos condições de comprar. Trabalhadores migrantes, sem emprego e sem futuro. Na tatuagem em seu braço lê-se "Betty". Na tatuagem em meu bíceps não há nome de ninguém mas os quadris dela se projetam quando flexiono o braço. Deveríamos poder ir para casa após o apito da hora do almoço, mas nossa casa é apenas uma moradia de um cômodo onde há uma esposa nos aguardando e cuja primeira pergunta será: "Você conseguiu ou não?"

E assim esperamos. Os pequenos demais, os velhos demais.

E Jesus? Bem, Jesus é aquele motorista da camioneta preta, proprietário das terras na encosta da colina. Ele é o homem que nos viu na estrada quando passava por nós, deixando um rastro de pó atrás de si. Ele é aquele que parou a camioneta, deu marcha a ré e se aproximou de onde estávamos.

É sobre ele que você conversará com sua esposa esta noite enquanto caminha até a mercearia com alguns trocados no bolso. "Nunca tinha visto esse camarada antes. Ele parou, abriu o vidro da camioneta e perguntou se queríamos trabalhar. O dia já estava terminando, mas ele nos disse que tinha um serviço urgente. Juro, Martha, trabalhei apenas uma hora e ele me pagou o dia integral."

"Não, não sei seu nome."

"É claro que vou procurar saber. Bom demais para ser verdade, aquele camarada."

Por que ele escolheu você? Porque quis. Afinal de contas, você pertence a ele. Foi ele quem fez você. Ele o levou até sua casa. Ele é seu dono. E certa vez, ele deu-lhe um tapinha no ombro e o fez lembrar daquele fato. Não importa quanto tempo você esperou nem quanto tempo perdeu; você lhe pertence e ele tem um lugar para você.

.

— Vocês aí, querem trabalhar?

Ben pulou do barril e respondeu por nós dois.

— Sim senhor.

— Peguem seus bonés e marmitas e subam no caminhão.

Não foi necessário dizer duas vezes. Eu já havia almoçado mas, mesmo assim, peguei minha marmita. Subimos na carroceria e nos encostamos na cabina. O velho Ben colocou um cigarro na boca e pôs a mão ao redor da chama do fósforo para protegê-la do vento. Embora tenham-se passado vinte anos, ainda posso ver o brilho de seus olhos através das grossas sobranceiras.

— E bom ser escolhido, não é, rapaz?

— Com certeza, Ben. Claro que sim.

De Jericó a Jerusalém

*E o entregarão aos gentios para ser escarnecido,
açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá.*

Mateus 20.19

De acordo com os cálculos do padre Alexander Borisov, ele não teria condições de sobreviver. A negra noite russa não era sinônimo de segurança. Esperava que a polícia se intimidasse diante de seus trajes esvoaçantes de tons negros e dourados, porém não havia nenhuma garantia.

Moscou estava cercada de policiais. O urso hibernante despertara de seu longo sono e estava faminto. Fatos precedentes levavam a crer que mais uma vez o povo seria oprimido.

Mas Borisov ousou desafiar os fatos precedentes. Em 20 de agosto de 1991, carregando pilhas de Novos Testamentos nas mãos, ele e alguns membros da Sociedade Bíblica da União Soviética, fundada há apenas um ano, aproximaram-se dos carros blindados. Uma vez que as autoridades haviam se recusado a conversar frente a frente com eles, o sacerdote subiu nos carros blindados e atirou as Bíblias para dentro, através de suas pequenas aberturas.

No fundo do coração, eu acreditava que os soldados com os Novos Testamentos no bolso não atirariam em seus irmãos e irmãs", ele disse posteriormente.

Atitude sensata. Melhor ir para a batalha com a Palavra de Deus no coração do que com armas poderosas nas mãos.

Moscou, no entanto, não serve de exemplo para situações como essa. Para conhecer a imagem mais comovente de alguém marchando para a batalha com a verdade de Deus, não vá à Rússia. Não leia os jornais. Não assista ao noticiário das 18 horas. Ao contrário, pegue as Escrituras e realce um parágrafo ao qual nunca demos a devida atenção.

E fácil não observar. Apenas três versículos. Apenas 85 palavras. Não há nada que os destaque como sendo importantes. Nenhum trecho dramático. Nada de letras em negrito. Nenhum título chamativo. O fato mais importante é a afirmação que o leitor comum passa por cima como se fosse um trecho transitório. Mas isso é o mesmo que sair da mina sem ver a jóia.

Apenas um evento. Não tem o efeito de uma ressurreição como a de Lázaro. Nem certamente a grandeza das cinco mil pessoas que foram alimentadas. Foi-se o momento mágico da manjedoura. Falta o drama da tempestade acalmada. Trata-se de um momento sereno das Escrituras. Mas deve ser levado a sério. Porque nesse momento anjo nenhum ousou cantar.

Apenas uma estrada. Pouco mais de 20 quilômetros. Meio dia de jornada em um desfiladeiro perigoso. Mas não é a estrada que deve atrair nossa atenção. Estradas poeirentas eram comuns naquela época. Não, não é a estrada, é aonde ela chega — é o homem que caminha por ela.

Ele segue adiante de seu grupo. Em nenhum outro lugar vemos Jesus caminhando na frente. Nem quando desceu da montanha após o Sermão do Monte. Nem quando partiu de Cafarnaum. Nem quando entrou no povoado de Naim. Geralmente ele preferia estar cercado de pessoas, sem caminhar adiante delas.

Desta vez não. Marcos narra que Jesus ia adiante.¹ Apenas um homem. Um jovem soldado marchando para a batalha.

Se você quiser conhecer o coração de alguém, observe a jornada final dessa pessoa.

A história do garoto Matthew Huffman surgiu em minha mesa na semana em que eu escrevia este capítulo. Matthew era o filho de seis anos de um casal de missionários em Salvador, Brasil. Certa manhã ele se queixou de febre. A medida que sua temperatura subia, ele começou a perder a visão. Seus pais o colocaram em um automóvel e o levaram apressadamente para o hospital.

No caminho, enquanto estava deitado no colo da mãe, o garoto fez algo que seus pais jamais esquecerão. Estendeu a mão em direção ao ar. A mãe segurou-a, mas ele a estendeu novamente. Outra vez ela segurou a mão do filho, mas ele continuou a estendê-la. Confusa, ela perguntou-lhe:

— O que você está tentando alcançar, Matthew?

— Estou tentando alcançar a mão de Jesus — respondeu. Após essas palavras o garoto fechou os olhos e entrou em coma do qual não chegou a despertar. Morreu dois dias depois, vítima de meningite.

Apesar de não ter aprendido muitas lições em seu breve período de vida, Matthew aprendeu a mais importante de todas: a quem buscar na hora da morte.

Você pode conhecer muito a respeito de uma pessoa pelas atitudes que ela toma diante da iminência da morte. Veja o exemplo de Jim Bonham.

De todos os heróis do Alamo, ninguém é mais conhecido do que James Bonham, um corajoso jovem advogado da Carolina do Sul. Estava no Texas há apenas três meses, mas seu anseio de liberdade não lhe deixou outra escolha a não ser marchar ao lado dos texanos em sua luta pela libertação. Serviu como voluntário no Alamo, uma pequena missão próxima ao rio Guadalupe. Quando o exército mexicano se perfilou no horizonte e o minúsculo bastião se perfilou para lutar, Bonham atravessou as linhas inimigas e galopou rumo a Goliad no leste para pedir ajuda.

Em seu livro *Texas*, James Michener imagina qual deve ter sido o apelo do soldado: "Lá fora há 150 homens. Santa Anna tem perto de 2.000 homens, e muitos mais a caminho... Precisamos que todos os homens corajosos do Texas partam rápido rumo ao Alamo. Que fortaleçam nossas tropas! Que nos ajudem! Que comecem a marchar imediatamente!"

Não houve nenhum compromisso. A única promessa que o coronel Fannin fez a Bonham foi a de que pensaria no assunto. O jovem da Carolina do Sul sabia o que aquilo significava; disfarçou a raiva e esporeou seu cavalo em direção a Victoria.

Michener imagina uma conversa entre Bonham e um menino.

— O que você pretende fazer agora? — indaga o menino.

— Vou ao Alamo — Bonham responde sem pestanejar.

— Você vai voltar sozinho?

— Eu vim sozinho.

Tão logo parte, o menino pergunta a seu pai:

— Se tudo está tão ruim assim, por que ele tem de voltar? O pai responde:

— Duvido que ele tenha pensado em qualquer outra possibilidade.² Não temos conhecimento se essas palavras foram proferidas, mas sabemos que a viagem foi feita. Bonham caminhou para a batalha com a certeza de que seria sua última.

O mesmo aconteceu com Jesus. Com a missão final diante de si, ele chamou seus discípulos à parte e lhes falou pela terceira vez de seu encontro definitivo com o inimigo. "Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá."³

Observe o conhecimento detalhado de Jesus sobre o evento. Ele diz quem — "os principais sacerdotes e os escribas." Diz o que — "eles entregarão o Filho do homem aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado." Diz quando — "mas ao terceiro dia ressurgirá."

Esqueça qualquer insinuação de que Jesus caiu numa armadilha. Elimine qualquer teoria de que Jesus errou nos cálculos. Ignore qualquer especulação de que a cruz foi um esforço derradeiro para salvar uma missão agonizante.

Se essas palavras nos dizem algo, dizem que Jesus morreu... propositadamente. Não houve surpresa. Não houve hesitação.

Você pode conhecer muito a respeito de uma pessoa pelas atitudes que ela toma diante da iminência da morte. E a maneira como Jesus marchou para a morte não deixa dúvida nenhuma: ele veio ao mundo para esse momento. Leia as palavras de Pedro: "Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos."⁴

Não, a jornada até Jerusalém não começou em Jerico. Nem na Galiléia. Nem em Nazaré. Nem mesmo em Belém.

A jornada até a cruz começou muito antes. Enquanto o ruído da mordida da fruta ainda ecoava no paraíso, Jesus partia para o Calvário.

E assim como o padre Alexander Borisov caminhou para a batalha com a Palavra de Deus na mão, Jesus seguiu para Jerusalém com a promessa de Deus no coração. A divindade de Cristo assegurou a humanidade de Cristo, e Jesus falou em voz alta suficiente para fazer vibrar os abismos do inferno: "Mas ao terceiro dia ressurgirá."

Existe uma Jerusalém em seu horizonte? Você está prestes a enfrentar combates dolorosos? Está a poucos passos dos muros de sua própria aflição? Aprenda uma lição com seu mestre. Não marche para uma batalha com o inimigo sem antes buscar coragem nas promessas de Deus. Posso dar-lhe alguns exemplos?

Quando você estiver confuso: "Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito", diz o SENHOR; "pensamentos de paz e não de mal."⁵

Quando se sentir oprimido pelos fracassos de ontem: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus."⁶

Nas noites em que gostaria de saber onde Deus está: "Porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti."⁷

Se pensar que está afastado do amor de Deus: "A fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento."⁸

Na próxima vez em que você se sentir na estrada de Jerico marchando rumo a Jerusalém, coloque as promessas de Deus na boca. Quando as trevas da opressão se abaterem sobre sua cidade, lembre-se da convicção do padre Borisov.

A propósito, os obreiros da Sociedade Bíblica de Moscou sempre se lembrarão da história de um soldado que fez isso. Nas primeiras horas do dia 20 de agosto eles lhe ofereceram uma Bíblia infantil colorida porque os Novos Testamentos pequenos haviam se esgotado. O soldado constatou que precisaria escondê-la de seus superiores se pretendesse levá-la para casa. Porém seu uniforme tinha apenas um bolso grande.

O soldado hesitou, mas depois retirou suas balas do bolso. Seguiu para a trincheira com uma Bíblia em vez de munição.

E muito importante marchar para Jerusalém com a promessa de Deus no coração. Foi importante para Alexander Borisov. Foi para Matthew Huffman. E é importante para você.

1. Marcos 10.32

2. Michener, James. Texas, Nova York: Random House, 1985, p. 367.

3. Mateus 20.18-19.

4. Atos 2.23.

5. Jeremias 29.11.

6. Romanos 8.1.

7. Oséias 11.9b.

8. Efésios 3.18-19.

O General Abnegado

*Tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido,
mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.*

Mateus 20.28

A decisão havia sido tomada. As tropas tinham sido distribuídas e os navios de guerra estavam a caminho. Cerca de três milhões de soldados preparavam-se para se arremessar contra o paredão atlântico de Hitler na França. O Dia D aproximava-se. A responsabilidade pela invasão recaía diretamente sobre as quatro estrelas nos ombros do general Dwight D. Eisenhower.

O general passou a noite anterior ao ataque com os homens da 101ª tropa de pára-quedistas. Eles chamavam a si mesmos de Águias Estridentes. Enquanto seus comandados preparavam planos e conferiam equipamentos, o general dirigiu-se a cada soldado transmitindo palavras de ânimo. Quase todos os aviadores eram tão jovens que poderiam ser seus filhos. E ele os tratava como tais. Um correspondente escreveu que enquanto observava os aviões C-47 decolarem e desaparecerem na escuridão, Eisenhower permaneceu o tempo todo com as mãos afundadas nos bolsos e os olhos marejados de lágrimas.

Em seguida o general dirigiu-se para seu alojamento e sentou-se diante da escrivaninha. Pegou caneta e papel e escreveu uma mensagem - que seria enviada à Casa Branca em caso de derrota.

Tratava-se de uma mensagem breve e, ao mesmo tempo, corajosa.

"Nossa aterrissagem... fracassou... as tropas, a Aeronáutica e a Marinha cumpriram seu dever com coragem e devoção. Qualquer culpa ou erro em relação ao ataque devem ser atribuídos somente a mim."¹

Pode-se dizer que o maior ato de coragem naquele dia não se originou na cabina de um avião nem numa trincheira, mas numa escrivaninha quando o ocupante do posto mais alto assumiu a responsabilidade em lugar de seus subordinados. Quando o comandante assumiu a culpa — antes mesmo de precisar ser assumida.

Líder raro, esse general. Incomum demonstração de coragem. Ele exemplificou uma qualidade pouco notada em nossa sociedade de processos judiciais, exonerações e divórcios. Quase todos nós estamos dispostos a receber o crédito pelo bem que praticamos. Alguns aceitam receber censura pelo mal que praticam. Mas poucos assumem responsabilidades por erros de terceiros. Um número menor ainda toma sobre si a culpa por erros ainda não cometidos.

Eisenhower fez isso. E tornou-se um herói.

Jesus fez isso. E é nosso Salvador.

Antes de a guerra iniciar, ele perdoou. Antes de o erro ser cometido, o perdão foi oferecido. Antes de a culpa ser imputada, a graça foi concedida.

O comandante assumiu a responsabilidade em lugar de seus subordinados. Veja como Jesus descreve o que veio fazer.

"Tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos."²

A expressão "Filho do homem" representava para os judeus da época de Cristo o mesmo

que o título de "general" representa para mim e você. Uma definição de autoridade e poder.

Analise todos os títulos que Jesus poderia ter usado para definir a si mesmo no mundo: Rei dos reis, o grande EU SOU, o Início e o Fim, o Senhor de todos, Jeová, Altíssimo e Santo. Todos esses títulos e mais uma dezena de outros teriam sido apropriados.

Mas Jesus não os utilizou.

Ao contrário, chamou a si mesmo de Filho do homem. Esse título aparece 82 vezes no Novo Testamento, das quais 81 vezes nos evangelhos e 80 vezes proferidas diretamente por Jesus.

Para entender Jesus precisamos compreender o significado desse título. Se Jesus o considerou tão importante a ponto de empregá-lo mais de 80 vezes, com certeza é importante investigá-lo.

Poucas pessoas não concordariam que o título tem sua origem em Daniel 7, um texto que é apenas um fotograma de uma obra-prima cinematográfica. O espectador recebe o ingresso para assistir a um filme que retrata uma rápida visão dos futuros poderes do mundo. Os impérios são representados como animais: violentos, famintos e perversos. O leão com asas de águia³ representa a Babilônia, e o urso com três costelas na boca⁴ significa a Pérsia dos medos. Alexandre, o Grande, é simbolizado por um leopardo com quatro asas e quatro cabeças,⁵ e um quarto animal com dentes de ferro representa Roma.⁶

Porém, os impérios desaparecem à medida que a cena se desenvolve. Um a um, os poderes do mundo tombam. No final, o Deus vitorioso, o Ancião de dias, recebe em sua presença o Filho do homem. A ele é dado domínio, glória e o reino.⁷ Imagine-o com vestes brancas brilhantes. Montado num cavalo garboso. E com uma espada na mão.

O Filho do homem era um símbolo de triunfo para os judeus. O vitorioso. O imparcial. O árbitro. O grande irmão. O intimidador. O braço direito do Altíssimo e Santo. O rei que se precipitou do céu numa carruagem de fogo, trazendo vingança e ira sobre aqueles que oprimiram o povo santo de Deus.⁸

O Filho do homem foi o general de quatro estrelas que convocou seu exército para invadir e conduziu suas tropas à vitória.

Foi por esse motivo que, quando Jesus se referiu ao Filho do homem em termos de poder, o povo se alegrou.

Quando ele falou de um novo mundo onde o Filho do homem se assentaria no trono da glória⁹, o povo compreendeu.

Quando ele falou que o Filho do homem viria sobre as nuvens do céu com grande poder e autoridade¹⁰, o povo fez idéia da cena.

Quando ele falou que o Filho do homem se assentaria à direita do "Todo-Poderoso", todos puderam imaginar a cena.

Contudo, quando ele disse que o Filho do homem sofreria... o povo silenciou. Isso não combinava com a cena... não era o que eles esperavam.

Coloque-se no lugar daquele povo. Você tem sido oprimido pelo governo romano durante anos. Aprendeu desde a juventude que o Filho do homem viria para libertá-lo. Agora ele está aqui. Jesus se diz Filho do homem. Prova ser o Filho do homem. Tem o poder de ressuscitar mortos e acalmar tempestades. Cresce o número de seus seguidores. Você se empolga. Finalmente, os filhos de Abraão serão libertados.

Mas o que ele está dizendo? "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir." Antes ele lhes havia dito: "O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará."¹²

Espere um pouco! Trata-se de uma contestação impossível, incrível e intolerável. Não é de admirar que seus seguidores "não compreendiam isto e temiam interrogá-lo."¹¹ O rei que veio para servir? O Filho do homem sendo traído? O Vitorioso — assassinado? O Embaixador do Ancião de dias — ridicularizado? Cuspido?

Mas essa é a ironia de Jesus portando o título de "o Filho do homem". É também a ironia da cruz. O Calvário é um híbrido da posição sublime de Deus e sua profunda devoção. O ribombar do trovão que ecoou quando o poder supremo de Deus colidiu com seu amor. A união da soberania do céu com a compaixão do céu.¹⁴ Os próprios elementos da cruz são simbólicos: a viga horizontal

da santidade cruza-se com a viga horizontal do amor.

Jesus usa uma coroa de rei mas ostenta o coração de um pai.

Ele é um general que assume a responsabilidade pelos erros de seus soldados.

Mas Jesus não escreveu uma mensagem; pagou o preço. Ele não só assumiu a culpa como também tomou para si o pecado. Tornou-se o refém. Ele é o General que morre em lugar do soldado, o Rei que sofre pelo camponês, o Patrão que se sacrifica pelo empregado.

Quando eu era menino, li uma fábula russa a respeito de um patrão e um empregado que viajaram para uma determinada cidade. Esqueci-me da maioria dos detalhes mas lembro-me do final. Antes que os dois homens chegassem ao destino, enfrentaram uma nevasca que os impedia de enxergar. Perderam o rumo e não conseguiram chegar à cidade antes do cair da noite.

Na manhã seguinte, os amigos preocupados saíram à procura dos dois. Finalmente encontraram o patrão, congelado, de braços na neve. Quando o levantaram, encontraram o empregado — gelado mas vivo. Ele conseguiu sobreviver e contou como o patrão se colocara voluntariamente em cima do empregado para que o empregado pudesse sobreviver.

Fazia anos que não me lembrava dessa história. Mas quando li o que Cristo disse que faria por nós, a história me veio à mente — porque Jesus é o patrão que morreu pelo empregado.

Ele é o general que assumiu os erros de seus soldados.

Ele é o Filho do homem que veio para servir e dar sua vida em resgate... por você.

1. *"D-Day Recalling Military Gamble that Shaped History" in Time, 28/5/1984, p. 16.*

2. *Mateus 20.28.*

3. *Daniel 7.4.*

4. *Daniel 7.5.*

5. *Daniel 7.6.*

6. *Daniel 7.7.*

7. *Daniel 7.13-14.*

8. *Para referência adicionais, leia o Livro de Enoch (Hemus Editora, São Paulo, 1982), um obra intertestamental concluída por volta do século 70 a.C. Esse antigo manuscrito relata as imagens que vieram à mente das pessoas quando ouviram a expressão "O Filho do homem".*

Esse Filho do homem que viste, arrancará reis e poderosos de seu sono voluptuoso, fã-los-á sair de suas terras inamovíveis, colocará freios nos poderosos, quebrará os dentes dos pecadores. Expulsará os reis de seus tronos e de seus reinos, porque recusam honrá-lo... (Capítulo XLIV 3-4).

Nesse dia, os reis, os príncipes, os poderosos e aqueles que possuem a terra levantar-se-ão, verão e compreenderão; vê-lo-ão sentado no seu trono de glória... (Capítulo LX 5).

Então, os reis, os príncipes, todos aqueles que possuem a terra, celebrarão aquele que os governa a todos, aquele que estava oculto. Pois desde o começo o Filho do homem estava oculto... (Capítulo LX10)

... todos os eleitos estarão diante dele neste dia (Capítulo LX 11). Todos os reis, os príncipes e os poderosos e aqueles que governam na terra prosternar-se-ão diante dele e o adorarão. Colocarão sua esperança no Filho do homem e lhe dirigirão suas preces, e invocarão sua misericórdia. (Capítulo LX 12-13).

... os anjos dos castigos celestes o alcançarão e a vingança de Deus pesará sobre aqueles que perseguiram seus filhos e seus santos... (Capítulo LX 14). Eles o bendiziam, o celebravam, o exaltavam, porque o segredo do Filho do homem lhes tinha sido revelado. E ele estava em um trono de glória... (Capítulo LXVII 38-39).

Toda iniquidade cessará, todo mal desaparecerá diante de sua face, e a palavra do Filho do homem subsistirá sozinha diante da presença do Senhor dos espíritos (Capítulo LXVII 41).

9. *Mateus 19.28.*

10. *Mateus 24.30; Marcos 13.26; Lucas 17.26-30.*

11. *Mateus 26.64.*

12. *Marcos 9.31.*

13. *Marcos 9.32.*

14. *Mateus 20.28 não é a única passagem que fala do dualismo de Deus. Ele é o Senhor "grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia... ainda que não inocenta o culpado" (Êxodo 34.6-7). Ele*

é o único "Deus bom". Ao mesmo tempo, é o "Salvador" (Isaías 45.21). É igualmente "cheio de graça e de verdade" (João 1.14). É o Deus que na ira, lembra-se da misericórdia (Habacuque 3.2). Em um precioso momento de reflexão, Miquéias dirige-se a Deus dizendo: "O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia" (Miquéias 7.18). Paulo fala sobre "a bondade e a severidade de Deus" (Romanos 11.22). Deus é capaz de "ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3.26).

Sentimos dificuldade em conciliar em nossa mente que Deus é o Juiz que pune e, ao mesmo tempo, o Misericordioso que perdoa. Mas esse é o Deus das Escrituras. Ele é o Deus que "de uma maneira maravilhosa e divina nos amou mesmo quando nos odiou". (John R. W. Stott, *The Cross of Christ* [Downers Grove, 111.: Inter Varsity Press, 1986], 131.) Ele se zanga com nosso pecado e se comove com nossas fraquezas.

Religião Inconsistente

***Condoído, Jesus tocou-lhes os olhos,
e imediatamente recuperaram a vista, e o foram seguindo.
Mateus 20.34***

Acontece nos negócios quando fabricamos produtos que ficam encalhados.

Acontece **no** governo quando mantemos departamentos inúteis.

Acontece na medicina quando a pesquisa não sai do laboratório.

Acontece na educação quando os objetivos são as notas e não o aprendizado.

E aconteceu no caminho de Jerusalém quando os discípulos de Jesus queriam impedir que os cegos se aproximassem de Cristo.

"Saindo eles de Jerico, uma grande multidão o acompanhava. E eis que dois cegos, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava, clamaram: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós!"¹

O povo repreendeu os cegos para que se calassem, mas eles gritavam mais alto ainda: "Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós!"

Jesus parou e disse aos cegos: "O que vocês querem que eu lhes faça?"

Eles responderam: "Senhor, queremos enxergar."

Jesus "tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo".²

Mateus não relata por que o povo não permitiu que os cegos se aproximassem de Jesus — mas é fácil imaginar. Desejam protegê-lo. Ele se encontra em uma missão, uma missão crítica. O futuro de Israel está em jogo. Ele é um homem importante com uma tarefa crucial. Não tem tempo a perder com indigentes à beira do caminho.

Além disso, olhe para eles. Sujos. Espalhafatosos. Desprezíveis. Inoportunos. Será que não aprenderam boas maneiras? Não têm dignidade? Essas coisas devem ser conduzidas de maneira apropriada. Que falem primeiro com Natanael, que falará com João, que falará com Pedro, que então decidirá se vale a pena aborrecer o Mestre com um assunto de tal natureza.

Porém, apesar da sinceridade, os discípulos estavam errados.

E o mesmo acontece conosco quando pensamos que Deus está atarefado demais para dar atenção aos humildes ou é formal demais para tratar de assuntos insignificantes. Quando pessoas próximas de Cristo impedem que alguém se aproxime dele, a religião torna-se vazia, oca. Religião inconsistente.

Um fato incrivelmente semelhante a esse ocorreu em um hospital de San Antônio.

Paul Loetz sofreu uma queda violenta e teve o pulmão perfurado, costelas fraturadas e lesões internas. Prostrado em uma sala de pronto-socorro, quase inconsciente, ele talvez tenha imaginado que a situação não poderia piorar ainda mais.

Mas piorou.

Deitado em seu leito, viu os dois médicos responsáveis por ele discutindo para saber quem colocaria um tubo dentro de seu peito esmagado. A discussão passou para a agressão física e um dos médicos ameaçou chamar a polícia para retirar o colega do local.

"Por favor, salvem minha vida", implorou Loetz enquanto os médicos lutavam ao lado

dele.³

Os dois médicos estavam discutindo sobre procedimentos. Enquanto brigavam, dois outros colegas assumiram a responsabilidade pelo paciente e salvaram sua vida.

Difícil acreditar nisso? Ignorar uma emergência para discutir pontos de vista? No entanto, acontece — mesmo nas igrejas. Há algum tempo recebi o telefonema de um homem que costuma ouvir meu programa de rádio. Ele cresceu num lar não-cristão. Porém, trabalha com dois cristãos de denominações diferentes. Considerei estranho o telefonema desse meu ouvinte uma vez que seus colegas eram cristãos. Ele me disse o seguinte: "Cada um diz uma coisa diferente. Tudo o que quero é encontrar a Jesus."

Acontece hoje.

Acontece quando uma igreja dedica mais tempo em discussões sobre o estilo do templo do que sobre as necessidades dos famintos. Acontece quando os membros mais ilustres da igreja se ocupam com controvérsias tolas e não com verdades sublimes. Acontece quando uma igreja é mais conhecida por sua posição diante de um determinado assunto do que por sua confiança em Deus.

Acontece hoje. E aconteceu naquela época.

Aos olhos daqueles que estavam próximos de Jesus, os cegos não tinham nenhum direito de aborrecer o Mestre. Afinal, ele está a caminho de Jerusalém. O Filho do homem está prestes a estabelecer o reino. Não tem tempo para ouvir o clamor de uns pobres cegos à beira do caminho.

E por isso, o povo os repreendia para que se calassem.

Não passam de um estorvo, aqueles cegos. Veja seus trajés. Veja como procedem. Veja como clamam por ajuda, Jesus tem coisas mais importantes a fazer do que ser importunado por pessoas insignificantes.

Jesus pensou de outra maneira. Ele condeceu-se dos cegos, "tocou-lhes os olhos e imediatamente recuperaram a vista".

Jesus ouve o clamor dos cegos apesar do burburinho ao redor. E no meio de toda a multidão, são os cegos que realmente vêem Jesus.

Os dois cegos entenderam instintivamente que Deus está mais preocupado com a pureza do coração humano do que com a perfeição de roupas ou procedimentos. Sabiam de alguma forma que a falta de método poderia ser compensada com motivo, por isso gritaram com toda a força de seus pulmões. E foram ouvidos.

Deus sempre ouve aqueles que o buscam. Posso dar um outro exemplo? Retroceda alguns séculos na História.

Ezequias, rei de Israel, que provocou um avivamento religioso naquela nação, exorta o povo a abandonar falsos deuses e retornar ao Deus verdadeiro. Exorta o povo a seguir para Jerusalém a fim de celebrar a Páscoa. Mas há dois problemas.

Primeiro, fazia muito tempo que o povo não participava da celebração da Páscoa por causa da impureza de seu coração. Ninguém está preparado para tal solenidade. Até mesmo os sacerdotes haviam adorado ídolos e descumprido a observação dos rituais necessários para a purificação.

Segundo, Deus ordenara que a Páscoa fosse celebrada no décimo quarto dia do primeiro mês. Ezequias só consegue reunir o povo no segundo mês.

Portanto a Páscoa foi realizada com um mês de atraso com a participação de pessoas de corações impuros.

Ezequias orou por elas: "O Senhor, que é bom, perdoe a todo aquele que dispôs o coração para buscar o Senhor Deus, o Deus de seus pais, ainda que não segundo a purificação exigida pelo santuário."⁴

Você entende o dilema?

Como Deus age quando o motivo é puro mas o método é incorreto?

"OuvIU o Senhor a Ezequias, e sarou a alma do povo."⁵

Mais vale um coração puro com um ritual incorreto do que um coração impuro com um ritual correto.

Algum tempo atrás, quando estava em Atlanta, Geórgia, para participar de uma conferência, telefonei para casa e conversei com Denalyn e minhas filhas. Jenna, na época com

cerca de cinco anos de idade, disse que tinha uma surpresa para mim. Levou o telefone até perto do piano e começou a tocar uma composição desconhecida.

Do ponto de vista musical, a canção deixava muito a desejar. As marteladas de Jenna nas teclas do piano abafavam o som da música. Não havia ritmo. Não havia rima nos versos. As palavras não tinham conteúdo. Tecnicamente a canção era um fracasso.

Mas para mim era uma obra-prima. Por quê? Porque Jenna a compôs especialmente para mim.

***Papai, você é maravilhoso.
Sinto muito sua falta
Quando você está longe fico triste e choro.
Volte logo para casa.***

Que pai não gostaria dessa canção? Que pai não se sentiria lisonjeado mesmo diante de uma homenagem desafinada?

Alguns de vocês devem estar franzindo as sobrancelhas. "Espere um pouco, Max. Você está dizendo que o método que utilizamos para nos aproximar de Deus é irrelevante? Está dizendo que o importante é o motivo pelo qual nos dirigimos a Deus? Que a maneira como nos aproximamos dele é relativa?"

Não, não é isso o que estou querendo dizer (mas gosto da pergunta). O ideal é que nos aproximemos de Deus com motivo certo e método certo. Às vezes fazemos isso. Às vezes as palavras de nossa oração são tão bonitas quanto o motivo que existe por trás delas. Às vezes a maneira como cantamos é tão forte quanto a razão pela qual cantamos.

As vezes nosso culto é tão atraente quanto sincero.

Porém, nem sempre é assim. Muitas vezes tropeçamos nas palavras, e nossa música é imperfeita. Muitas vezes nosso culto é inferior ao que pretendíamos. Muitas vezes nossas súplicas pela presença de Deus atraem a atenção tanto quanto as súplicas dos cegos à beira do caminho.

"Senhor, ajuda-me."

E às vezes, mesmo nos dias de hoje, discípulos sinceros nos repreenderão para que nos calemos até aprendermos a agir corretamente.

Jesus não repreendeu os cegos. Deus não disse a Ezequias para cancelar a comemoração. Eu não disse a Jenna para treinar mais um pouco e me telefonar outra vez quando estivesse apta.

Os cegos, Ezequias e Jenna, todos deram o melhor de si — e isso bastou.

"Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração."⁶

Que promessa! E ele a cumpriu com os cegos.

A última cena da história é fascinante. Os dois cegos mal vestidos, mal-cheirosos mas com olhos brilhantes estão caminhando — ou melhor, saltitando — atrás de Jesus na estrada de Jerusalém. Apontando, flores cujo perfume sempre sentiram sem nunca ter podido vê-las. Enxergando o sol cujo calor sempre sentiram sem nunca ter podido vê-lo. Irônico, dentre todas as pessoas na estrada naquele dia, eles eram os únicos com visão perfeita — mesmo antes de poder enxergar.

1. Mateus 20.29-30.

2. Mateus 20.34.

3. "Wilford Hall turf fight puts patients at risk" in *San Antônio Light*, 3/2/1990, A1, A16.

4. 2 Crônicas 30.18-19.

5. 2 Crônicas 30.20.

6. Jeremias 29.13.

SÁBADO

***Não Basta Só Trabalhar,
É Necessário Saber Parar***

***Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra.
Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus.
Êxodo 20.9-10***

Tempos atrás levei minha filha Andréa para dar um passeio. Com quatro anos de idade, ela era uma menina curiosa, portanto começamos a explorar os locais próximos à nossa casa. "Vamos conhecer novos territórios", sugeri. Confiantes, deixamos o refúgio da rua sem saída onde morávamos e partimos para regiões desconhecidas.

O capitão Kirk teria se orgulhado.

A região era totalmente nova para Andréa. Caminhamos por ruas que ela nunca havia pisado e brincamos com cães que ela nunca havia tocado. Território inexplorado. Os jardins das casas eram diferentes. As crianças pareciam mais velhas. As casas pareciam maiores.

Imaginei que toda essa mudança poderia confundi-la. Pensei que os novos locais e os novos sons poderiam gerar ansiedade.

— Você está bem? — perguntei.

— Claro.

— Sabe onde estamos?

— Não.

— Sabe como voltar para casa?

— Não.

— E não está preocupada?

Sem diminuir o ritmo de seus passos, ela segurou a minha mão e disse:

— Não preciso saber como voltar para casa. Você sabe.

Certa vez Deus fez com seus filhos o mesmo que fiz com Andréa. Levou-os a uma terra desconhecida. Fez com que marchassem atravessando o mar e guiou-os até um território inexplorado.

Os filhos de Deus não sabiam onde estavam. O deserto era estranho. Os sons eram novos e o cenário desconhecido. Mas havia algo diferente: eles não tiveram a mesma confiança de Andréa.

"Leve-nos de volta para o Egito", pediram com insistência.

Porém o Pai queria que seus filhos confiassem nele. O Pai queria que seus filhos segurassem sua mão e se tranquilizassem. O Pai queria que seus filhos deixassem de se preocupar com a situação e se contentassem por haver alguém cuidando deles.

Ele os libertou do cativeiro e abriu um caminho no mar. Enviou uma nuvem para orientá-los durante o dia e fogo para que enxergassem durante a noite. Deu-lhes alimento. Atendeu a necessidade básica de seus filhos: saciou-lhes a fome.

Havia maná para ser recolhido todas as manhãs. As codornizes retornavam todas as noites. "Confie em mim. Confie em mim e eu lhes darei tudo o que vocês necessitam." O povo foi instruído a recolher apenas a quantidade necessária para um dia. Suas necessidades seriam supridas, um dia por vez. Apesar de Deus cumprir fielmente sua promessa, o povo tinha

dificuldade em acreditar que o alimento era obra do Pai. Para eles, não havia lógica em ver o alimento e não poder armazená-lo.

"E se amanhã ele se esquecer? E se ele não voltar?" Diante disso, resolveram recolher uma quantidade a mais para o dia seguinte. Durante a noite, o alimento deteriorou-se.

"Recolham o suficiente para hoje", foi a mensagem de Deus. "Deixem que eu me preocupe com o dia de amanhã."

O Pai queria que seus filhos confiassem nele.

Na sexta-feira o povo foi instruído a recolher uma quantidade em dobro para o dia seguinte, sábado — o dia estabelecido por Deus em que a humanidade se reúne para adorar seu Criador. O alimento reservado para o sábado não se deteriorava durante a noite.

Contudo, os filhos de Deus não queriam descansar no sábado. Não havia sentido em parar e meditar quando o melhor seria levantar e trabalhar. Desobedecendo as ordens de Deus, saíram para recolher alimento.

(É curioso notar que os fatigados são os que mais relutam em descansar.)

Observe a sabedoria de Deus. Precisamos de um dia para renovar nossas forças. Precisamos de um período de 24 horas para frear as rodas e desligar o motor. Precisamos parar.

O sábado é o dia em que o povo de Deus em uma terra estranha aperta a mão do Pai e diz: "Não sei onde estou. Não sei como voltar para casa. Mas tu sabes, e isso basta."

Cerca de duas semanas atrás Andréa e eu partimos para uma nova aventura — desta vez de bicicletas. Ela acabara de aprender a se equilibrar sobre duas rodas e estava pronta para sair da rua segura onde moramos e descer a ladeira atrás de nossa casa. Nunca havia andado de bicicleta num declive.

Sentados nas bicicletas no topo da ladeira, olhamos para baixo. Para ela, aquilo parecia o monte Everest.

— Você tem certeza de que quer tentar? — perguntei.

— Acho que sim — ela respondeu com um suspiro.

— Acione os breques quando quiser parar. Não se esqueça dos breques.

— Está bem.

Pedalei até a metade do caminho e aguardei. Lá vinha ela. A bicicleta começou a ganhar velocidade. O guidão começou a tremer. Os olhos de Andréa arregalaram-se. Os pedais moviam-se com uma velocidade espantosa. Ao passar por mim ela gritou:

— Não me lembro como devo parar! Em seguida, ela bateu no meio-fio.

Se você não souber como parar, o resultado será desastroso. Aplica-se às bicicletas. Aplica-se à vida. Você sabe como parar?

Já teve a sensação de estar descendo uma ladeira de bicicleta sem saber como breicar? Já sentiu as rodas de sua vida girando a uma velocidade cada vez maior enquanto você passa pelas pessoas que ama? Não consegui se lembrar de como reduzir a velocidade até parar?

Se isso já lhe aconteceu, leia o que Jesus fez no último sábado de sua vida. Comece no evangelho de Mateus. Não encontrou nada? Tente Marcos. Leia o que Marcos escreveu a respeito do último sábado de Jesus. Também não encontrou nada? Estranho. Que tal procurar em Lucas? O que Lucas diz? Nenhuma referência àquele dia? Nenhuma palavra? Então procure em João. Certamente João menciona alguma coisa sobre o último sábado de Jesus. Também não? Nenhuma referência? Hummmm. Parece que Jesus descansou naquele dia.

— Espere um pouco. É isso mesmo? — É isso mesmo.

— Você quer dizer que tendo apenas uma semana de vida pela frente, Jesus descansou no sábado? — Pelo que sabemos, sim.

— Você quer dizer que com todos aqueles apóstolos para treinar e tanta gente para doutrinar, ele separou um dia para descansar e prestar culto ao Pai? — Aparentemente sim.

— Você está me dizendo que Jesus achou que prestar culto era mais importante do que trabalhar? — É exatamente isso o que estou lhe dizendo.

Essa é a finalidade do sábado. E essa foi a prática de Jesus. "Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, *segundo o seu costume* e levantou-se para ler."¹ Não deveríamos fazer o mesmo?

Se Jesus encontrou tempo em meio a uma agenda tumultuada para parar e descansar, não poderíamos também fazer o mesmo?

Ah! Sei o que você está pensando. Posso ver o seu rosto. Aí está você. Olhando-me pelo monitor com ar de dúvida e sobrancelhas franzidas. "Max, domingo é o único dia que tenho para colocar tudo em ordem no escritório." Ou "Boa idéia, Max, mas você ouviu o que disse o nosso pastor? Deus nos proporciona o descanso — e eu pego no sono! E o culto de adoração?" Ou "É fácil para você dizer isso, Max. Você é um pregador. Se tivesse uma esposa como a minha e filhos como os meus..." Não é fácil parar.

Parece que a atividade é sinal de maturidade. Existe uma bem-aventurança que diz "Bem-aventurados os atarefados"? Não, não existe. Mas existe um versículo que resume a vida de muitas pessoas: "Com efeito, passa o homem como uma sombra; em vão se inquieta: amontoa tesouros e não sabe quem os levará."²

Isso tem algo a ver com sua vida? É comum você ficar tão pouco em um lugar que seus amigos o vêem como uma sombra? Passa tanto tempo fora de casa que sua família está começando a questionar sua existência? Orgulha-se de uma correria à custa de sua fé?

Faz suas as palavras de Andréa? "Não me lembro como parar." Se assim for, você vai se machucar.

Pare. Se Deus ordenou, você precisa parar. Se Jesus obedeceu, você também precisa obedecer. Deus ainda fornece o maná. Confie nele. Reserve um dia para dizer não ao trabalho e sim ao culto de adoração.

Uma palavra final.

Um dos pontos de referência de Londres é a *Charing Cross*. Ela fica perto do centro geográfico da cidade e serve de orientação para quem não conhece as ruas de Londres.

Uma garotinha perdeu-se na grande cidade. Um policial a encontrou. Entre lágrimas e soluços, ela explicou que não conhecia o caminho de volta para casa. O policial perguntou se ela sabia o endereço. Não sabia. Perguntou o número do telefone; também não sabia. Mas quando ele perguntou o que ela sabia, seu rosto se iluminou.

"Sei onde está a cruz", ela disse. "Se você me mostrar a cruz, saberei encontrar o caminho de casa."

Você pode fazer o mesmo. Tenha sempre uma visão nítida da cruz em seu horizonte e encontrará o caminho de casa. A finalidade de seu dia de repouso é: descansar o corpo, porém mais importante ainda, restaurar sua visão. É um dia em que você vê o ponto de referência e consegue encontrar o caminho de casa.

Faça um favor a si mesmo. Segure a mão de seu pai e diga o mesmo que Andréa me disse: "Não sei onde estou. Não conheço o caminho de casa. Mas tu sabes, e isso basta."

1. Lucas 4.16 (*grifo meu*).

2. Salmo 39.6.

Amor Destemido

Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo.

João 12.3

Artful Eddie tinha tudo o que desejava. No campo da advocacia não havia ninguém mais astuto do que ele. Teve participação ativa na próspera década de 1920. Por ser amigo íntimo de Al Capone, ele dirigia as corridas dos cães dos gângsteres. Aprendeu a dominar a técnica simples de determinar o resultado da corrida fornecendo alimento em excesso a sete cães e apostando no oitavo.

Riqueza. Posição social. Estilo. Artful Eddie não sentia falta de nada.

Então por que se apresentou à polícia? Por que se ofereceu para denunciar Capone? Qual foi o motivo? Será que Eddie desconhecia as sérias conseqüências de denunciar um gângster?

Sabia de tudo isso, mas tomou uma decisão.

O que teria a ganhar? O que a sociedade lhe poderia oferecer além do que eleja possuía? Tinha dinheiro, poder, prestígio. Qual seria o motivo?

Eddie revelou o motivo. Seu filho. Eddie sempre viveu ao lado de pessoas desprezíveis. Durante muito tempo sentiu na pele as agruras do submundo do crime. Para seu filho, queria oferecer algo melhor. Queria dar-lhe um nome. E para dar um nome ao filho, teria de limpar o seu. Eddie estava disposto a assumir o risco para que seu filho pudesse ter uma folha corrida limpa. Artful Eddie não chegou a ver seu sonho concretizado. Após a denúncia, o gângster se vingou. Dois tiros silenciaram-no para sempre.

Valeu a pena?

Para o rapaz valeu. O filho de Artful Eddie soube dar valor ao sacrifício do pai. É uma das pessoas mais famosas do mundo.

Porém, antes de falarmos do filho, falemos da causa: amor destemido. Amor que aproveita uma oportunidade. Amor que enfrenta perigos. Amor que se expõe e deixa um legado. Amor abnegado.

Amor inesperado, surpreendente, comovente. Ato de amor que tomam de assalto o coração e deixam marcas na alma. Ato de amor que nunca se esquece.

Tal ato de amor foi presenciado na última semana da vida de Jesus. Uma demonstração de devoção que o mundo jamais esquecerá. Um ato de ternura extravagante em que Jesus não foi o doador, mas o receptor.

.

Um grupo de amigos encontra-se ao redor de Jesus. Estão sentados à mesa. A cidade é Betânia e a casa pertence a Simão.

Ele era conhecido como Simão, o leproso. Mas isso havia acabado. Agora seu nome era apenas Simão. Não sabemos quando Jesus o curou. Mas sabemos como ele era antes de ser curado

por Jesus. Ombros curvados para a frente. Mão sem dedos. Braço em chagas e costas purulentas cobertas com roupas esfarrapadas. Um trapo esconde todo o seu rosto com exceção dos olhos de olhar penetrante.

Isso, contudo, foi antes do toque de Jesus. Será que Simão foi um dos que Jesus curou após ter proferido o Sermão do Monte? Será que foi aquele único que voltou para agradecer quando Jesus curou os dez leprosos? Ou foi um dos quatro mil que Jesus ajudou em Betsaida? Ou então foi um dentre os milhares de fiéis anônimos que os autores dos evangelhos não chegaram a mencionar?

Não sabemos. Mas sabemos que ele convidou Jesus e seus discípulos para um jantar.

Um ato simples, mas que deve ter sido muito significativo para Jesus. Afinal de contas, os fariseus já estão lhe preparando uma cela no corredor da morte. Não demorará muito tempo para que apontem Lázaro como cúmplice. Pode ser que, até o fim da semana, os nomes de todos os que estão ali presentes passem a constar da lista dos procurados pela Justiça. E preciso coragem para ter dentro de casa um homem procurado pela Justiça.

Mas também é preciso coragem para colocar a mão na chaga de um leproso.

Simão não se esqueceu do que Jesus fez. Não podia esquecer. Onde antes existia um coto, agora havia um dedo para sua filha segurar. Onde antes existiam chagas purulentas, agora havia pele para sua mulher tocar. E onde antes existiam momentos de solidão, agora havia momentos como este — uma casa repleta de amigos, uma mesa farta.

Não, Simão não se esqueceu. Simão sabia o que significava encarar a morte. Sabia o que significava não ter casa para morar e também *não* receber o apoio de ninguém. Queria que Jesus soubesse que se algum dia necessitasse de uma refeição e de um local para repousar a cabeça, haveria uma casa em Betânia à sua disposição.

Outras casas não serão tão acolhedoras quanto a de Simão. Antes do término da semana, Jesus passará alguns momentos na casa do sumo sacerdote, a mais bela de Jerusalém. Três celeiros no quintal e uma vista panorâmica para o vale. Mas Jesus não verá nada disso, verá apenas testemunhas falsas, ouvirá mentiras e receberá bofetadas no rosto.

Não encontrará hospitalidade na casa do sumo sacerdote.

Antes do término da semana, Jesus visitará os aposentos de Herodes. Aposentos elegantes. Servos por toda parte. Talvez haja frutas e vinho sobre a mesa. Mas Herodes não oferecerá nada disso a Jesus. Herodes quer ver uma mágica. Um espetáculo corriqueiro. "Mostre-me um milagre, caipira", ele alfinetará. Os guardas acharão graça.

Antes do término da semana, Jesus visitará a casa de Pilatos. Oportunidade rara de estar na sala de visitas do procurador de toda a nação israelita. Deveria ser uma honra. Deveria ser um momento inesquecível, mas não será. Trata-se de um momento que o mundo preferiria esquecer. Pilatos tem a oportunidade de realizar o maior ato de misericórdia do mundo — mas não realiza. Deus está em sua casa, mas Pilatos não o vê.

Não podemos deixar de perguntar: *E se?* E se Pilatos tivesse partido em defesa do inocente? E se Herodes tivesse pedido ajuda a Jesus e não um espetáculo? E se o sumo sacerdote tivesse se preocupado com a verdade tanto quanto se preocupava com sua posição? E se um deles tivesse virado as costas à multidão, olhado para Jesus e assumido uma posição em defesa dele?

Mas ninguém fez isso. A montanha do prestígio era alta demais. A queda seria grande demais.

Mas Simão fez isso. O amor destemido agarra o momento. Simão aproveitou a oportunidade. Ofereceu uma boa refeição a Jesus. Não uma ótima refeição, porém melhor do que as costumeiras. E quando Jesus foi acusado pelos sacerdotes e esbofeteado pelos soldados, talvez ele tenha se lembrado do gesto de Simão e adquirido força.

E quando Jesus se lembrou da refeição oferecida por Simão, talvez tenha se lembrado do gesto de Maria. Provavelmente ainda podia sentir o perfume.

Certamente que podia. Tratava-se de um perfume valioso. Importado. Concentrado. Aroma delicioso. Forte o suficiente para perfumar a roupa de um homem durante dias.

Pergunto a mim mesmo se, entre uma bofetada e outra, ele não teria revivido aquele momento. E quando se agarra na pilastra romana e se firma no lugar para receber o próximo açoite

nas costas, teria se lembrado do bálsamo em contato *com* sua pele? Será que teria visto, em meio às mulheres que o fitavam, o rosto pequeno e delicado de Maria, sua benfeitora?

Ela era a única que acreditava nele. Sempre que ele falava de sua morte, as outras pessoas davam de ombros, duvidavam, mas Maria acreditava. Maria acreditava porque ele falou com uma firmeza que ela já ouvira antes.

"Lázaro, vem para fora!" ele ordenara, e o irmão de Maria saiu do túmulo. Depois de estar quatro dias em uma sepultura fechada com uma pedra, ele saiu caminhando.

E quando Maria beijou as mãos, agora cheias de vida, de seu irmão morto há poucos dias, ela se virou e olhou. Jesus estava sorrindo. As lágrimas haviam secado e os dentes brilhavam em meio aos fios de barba. Ele estava sorrindo.

E em seu coração, Maria tinha a certeza de que nunca duvidaria das palavras de Jesus.

Portanto, quando ele falou de sua morte, ela acreditou.

E quando ela viu os três juntos, não conseguiu resistir. Simão, o leproso curado, atirando a cabeça para trás numa gargalhada. Lázaro, o ressuscitado, inclinando-se para ouvir melhor as palavras de Jesus. E Jesus, que dera vida a ambos, começando a rir pela segunda vez.

"Este é o momento certo", ela disse a si mesma.

Não foi um ato impulsivo. Ela carregara o grande frasco de perfume de sua casa até a de Simão. Não foi um gesto automático. Mas foi uma extravagância. O perfume valia um ano de salário. Talvez fosse a única coisa de valor que ela possuía. Não havia lógica em fazer isso, mas desde quando o amor é movido pela lógica?

A lógica não comovera Simão.

O bom senso não chorara diante do túmulo de Lázaro.

A praticidade não alimentara as multidões nem amara as crianças. O amor fez tudo isso. Amor extravagante, destemido, oportuno.

E agora alguém necessita demonstrar o mesmo ao doador de tanto amor.

E Maria fez isso. Com o frasco na mão, postou-se atrás de Jesus. Dentro de instantes todas as bocas silenciaram-se e todos os olhos arregalaram-se ao vê-la retirar, com os dedos nervosos, a elegante tampa do frasco.

Somente Jesus não notou sua presença. Assim que ele viu todos os olhares voltados para atrás de si, ela começou a derramar o bálsamo. Sobre a cabeça de Jesus. Sobre seus ombros. Pelas suas costas.

A fragrância inundou o ambiente. Os aromas de ervas e carne cozida desapareceram diante do perfume do bálsamo.

"Onde quer que estiveres", o gesto parecia dizer, "sente o aroma e lembre-se de quem zela por ti."

Na pele de Jesus a fragrância da fé. Em suas roupas o aroma da confiança. Mesmo enquanto os soldados repartiam as vestes de Jesus, o gesto de Maria continuou a exalar perfume.

Os outros discípulos zombaram de tal extravagância. Consideraram-na uma tolice. Irônico. Jesus os salvara de se afundarem no barco durante uma tempestade no mar. Capacitara-os para curar e pregar o evangelho. Dera sentido às suas vidas confusas. Eles, os recebedores de um amor ilimitado, censuraram a generosidade de Maria.

"Por que desperdiçar aquele perfume? Poderia ser vendido por um bom dinheiro e repassá-lo aos pobres", disseram com um sorriso maldoso.

Observe a pronta defesa de Jesus a Maria. "Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo."¹

A mensagem de Jesus é tão poderosa hoje quanto naquela época. Observe: "Existe um tempo para o amor destemido. Existe um tempo para gestos extravagantes. Existe um tempo para derramar seus afetos sobre quem você ama. E quando esse tempo chegar — agarre-o, não o deixe escapar."

O jovem marido está empacotando os pertences de sua mulher. A missão é solene. Seu coração está pesaroso. Ele nunca imaginou que ela morreria tão jovem. Porém o câncer veio com tudo, rapidamente. No fundo da gaveta, ele encontra uma caixa. Dentro um *négligé*. Sem uso. Ainda embrulhado em papel. "Ela estava sempre aguardando uma ocasião especial", ele diz a si

mesmo, "sempre aguardando..."

O rapaz na bicicleta se revolta ao observar a zombaria dos estudantes. É de seu irmão mais novo que eles estão rindo. O rapaz sabe que deve se intrometer e defender o irmão, mas... aqueles estudantes são seus amigos. O que pensarão? E por se importar com o que eles pensam, o rapaz dá meia volta e segue pedalando.

O marido olha para a estojó de jóias e pensa racionalmente: "Sei que ela quer esse relógio, mas é muito caro. Ela é uma mulher prática, compreenderá. Hoje comprarei o bracelete. O relógio... algum dia."

Algum dia. O inimigo do amor destemido é uma serpente cuja língua domina com maestria a linguagem da decepção. "Algum dia", ela sussurra.

"Algum dia, eu a levarei para fazer uma viagem de navio."

"Algum dia, terei tempo para telefonar e bater um papo."

"Algum dia, as crianças compreenderão por que sou tão ocupado."

Mas você sabe a verdade, não sabe? Sabe antes de eu tê-la escrito. Pode dizê-la melhor do que eu.

Esse algum dia nunca chegará.

E o preço da praticabilidade às vezes é maior do que a extravagância.

Porém as recompensas do amor destemido são sempre maiores que seu custo.

Vá em frente. Invista no tempo. Escreva a carta. Peça desculpas. Faça a viagem. Compre o presente. Faça isso. A oportunidade aproveitada traz alegria. A oportunidade perdida traz arrependimento.

A recompensa foi grande para Simão. Ele teve o privilégio de proporcionar descanso àquele que fez o mundo. O gesto de Simão jamais será esquecido.

Nem o de Maria. Jesus prometeu: "Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua."²

Simão e Maria: Exemplos de amor destemido demonstrados no momento certo.

Isso nos leva de volta a Artful Eddie, o advogado de Chicago que denunciou Al Capone para que seu filho pudesse ter uma oportunidade digna. Se Eddie tivesse vivido para ver seu filho Butch crescer, sentir-se-ia orgulhoso.

Teria orgulho ao ver Butch ser designado para Annapolis. Teria orgulho ao vê-lo galgar a posição de piloto na Segunda Guerra Mundial. Teria orgulho ao ler que seu filho afundou cinco bombardeiros em uma noite no Pacífico, salvando a vida de centenas de tripulantes do porta-aviões Lexington. O nome foi limpo. A Medalha de Honra do Congresso recebida por Butch foi a prova disso.

Quando as pessoas pronunciam o nome O' Hare em Chicago, não pensam em gângsteres — pensam em um herói da aviação. E agora quando você pronuncia o nome O'Hare, tem algo a mais em que pensar. Pense nos infinitos dividendos do amor destemido. Pense nisso na próxima vez que ouvir esse nome. Pense nisso na próxima vez que estiver no aeroporto que leva o nome do filho de um gângster reformado.

O filho de Eddie O' Hare.

1. Mateus 26.10. Mateus narra no capítulo 26 uma história que cronologicamente deveria estar no capítulo 20. O evangelho de João menciona que a unção feita por Maria em Betânia aconteceu na noite de sábado (João 12.1). Por que Mateus aguarda tanto tempo para registrar essa história? Parece que às vezes ele considera o tema mais importante do que a cronologia. Na última semana de vida de Jesus há muitos acontecimentos tristes. Os capítulos 26 e 27 entoam um canto pesaroso de traições. Primeiro são os líderes, depois Judas, depois os apóstolos, Pedro, Pilatos e finalmente todo o povo se volta contra Jesus. Talvez no intuito de contar uma bela história de fé em meio a tantas de traição, Mateus aguarda até o capítulo 26 para falar de Simão e Maria.

2. Mateus 26.13.

DOMINGO

O Dono do Jumentinho

***E, se alguém vos disser alguma coisa,
respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará.***

Mateus 21.3

Quando chegarmos ao lar celestial, sei o que quero fazer. Há alguém que desejo conhecer. **Você** irá adiante e conversará com Maria ou falará sobre doutrinas com Paulo. Eu me encontrarei com você logo a seguir. Mas antes, desejo conhecer o dono do jumentinho.

Não sei seu nome nem com quem ele se parece. Só sei uma coisa: o que ele ofereceu. Ofereceu um jumentinho para Jesus no domingo em que ele entrou em Jerusalém.

"Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendeí-a e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará."¹

Quando todos nós chegarmos ao céu, quero visitar esse homem. Tenho algumas perguntas a lhe fazer.

Como você sabia? Como sabia que era Jesus quem necessitava de um jumentinho? Você teve uma visão? Recebeu um telegrama? Apareceu um anjo em seu prato de lentilhas?

Foi difícil entregar o jumentinho? Foi difícil oferecer algo útil para Jesus? Quero fazer perguntas desse tipo porque sinto dificuldades semelhantes. Às vezes gosto de preservar meus animais. Às vezes, quando Deus deseja algo de mim, ajo como se não soubesse que ele necessita disso.

Como você se sentiu? Como se sentiria ao ver Jesus montado no jumentinho que vivia em seu estábulo? Sentir-se-ia orgulhoso? Surpreso? Aborrecido?

Você sabia? Tinha idéia de que sua generosidade seria utilizada para um fim tão nobre? Já lhe havia ocorrido que Deus montaria em seu jumentinho? Sabia que os quatro autores dos evangelhos contariam sua história? Chegou a imaginar que quase dois milênios depois, um pregador curioso do sul do Texas estaria meditando altas horas da noite sobre sua atitude?

Enquanto medito sobre a sua, penso também sobre a minha. As vezes tenho a impressão que Deus deseja que eu lhe ofereça algo e às vezes recuso-me a isso porque não tenho absoluta certeza, e então sinto-me mal por ter perdido uma oportunidade. Outras vezes sei que ele deseja algo de mim, mas não lhe ofereço porque sou muito egoísta. E outras vezes ainda, poucas vezes, atendo ao seu pedido e sinto-me honrado em oferecer um presente que seria usado para transportar Jesus de um lugar para outro. E mais: sempre me pergunto se minhas pequenas dádivas de hoje chegarão a fazer alguma diferença no cômputo geral.

Talvez você também tenha essas dúvidas. Todos nós temos um jumentinho. Você e eu temos algo em nossa vida, que, se fosse devolvido a Deus, poderia, como o jumentinho, transportar Jesus e sua história ao longo da estrada. Talvez possa cantar, abraçar alguém, programar um computador, aprender a falar suaíle ou preencher um cheque.

Seja lá o que for, é o seu jumentinho.

Seja lá o que for, seu jumentinho pertence a ele.

Pertence a ele de verdade. Seus talentos pertencem a ele, e o jumentinho era dele. O texto

original das instruções que Jesus deu a seus discípulos é prova disso: "Se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles."

A linguagem utilizada por Jesus é a linguagem de alguém pertencente à realeza. Tratava-se de uma lei antiga que obrigava o cidadão a ceder ao rei qualquer objeto ou serviço que ele ou um de seus emissários solicitasse.² Ao fazer aquele pedido, Jesus está afirmando que é rei. Está falando como alguém que tem autoridade. Está dizendo que *como* rei ele tem direito a qualquer bem de seus súditos.

Talvez Deus queira montar em seu jumentinho para atravessar os muros de outra cidade, outro país, outro coração. Você permitiria? Entregaria o jumentinho a ele? Ou hesitaria?

O homem que deu o jumentinho a Jesus é apenas um da longa lista de pessoas que ofereceram coisas insignificantes a Deus. A Bíblia tem uma extensa galeria de doadores de jumentinhos. No céu deve haver um santuário para reverenciar coisas comuns que Deus utiliza de forma incomum.

É um lugar que *você* não vai querer deixar de conhecer. Dê uma volta por ali e veja a corda de Raabe, o cesto de Paulo, a funda de Davi e a queixada utilizada por Sansão. Coloque a mão ao redor da vara que dividiu o mar ao meio e feriu a rocha. Cheire o bálsamo que suavizou a pele de Jesus e animou seu coração. Encoste a cabeça no mesmo manto sobre o qual Cristo descansou no barco e passe a *mão* ao longo da madeira lisa da manjedoura, macia como a pele de um bebê. Ou, então, coloque o ombro sob a pesada viga romana, tão grosseira quanto o beijo de um traidor.

Não sei se todos esses objetos estarão lá. Mas tenho certeza de uma coisa — as pessoas que os utilizaram estarão.

Os corajosos: Raabe que abrigou o espião. Os irmãos que transportaram Paulo às escondidas.

Os vencedores: Davi, atirando uma pedra com a funda. Sansão, golpeando com uma queixada. Moisés, levantando uma vara.

Os benfeitores: Maria aos pés de Jesus. O que ela lhe ofereceu era caro, mas Maria sabia instintivamente que aquilo que Jesus ofereceria custaria muito mais.

O discípulo anônimo no barco. Ele preparou uma cama no barco para que o Mestre pudesse descansar.

E o estranho peregrino à beira da Via-Crucis. Pelas informações que temos, ele sabia muito pouco. Sabia apenas que as costas açoitadas e ensangüentadas de Jesus estavam exaustas e que as suas eram fortes. Por isso, quando o soldado o apontou, ele se apresentou.

Um grupo e tanto, não? Mordomos competentes que entenderam que seus bens pertenciam a Deus e os colocaram à sua disposição todas as vezes que precisou. Meeiros da vinha que sabiam quem era o legítimo dono. Estudantes leais que sabiam quem estava pagando suas mensalidades escolares.

Eis um outro exemplo: Um professor de Escola Dominical do século passado que conduziu um vendedor de calçados a Cristo. O nome do professor você nunca ouviu: Kimball. O nome do vendedor de calçados que ele converteu você conhece: Dwight Moody.

Moody tornou-se evangelista e exerceu grande influência na vida de um jovem pregador chamado Frederick B. Meyer. Meyer começou a pregar nas faculdades e, durante suas pregações, converteu J. Wilbur Chapman. Chapman passou a trabalhar com a Associação Cristã de Moços e organizou a ida de um ex-jogador de beisebol chamado Billy Sunday a Charlotte, Carolina do Norte, para realizar um reavivamento espiritual. Um grupo de líderes comunitários de Charlotte entusiasmou-se de tal maneira com o reavivamento que planejou outra campanha evangelística, convidando Mordecai Hamm para pregar na cidade. Durante essa campanha um jovem chamado Billy Graham entregou sua vida a Cristo.

Será que o professor de Escola Dominical de Boston imaginava qual seria o resultado de sua conversa com o vendedor de calçados? Não, Mas da mesma forma que o dono do jumentinho, ele teve a oportunidade de ajudar Jesus a penetrar em outro coração.

Alguns anos atrás participei de uma campanha evangelística no Havaí. (Bem, alguém precisa visitar lugares desertos como esse!) Minha missão era bater de porta em porta e convidar o povo para nossas reuniões noturnas. A maioria das pessoas era gentil, porém não demonstrava

muito interesse. Embora não nos tratassem com aspereza, não nos convidavam para entrar. Foi então que conheci uma senhora encantadora cujo nome só não foi mencionado na Bíblia porque ela nasceu dois mil anos depois.

Não sei seu nome, mas lembro-me de sua presença — e de seus presentes.

Era uma senhora delicada. Pequenininha. Oriental. Ombros curvados pelos anos. Uma senhora de poucas posses que trabalhava como criada em um dos muitos hotéis daquela região litorânea. Ao saber que estávamos falando de Cristo ao povo, a senhora insistiu para que a visitássemos a fim de constatar como ela estava tentando influenciar suas colegas de trabalho. Entramos num cômodo de fundos. Ali havia uma mesa grande repleta de recortes de papéis. Cola. Tinta. Molduras de madeira. Porém, na maior parte do cômodo havia peças de madeira esculpidas no formato de um grande livro aberto.

Ela nos disse que não podia ler, portanto seria difícil doutrinar alguém. Explicou que, pelo fato de receber um salário irrisório, não tinha condições de contribuir com dinheiro para o trabalho de evangelização. Aprendera essa arte em algum lugar e a estava utilizando para transmitir sua fé a seus amigos. O plano era simples. De um dos lados do livro de madeira ela colava uma fotografia Polaroid do amigo ou amiga. Do outro lado, colocava um versículo da Bíblia.

Sua lógica? Todos adoravam ver suas próprias fotos. Quase todos os amigos daquela senhora eram pessoas humildes cujas casas tinham poucos enfeites. Ali estava uma maneira de pendurar um versículo bíblico na parede da casa onde pudessem vê-lo diariamente. Daria resultado? Nunca se sabe.

Mas Deus sabe. Deus utiliza pequenas sementes para realizar grandes colheitas. É no lombo de jumentinhos que ele monta — não em cavalos garbosos ou carruagens — simples jumentinhos.

Se eu tivesse feito perguntas à senhora havaiana, ela teria respondido: Ele sempre precisa de nós. Somos a sua boca. Somos as suas mãos." Posso ver a felicidade estampada em seu rosto, sentindo-se honrada porque seus singelos presentes foram escolhidos por um rei.

Não foi necessário lhe perguntar: "É difícil? É difícil oferecer algo a Deus?" A resposta estava em seu sorriso.

E aquela última pergunta? Não, também não precisei fazê-la. "A senhora acha que daqui a dois mil anos..." Ela não tem meios de saber. O dono do jumentinho não tinha. Sansão não tinha. Moisés e Raabe não tinham. O vendedor de calçados não tinha, e nós também não temos. Nenhum plantador de sementes pequenas tem meios de saber qual será o resultado de sua colheita.

Mas não se surpreenda se no céu, perto da funda de Davi, da vara de Moisés e da corda do jumentinho, você encontrar um livro de madeira com uma fotografia e um versículo.

SEGUNDA-FEIRA

Mercenários e Hipócritas

***A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém,
a transformais em covil de salteadores.***

Mateus 2 1.13

Speedy Morris é o treinador de basquete da Universidade LaSalle. Ele estava se barbeando quando sua mulher lhe disse que alguém da revista *Sports Illustrated* o estava chamando pelo telefone. Entusiasmado com a perspectiva de se tornar conhecido em todo o país, Morris apressou-se e cortou o rosto com a lâmina. Não querendo deixar a pessoa na linha por muito tempo, saiu correndo do banheiro, perdeu o equilíbrio e rolou escada abaixo. Mancando, com o rosto ensaboado e sangrando, ele finalmente alcançou o telefone.

— *Sports Illustrated?* —, perguntou ofegante.

Imagine a decepção de Morris ao ouvir uma voz grossa do outro lado da linha responder:

— Sim, por menos de um dólar por edição o senhor poderá fazer a assinatura anual da revista...¹

E duro sofrer um desapontamento. É decepcionante imaginar que alguém está interessado em nós e depois constatar que tal pessoa só está interessada em nosso dinheiro. Quando os vendedores fazem isso, é irritante — mas quando pessoas religiosas fazem isso, pode ser desolador.

É triste mas é verdade: utilizar a religião para obter lucro e prestígio. Quando isso acontece, há duas conseqüências: o povo é explorado e Deus se zanga.

O melhor exemplo disso foi o que aconteceu no templo. "E, quando [Jesus] entrou em Jerusalém, no templo, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze."²

Entendeu? O templo foi o primeiro lugar ao qual Jesus se dirigiu quando chegou em Jerusalém. Ele acabara de percorrer as ruas da cidade, tendo recebido as honras de um rei. Era domingo, o primeiro dia da semana da Páscoa dos judeus. Centenas de milhares de pessoas aglomeraram-se nas estreitas ruas de pedra. Uma multidão de peregrinos lotou o centro comercial da cidade. Jesus abriu caminho por entre um mar de pessoas enquanto a noite se aproximava. Entrou no templo, olhou ao redor e saiu.

Quer saber o que ele viu? Leia, então, o que fez na segunda-feira, na manhã seguinte quando retornou ao templo. "Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores."³

O que ele viu? Mercenários. Mascates da fé. O que provocou a ira de Jesus? Qual foi seu primeiro pensamento na segunda-feira? Pessoas comercializando religião dentro do templo.

Transcorria a semana da Páscoa. A Páscoa era o ponto alto do calendário judeu. Chegavam pessoas de todas as religiões e de muitos países para participar da celebração. Ao chegarem, eram obrigadas a cumprir duas exigências.

Primeira, um animal para ser sacrificado, geralmente uma pomba. A pomba tinha de ser

perfeita, sem nenhum defeito. O animal podia ser trazido de qualquer lugar, contudo dizia-se que se alguém trouxesse um sacrifício de fora, seria considerado impróprio pelas autoridades do templo. Portanto, sob o pretexto de sacrificar animais puros, os vendedores comercializavam pombas — ao preço estabelecido por eles.

Segunda, as pessoas tinham de pagar uma taxa, o imposto do templo, cobrado anualmente. Durante a Páscoa o imposto tinha de ser pago em moeda local. Sabendo que muitos estrangeiros viriam a Jerusalém para pagar o imposto, os cambistas instalavam mesas no templo e se ofereciam para trocar a moeda de outro país pela moeda local — a um preço razoável, evidentemente.

Não é difícil descobrir o que provocou a ira de Jesus. Os peregrinos viajavam dias para louvar a Deus, para testemunhar Sua Santidade, adorar Sua Majestade. Todavia, antes de serem levados à presença de Deus, passavam pelos embusteiros. O que havia sido prometido e o que acontecia eram coisas completamente diferentes.

Quer despertar a ira de Deus? Intrometa-se no caminho das pessoas que desejam vê-lo. Quer sentir sua fúria? Explore o povo em nome de Deus.

Tome nota. Os religiosos mercenários acendem o fogo da ira divina.

"Basta", estava escrito no semblante do Messias. E então ele se enfureceu. As pombas voaram assustadas e as mesas tombaram. O povo fugiu apressado e os negociantes se dispersaram.

Não foi um ato impulsivo. Não foi um acesso de raiva. Foi um ato deliberado com uma mensagem intencional. Jesus vira os cambistas no dia anterior. Dormira com as imagens do dia na mente e os gritos dos cambistas na memória. E, ao acordar na manhã seguinte, sabendo que seus dias chegavam ao fim, decidiu deixar claro: "Vocês se aproveitam de meu povo e me provocam a dar uma resposta." Deus jamais considerará inocentes aqueles que exploram quem tem o privilégio de lhe prestar culto.

.

Alguns anos atrás fui ao aeroporto de Miami para buscar um amigo. Enquanto caminhava até o terminal, uma pessoa convertida a uma religião oriental chamou minha atenção.

Você sabe do tipo que estou falando: colares, sandálias, sorriso congelado, carregando pilhas de livros.

— Senhor — ela disse. (Eu deveria ter continuado a caminhar.)

— Um momento, senhor, por favor. — Bem, eu tinha um momento. Estava adiantado e o vôo atrasado, portanto que mal haveria? (Eu deveria ter continuado a caminhar.)

Parei e ela começou sua ladainha. Disse que era professora e que sua escola estava comemorando aniversário de fundação. Para homenagear o evento, estavam distribuindo um livro que explicava a filosofia da escola. Ela colocou um exemplar em minha mão. Um livro grosso com uma capa mística. Um sujeito com aparência de guru sentado no chão com as pernas cruzadas e as mãos entrelaçadas.

Agradei o livro e comecei a me distanciar dela.

— Senhor? — Parei. Sabia o que viria.

— O senhor gostaria de fazer um donativo à nossa escola?

— Não — respondi —, mas obrigado pelo livro.

Continuei o meu caminho. Ela me seguiu e bateu em meu ombro.

— Senhor, todos fizeram um donativo ao receber o presente.

— Tudo bem — respondi —, mas não farei isso. Gostei do livro. — Virei e comecei a caminhar. Nem bem havia dado o primeiro passo quando ela se dirigiu a mim novamente. Desta vez estava agitada.

— Senhor — disse abrindo a bolsa para que eu pudesse ver as notas e moedas. — Se o senhor fosse sincero em seu agradecimento, teria me dado algum dinheiro.

Aquilo era um acinte. Uma covardia. Um insulto. Não costumo usar poucas palavras, mas não pude resistir.

— Poderia até ter dado — retruqueei —, mas se você fosse sincera não teria me oferecido um

presente e depois pedido para pagar por ele.

Ela tentou alcançar o livro, mas coloquei-o debaixo do braço e prossegui meu caminho.

Uma pequena vitória contra o mastodonte do mercenarismo.

Lamentavelmente, os mercenários levam mais vantagens do que desvantagens. E, mais lamentável ainda, os mercenários disfarçam-se de cristãos tanto quanto os seguidores de religiões orientais.

Você já viu alguns deles. Fala mansa. Vocabulário eloqüente. Ar de sinceridade. Estão na TV. Estão no rádio. Talvez até no púlpito de sua igreja.

Posso falar com franqueza?

É chegado o tempo em que não podemos mais tolerar os mercenários religiosos. Os caçadores de "dinheiro sagrado" denegriram a reputação do Cristianismo. Enlamearam os altares e estilhaçaram os vitrais. Manipulam os incautos. Não são governados por Deus; são governados pela ganância. Não são conduzidos pelo Espírito; são movidos pela vaidade. São impostores pegajosos que transpiram emoção e fracassam em doutrina. Deturpam a fé para conseguir dinheiro e extorquem os fervorosos para obter uma recompensa. Nosso mestre os desmascarou e devemos fazer o mesmo.

Como? Reconhecendo-os. Duas características os identificam. Primeira, dão mais ênfase ao dinheiro do que ao Senhor.

Algumas pessoas da igreja de Creta estavam tirando proveito dos crentes ingênuos. Paulo falou firme a respeito delas. "É preciso fazê-los calar, porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância."⁴

Ouçã com atenção o evangelista que prega na TV. Analise as palavras do pregador que fala no rádio. Observe a ênfase da mensagem. Qual é a preocupação principal? Sua salvação ou seu donativo? Acompanhe atentamente o que está sendo dito. O dinheiro é uma necessidade premente? Prometem saúde se você contribuir e inferno se não contribuir? Se assim for, ignore-os.

Uma segunda característica dos vigaristas eclesiásticos: constróem coisas materiais e não fé.

Os curandeiros recomendam que fiquemos longe das farmácias. Não querem que experimentemos outros tratamentos. Os mercenários também. Apresentam-se como os aproveitadores que a Igreja Primitiva não conseguiu engolir, mas na realidade, são lobos solitários à espreita da próxima vítima.

Patentearam uma forma de abordagem e desejam protegê-la. A religião em que se baseiam é seu único meio de sustento. Somente eles podem proporcionar o que necessitamos. Suas panacéias resolvem todos os nossos males. Assim como os vendedores de pombas não aceitavam aves que não fossem as deles, os mercenários não aceitam religião que não seja a deles.

Seu objetivo é manter uma clientela de contribuintes leais.

"Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles, porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e, sim, a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos."⁵

O sentimento de Cristo na segunda-feira é de indignação. Por esse motivo, não sinto remorso nenhum em desafiar você a desmascarar esses indivíduos. Ao longo dos séculos Deus tem eliminado os construtores de castelos de areia. Devemos fazer o mesmo.

Se não fizermos, poderá acontecer novamente.

Ninguém imaginava que aquilo aconteceria. Principalmente naquela igreja. Era um modelo de congregação. Havia uma piscina aquecida à disposição das crianças carentes. Cavalos para as crianças da cidade montar. A igreja fornecia bolsas de estudos e providenciava alojamento para os cidadãos idosos. Havia ainda abrigo para animais, posto médico, atendimento médico em domicílio e um programa de reabilitação para drogados.

Walter Mondale escreveu que o pastor era uma "inspiração para todos nós". O Secretário da Saúde, Educação e Bem-Estar mencionou o papel importante do pastor. Foi dito que "ele sabia como transmitir esperança. Preocupava-se com os necessitados, aconselhava prisioneiros e jovens delinqüentes. Organizou uma agência de empregos; inaugurou asilos e casas para retardados; tinha uma clínica médica; estabeleceu um centro de treinamento vocacional; providenciou

assistência jurídica grátis; fundou um centro comunitário; pregava sobre Deus. Chegou a dizer que expulsava demônios, fazia curas e milagres".⁶

Palavras grandiosas. Eis um resumo de alguém que parecia ser um poderoso líder espiritual de sua igreja. Onde está aquela congregação hoje? Que trabalhos está realizando?

A igreja está morta... literalmente.

A morte aconteceu no dia em que o pastor convocou os membros para comparecerem no pavilhão. Eles ouviram uma voz hipnotizadora pelo sistema de alto-falante instalado em todas as partes da fazenda. O pastor sentou-se em sua enorme cadeira e, com um microfone na mão, falou da beleza da morte e da certeza de que todos se encontrariam novamente.

O povo estava cercado por guardas armados. Foi trazida uma grande vasilha de cianureto de potássio. A maioria dos congregados ingeriu o veneno sem oferecer resistência. Os que resistiram foram forçados a ingeri-lo.

Primeiro foi a vez dos bebês e das crianças — cerca de 80 — ingerirem o veneno. Depois foi a vez dos adultos — homens e mulheres, líderes e seguidores, e por último o pastor.

Durante alguns minutos houve um profundo silêncio. Em seguida, começaram as convulsões, e os gritos alcançaram o céu da Guiana, confusão por todos os lados. Em questão de minutos, tudo terminou. Os membros do Templo do Povo da Igreja Cristã estavam mortos. Todos os 780.

E morto também estava seu líder, Jim Jones.

Preste atenção: existem mercenários na casa de Deus. Não se deixe enganar pelas aparências. Não se entusiasme com suas palavras. Tome cuidado. Lembre-se de como Jesus purificou o templo. Os mais próximos do templo talvez sejam os mais distantes dele.

118. **1. Harvey Jr., Paul (ed) *Paul Harvey's For What It's Worth*, (Nova York: Bantam Books, 1991), p.**

2. Marcos 11.11.

3. Mateus 21.12-13.

4. Tito 1.11.

5. Romanos 16.17-18.

6. Mel White, *Deceived*, conforme citado em John MacArthur, Jr. *The MacArthur New Testament Commentary, Matthew 1-7*, Chicago: Moody Press, 1985, p. 462.

Coragem para Sonhar Novamente

Se tiverdes fé..., tal sucederá.

Mateus 21.21

Hans Babblinger, cidadão de Ulm, Alemanha, queria voar. Queria desafiar a lei da gravidade. Queria planar como um pássaro.

Problema: Ele vivia no século 16. Não existiam aviões, helicópteros nem máquinas voadoras. Era um sonhador com planos avançados demais para a época. Queria o impossível.

Hans Babblinger, contudo, dedicou-se a uma profissão cujo objetivo era ajudar as pessoas a conseguir o impossível. Ele fabricava pernas e braços artificiais. Trabalhava continuamente porque naquela época a amputação era uma solução comum para certas enfermidades ou ferimentos. Sua tarefa consistia em ajudar os deficientes a vencer os obstáculos.

Babblinger sonhava fazer o mesmo para si.

Com o passar do tempo, usou suas habilidades para construir um par de asas. Breve chegou o dia de testá-las nas montanhas dos Alpes da Bavária. Ótimo local. Escolha auspiciosa. As correntes ascendentes de ar são comuns naquela região. Em um dia memorável, sob o brilho do sol e os olhares dos amigos, ele saltou do patamar de uma montanha e chegou são e salvo ao solo.

Seu coração vibrou de alegria. Os amigos aplaudiram. E Deus regozijou-se.

Como sei que Deus se regozijou? Porque Deus sempre se regozija quando ousamos sonhar. Na verdade, quando sonhamos assemelhamo-nos muito a Deus. O Mestre exulta diante de coisas novas. Encanta-se ao eliminar coisas velhas. Escreveu o Livro sobre como tornar possível o impossível.

Exemplos? Constate no Livro.

Pastores de 80 anos normalmente não fazem faraós de tolos... mas não diga isso a Moisés.

Pastores adolescentes normalmente não enfrentam gigantes... mas não diga isso a Davi.

Pastores que guardam o rebanho durante as vigílias da noite normalmente não ouvem anjos cantar nem têm a oportunidade de visitar Deus no estábulo... mas não diga isso aos pastores de Belém.

E, acima de tudo, não diga isso a Deus. Ele eternizou o fato de fazer voar o que estava preso à terra. E zanga-se quando as asas do povo são podadas. Essa é a mensagem da história da figueira, uma cena peculiar envolvendo uma figueira sem frutos, o monte e o mar.

Jesus e seus discípulos dirigiam-se para Jerusalém na segunda-feira de manhã após passarem a noite em Betânia. Ele estava com fome e avistou uma figueira à beira da estrada. Ao aproximar-se da figueira, constatou que, apesar de ter folhas, a árvore não tinha frutos. A figueira sem frutos o fez lembrar do que presenciara no templo no domingo e no que faria nesse mesmo templo ainda naquele dia.¹

Por isso, condenou a árvore. "Nunca mais nasça fruto de ti." A árvore secou imediatamente.

No dia seguinte, terça-feira, os discípulos vêem o que aconteceu com a árvore. Ficam admirados. No dia anterior, a árvore estava viçosa e cheia de vida: agora está seca e morta.

"Como pôde secar tão depressa?" perguntaram.

E Jesus lhes respondeu: "Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não

somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis."²

Na história, você não encontrará as palavras sonho, voar ou asa. Porém, se analisar atentamente verá a história de um Deus que convoca os Babblers do mundo a subir na montanha e testar suas asas. Verá também um Deus que despreza aqueles que colocam os sonhadores em uma gaiola e guardam a chave no bolso.

Faminto a caminho de Jerusalém, Jesus pára a fim de ver se há figos na figueira. Não há. Ela tem a aparência de uma árvore viçosa, mas não oferece nada. Só promessa e nada mais. O simbolismo é muito definido para Jesus ignorar.

Na segunda-feira de manhã ele faz com a árvore o mesmo que fará no templo na segunda-feira à tarde: amaldiçoa. Observe, ele não se zanga com a árvore. Zanga-se com o que ela representa. Jesus repele os crentes mornos, indiferentes, inúteis que têm pompa mas não têm objetivo. Não produzem frutos. Esse ato simples desce a lâmina da guilhotina sobre o pescoço da religião sem sentido.

Quer um exemplo vivido disso? Reflita sobre a igreja de Laodicéia. Era uma igreja próspera e auto-suficiente. Porém tinha um problema — fé oca e sem frutos. "Conheço as tuas obras", Deus disse ao grupo de membros daquela igreja, "que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca."³

O que faz o organismo vomitar algo? Por que reage violentamente diante da presença de determinadas substâncias? Porque elas são incompatíveis com o organismo. Vomitar é a maneira que o organismo encontra de rejeitar algo que não consegue suportar.

Qual é a questão? Deus não suporta fé morna. Zanga-se com uma religião que monta um espetáculo mas ignora o culto. E essa é precisamente a religião que ele estava enfrentando em sua última semana. E a religião que enfrentou durante todo o seu ministério.

Quando Jesus se fez servo, eles reclamaram.

Reclamaram que seus discípulos comiam de maneira errada. Reclamaram que ele curou no dia errado. Reclamaram que perdoou as pessoas erradas. Reclamaram que ele aparecia ao lado da multidão errada e exercia influência errada sobre as crianças. Mas, pior ainda, todas as vezes que ele tentou libertar o povo, os líderes religiosos tentaram subjugar-lo. Os frequentadores do templo eram rápidos com as algemas. Quando uma alma corajosa tentava voar, eles imediatamente se postavam diante dela para dizer que isso não poderia ser feito.

A propósito, disseram o mesmo a Hans Babbling. Parece que o rei estaria visitando Ulm, e o bispo e os cidadãos queriam impressioná-lo. Ao tomarem conhecimento do sucesso do vôo de Hans, pediram-lhe que fizesse uma acrobacia para o rei. Hans assentiu.

No entanto, pediram-lhe que fizesse algo diferente. Uma vez que a multidão seria muito grande e as montanhas difíceis de ser escaladas, será que Hans poderia escolher um local nas planícies para voar?

Hans escolheu os penhascos perto do Danúbio. Eram amplos e planos, a uma boa altura do rio. Ele saltaria da beira do penhasco e voaria sobre a água.

Escolha infeliz. Perto do rio não havia correntes de ar ascendentes. E assim, diante do rei, sua corte e metade do vilarejo, Hans saltou e caiu como uma pedra dentro do rio — para desapontamento do rei e humilhação do bispo.

Sabe qual foi o tema do sermão do bispo no domingo seguinte? "O homem não foi feito para voar." Hans acreditou no bispo. Submisso à autoridade da Igreja, Hans abandonou suas asas e nunca mais tentou voar. Morreu pouco tempo depois, preso à força da gravidade, enterrado com seus sonhos.

A catedral de Ulm não é a primeira igreja a engaiolar um voador. Ao longo dos anos, os púlpitos tornaram-se exímios na arte de dizer às pessoas o que elas não podem fazer. Fizeram o mesmo na época de Cristo, fizeram o mesmo na época de Hans Babbling e fazem o mesmo hoje — e saiba que isso é tão repugnante a Deus hoje quanto foi em outras épocas.

Porém, enquanto analisamos a religião, seria interessante colocarmos-nos diante do espelho. É fácil apontar o dedo para uma religião organizada e dizer: "Amém. Apresentem os fatos!" É

confortável fazer isso, mas não está certo. Enquanto falamos de dar liberdade às pessoas para voar, pense em si mesmo. Você tem fornecido asas? Tem dado liberdade às pessoas para voar?

Ao amigo que o ofendeu e necessita de seu perdão?

Ao colega de trabalho atormentado com o temor da morte?

Ao parente oprimido pelos fracassos de ontem?

Ao amigo atormentado pela ansiedade?

Conte a eles a respeito do túmulo vazio... e os verá voar.

Uma moça hispânica, membro de nossa igreja, casou-se recentemente. E uma irmã encantadora, firme na fé. Na cerimônia do casamento, o pastor perguntou: "Você é capaz de repetir as promessas?" Ao que ela respondeu com toda sinceridade: "Sim, mas com ênfase."

E isso que Deus deseja de nós. Ele deseja que cumpramos nossos votos, mas com uma ênfase especial. Uns dão ênfase à enfermidade. Outros preocupam-se com os prisioneiros. Há ainda os que se preocupam com pesquisas ou doações escolares. Mas seja qual for a ênfase, a mensagem é a mesma.

A mensagem da figueira não diz que todos nós devemos produzir os mesmos frutos. Diz que devemos produzir algum fruto. Não é fácil. Jesus sabe disso. "Se tiverdes fé, e não duvidardes, fareis muito mais do que foi feito à figueira."

Fé em quem? Religião? Difícil. A religião é o enigma que Jesus está tentando revelar. Na verdade, quando Jesus disse "Se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar", provavelmente estava avistando desde o Vale de Cedrom até o Monte da Casa do Senhor, conhecido por muitos como Monte Sião. Se isso aconteceu, você terá motivo para sorrir quando Jesus lhe disser o que deve ser feito com a igreja que tenta prendê-lo na gaiola e impedi-lo de voar: "Diga-lhe que pule dentro do lago."

Não, a fé não está na religião, a fé está em Deus. Uma fé intrépida, ousada que acredita que Deus fará o que é certo, sempre. E que Deus fará o que for necessário para trazer seus filhos de volta para casa.

Ele é o pastor à procura de seu rebanho. Tem as pernas arranhadas, os pés doloridos e os olhos ardendo. Escala montanhas e atravessa campos. Explora grutas. Coloca as mãos em formato de concha ao redor da boca e grita no desfiladeiro.

E o nome que ele grita é o seu.

Ele é a dona da casa à procura da moeda perdida. Apesar de ainda lhe restar nove moedas, ele não descansa enquanto não encontrar a décima. Procura pela casa toda. Arrasta os móveis. Levanta os tapetes. Remexe as prateleiras. Dorme tarde. Acorda cedo. Todas as demais tarefas podem esperar. Nesse momento, só uma importa. A moeda tem grande valor para ele. É de sua propriedade. Ele não descansará enquanto não a encontrar.

A moeda que ele procura é você.

Deus é o pai que caminha pela varanda. Há um ponto de interrogação em seu olhar. Seu coração está abatido. Ele tenta avistar o filho pródigo. Fixa o olhar no horizonte ansiando por enxergar a silhueta familiar, o modo de andar conhecido. Suas preocupações não estão voltadas para os negócios, investimentos, propriedades. Estão voltadas para o filho que usa o seu nome, o filho que ostenta a sua imagem. Você.

Ele quer que você volte para casa.

E somente à luz de tal emoção é que podemos entender esta incrível promessa: "E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis."⁴

Não reduza essa afirmação grandiosa à categoria de um automóvel novo ou de um talão de cheques. Não confine a promessa dessa passagem na cela egoísta dos privilégios e favores. O fruto que Deus assegura vale muito mais do que a riqueza terrena. Seus sonhos são muito maiores do que promoções e propostas.

Deus quer que você voe. Quer que você voe livre das culpas de ontem. Quer que você voe livre dos medos de hoje. Quer que você voe livre do túmulo do amanhã. Pecado, medo e morte. Essas são as montanhas que ele moveu. Essas são as orações que ele responderá. Esse é o fruto que ele concederá. E isso o que ele anseia fazer: anseia ver você livre para que possa voar... voar de volta para casa.

Uma palavra final sobre a igreja de Ulm. Está vazia. Quase todos os seus visitantes são turistas. E como a maioria dos turistas viaja até Ulm?
Voando.

1. Ao compararmos o evangelho de Mateus com o de Marcos, há evidências de que o incidente ocorreu em dois dias. Parte na segunda-feira e parte na terça-feira. A purificação do templo ocorreu nesse interregno.

Por que essa diferença nas duas narrativas? Mateus prefere descrever o incidente de modo genérico ao passo que Marcos o descreve cronologicamente. Marcos afirma que Jesus amaldiçoou a figueira na manhã de segunda-feira (11.12-14) e depois purificou o templo (11.15-19). A segunda parte da história da figueira — a admiração dos discípulos (11.20-24) — aconteceu na manhã de terça-feira quando os discípulos e Jesus retornavam para Jerusalém.

Mateus é genérico em sua narrativa. Agrupa os dois eventos, mas, ao fazer isso, não contradiz Marcos. Deseja contar a história inteira sem interrupções. Começa dizendo "Cedo de manhã..." (21.18). Não diz "na manhã seguinte". E quando começa a relatar a admiração dos discípulos, diz simplesmente "Vendo isto os discípulos..." (21.20).

Ao compararmos os evangelhos de Mateus e Marcos, constatamos que a figueira foi amaldiçoada na segunda-feira e que o comentário ocorreu na terça-feira. Não há discrepância. Um autor é genérico e o outro cronológico. Cada um tem suas vantagens. (Veja William Hendricksen, *The Gospel of Matthew* [Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973], 773.)

2. Mateus 21.21-22.

3. Apocalipse 3.15-16.

4. Mateus 21.22.

TERÇA-FEIRA

Falando de Calos e Compaixão

*Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será
Entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.*

Mateus 21.43

Esquisita, essa lembrança que tenho de minha infância na igreja. Para muitos, as primeiras recordações da igreja referem-se a Bíblias com zíperes, direito a usar sapatos de couro na Páscoa, peças encenadas no Natal, ou Escolas Dominicais. As minhas não são tão religiosas assim. As minhas restringem-se a calos, alfinetes e sermões enfadonhos.

Em meus seis anos de idade, lá estou eu sentado, cabelos cortados à escovinha e sardas no rosto. A mão de meu pai está em meu colo. Está ali para evitar que eu me mexa de um lado para o outro. Um pregador robusto encontra-se atrás do púlpito, um dos mais bondosos servos de Deus, porém o mais monótono. Entediado, desvio a atenção para a mão de meu pai.

Se alguém não soubesse que ele era mecânico, bastava observar suas mãos para ter certeza. Grossas, fortes, limpas com escova mas ainda com resíduos de graxa da semana passada.

Fico cada vez mais intrigado à medida que passo os dedos nos calos. Eles despontam na palma como uma crista de montanha. Calos. Camadas e mais camadas de pele insensível. A defesa da mão contra horas e horas de lidar com chaves inglesas e chaves de fenda.

Na parte de trás do banco da frente há diversos cartões de comparecimento. Na parte superior de cada cartão há uma fita vermelha para ser usada pelos visitantes. A fita é presa no cartão por um alfinete.

Tenho uma idéia. *Qual será a espessura daqueles calos?...*

Pego o alfinete e, com a habilidade de um cirurgião, começo a espetar. (Eu já disse que se trata de uma lembrança esquisita.) Olho para meu pai. Ele não se move. Espeto mais fundo. Nenhuma reação. Mais fundo ainda. Nenhuma contração. Enquanto o restante da igreja permanece atento às palavras do pregador, fico fascinado com a profundidade de um calo. Decido dar a alfinetada final.

"Ai!" ele resmunga, puxando a mão e fechando-a. Isso faz com que o alfinete se aprofunde mais ainda. Ele lança-me um olhar penetrante, minha mãe se vira para mim e meu irmão dá uma risadinha. Algo me diz que essa mesma mão será usada mais tarde naquele domingo com outra finalidade.

Esquisita, essa lembrança de infância. Porém, fato mais esquisito ainda é que três décadas depois, descubro que estou fazendo o mesmo que quando tinha seis anos de idade: na igreja, tentando penetrar nos calos com uma finalidade específica. Só que agora estou no púlpito, e não no banco. E meu objeto pontiagudo é a verdade, e não um alfinete. E os calos não estão nas mãos, mas no coração.

Pele grossa, morta, que reveste a sensibilidade da alma. O resultado de horas e horas friccionando a verdade sem conseguir atingi-la. Tecido endurecido, áspero, sem vida que resiste aos sentimentos e ignora o toque.

O coração insensível.

Jesus falou para esses corações em sua última terça-feira. Com a persistência de um homem que tinha uma mensagem final, seu objetivo foi o de alfinetar a alma.

Ele contou duas parábolas com um enredo comum, que nos faz corar de vergonha: a

tendência do povo em rejeitar o convite de Deus, não apenas uma ou duas vezes, mas uma vez atrás da outra.

A primeira parábola foi a do proprietário de terras,¹ que plantou uma vinha e a arrendou a alguns lavradores. Quando chegou o tempo da colheita, ele enviou seus servos para receber os frutos a que tinha direito. "E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram outro, e a outro apedrejaram."

A segunda parábola conta a história do rei que preparou uma festa de casamento para o filho.² "Então, enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir."

Um proprietário de terras cujos servos são espancados e mortos? Um rei cujos mensageiros são ignorados? Certamente o proprietário de terras e o rei vão tomar uma atitude contra essas pessoas. Sem dúvida pedirão a ajuda da polícia.

Errado.

Em ambos os casos, eles enviam mais emissários. O proprietário de terras "enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte".

O rei "enviou ainda outros servos, com este recado: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete".

Que tolerância surpreendente! Que paciência incrível! Servos e mais servos. Mensageiros e mais mensageiros. Jesus pintando verbalmente o quadro de um Deus determinado.

Quando Jenna, nossa filha mais velha, tinha dois anos de idade, perdeu-se dentro de uma loja de departamentos. Em questão de segundos, ela desapareceu de minha vista. Entrei em pânico. De repente só uma coisa passou a ter prioridade: encontrar minha filha. As compras foram esquecidas. A lista que eu havia preparado deixou de ser importante. Gritei, chamando Jenna. Não me importava o que as pessoas pensassem. Durante alguns minutos, cada gota de minha energia teve um único objetivo: encontrar minha filha que estava perdida. (A propósito, ela foi encontrada. Estava escondida atrás de algumas jaquetas!)

Para um pai, nenhum preço é alto demais quando se trata de salvar um filho. Nenhum esforço é doloroso demais. Nenhum empenho é grande demais. Um pai percorrerá qualquer distância para encontrar seu filho.

Deus também.

Preste atenção. A maior obra de Deus não está na maravilha das estrelas nem na imensidão dos desfiladeiros; está em seu plano eterno de alcançar seus filhos. Por trás dessa busca existe o mesmo brilho que há por trás dos planetas em órbita e das quatro estações do ano. O céu e a terra não conhecem amor maior do que o amor de Deus para com você e sua volta ao lar. Por meio de atos sagrados, ele manifestou sua fidelidade.

Noé presenciou essa fidelidade quando as nuvens se abriram e apareceu o arco-íris. Abraão a sentiu quando colocou a mão sobre o ventre de Sara, já avançada em idade. Jacó a encontrou por meio de um fracasso. José a experimentou na prisão. Faraó a ouviu pela boca de Moisés.

"Deixa ir o meu povo."

Mas Faraó não permitiu. Em conseqüência, sentiu na pele a intervenção divina. A água transformou-se em sangue. O dia transformou-se em noite. Surgiram nuvens de gafanhotos. Crianças morreram. As águas do Mar Vermelho foram divididas. O exército egípcio pereceu no mar.

Ouçã com atenção as palavras comoventes — mas raramente lidas — de Moisés aos israelitas: "Agora, pois, pergunta aos tempos passados, que te precederam, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até a outra, se sucedeu jamais coisa tamanha como esta ou se ouviu coisa como esta; ou se algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo; ou se um deus intentou ir tomar para si um povo do meio de outro povo, com provas, e com sinais, e com milagres, e com peleja, e com mão poderosa, e com braço estendido, e com grandes espantos, segundo tudo quanto o Senhor, vosso Deus, vos fez no Egito, aos vossos olhos?"³

A mensagem de Moisés? Deus mudará o mundo para alcançar o mundo. Deus é incansável, inabalável. Recusa-se a desistir.

Ouçã com atenção como Deus expõe suas emoções: "Meu coração está comovido dentro em mim, as minhas compaixões, à uma, se acendem. Não executarei o furor da minha ira; não tornarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; não voltarei em ira."⁴

Antes de continuar a ler, reflita sobre estas palavras: "eu sou... o Santo no meio de ti". Você crê nisso? Crê que Deus está por perto? Deus quer *você*. Deus quer que *você* saiba que ele está no meio do mundo. Onde quer que você esteja ao ler essas palavras, ele estará presente. No automóvel. No avião. Em seu escritório, seu quarto, seu gabinete. Ele está por perto.

E está mais do que perto. Ele trabalha ativamente. O Deus de Noé é o Deus que está perto de você. A promessa feita a Abraão é feita também a você. A mão colocada sobre o mundo de Faraó está movimentando o seu mundo.

Deus está presente em seu mundo. Ele não reside em uma galáxia distante. Não se afastou da História. Não preferiu se isolar no trono de um castelo fulgurante.

Ele está por perto. Ele se envolve nos acontecimentos cotidianos, nos momentos de tristeza, nos funerais. Está perto de nós tanto na segunda-feira como no domingo. Na sala de aula e no templo. Na hora do café e na mesa de comunhão.

Por quê? Por que Deus faz isso? Por que razão?

.

Algum tempo atrás Denalyn precisou ausentar-se alguns dias de casa, deixando-me sozinho com as meninas. Apesar das brigas típicas de crianças e de uma ou outra desobediência, tudo transcorreu normalmente.

— Como as meninas se comportaram?, Denalyn perguntou ao chegar em casa.

— Bem. Sem problemas.

Jenna ouviu por acaso minha resposta.

— Não fomos bem comportadas, papai, ela contestou. — Brigamos uma vez, e desobedecemos outra. Não fomos bem comportadas. Por que você está dizendo que não houve problemas?

Jenna e eu tínhamos opiniões diferentes sobre o que agrada a um pai. Ela achava que dependia de seu comportamento. Não era assim. Pensamos o mesmo a respeito de Deus. Achamos que seu amor aumenta ou diminui de acordo com nosso comportamento. Não é assim. Não amo Jenna por causa de seu comportamento. Eu a amo pelo fato de pertencer a mim. Ela é minha.

Deus ama você pelo mesmo motivo. Porque você pertence a ele; você é seu filho.⁵ Foi esse amor que resgatou os israelitas. Foi esse amor que enviou os profetas. Foi esse amor que se fez carne e nasceu de Maria. Foi esse amor que percorreu os caminhos ásperos da Galiléia e falou aos corações endurecidos dos religiosos.

"Isso não é normal, Senhor Deus", exclamou Davi ao refletir sobre o amor de Deus.⁶ Você está certo, Davi. O amor de Deus não é um amor normal. Não é normal amar um assassino e adúltero, mas Deus fez isso ao amar Davi. Não é normal amar um homem que se afasta de você, mas esse foi o amor de Deus por Salomão.⁷ Não é normal amar um povo que adora ídolos de pedra, mas Deus fez isso quando se recusou a abandonar Israel.

E esse foi o amor que Jesus descreveu em sua última terça-feira. O mesmo amor que, na sexta-feira, o levaria à cruz.

A cruz, o zênite da História. Todo o passado apontava para ela e todo o futuro dependeria dela. A cruz é o grande triunfo do céu: Deus está na terra. E é a grande tragédia da terra: o homem rejeitou a Deus.

Os líderes religiosos sabiam que Jesus estava falando deles. Assim como seus pais haviam rejeitado os profetas, eles agora estavam rejeitando o Profeta — o próprio Deus.

Jesus falou àqueles que viraram as costas para a História. Falou àqueles que veementemente ignoraram um sinal após o outro, um servo após o outro. Eles não haviam pulado um parágrafo ou omitido a palavra principal de uma frase. Não haviam interpretado mal um

capítulo. Haviam omitido o livro inteiro. Deus visitara sua cidade, caminhara por suas ruas, batera à sua porta e eles se recusaram a abri-la.

Por esse motivo — por terem se recusado a crer — Jesus profere as palavras mais sombrias do evangelho de Mateus: "Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos."⁸

Deus não tolera um coração insensível.

Ele é paciente com nossos erros. E longânimo com nossos tropeços. Não se zanga diante de nossas dúvidas. Não vira as costas quando nos debatemos. Mas quando rejeitamos sua mensagem reiteradas vezes, quando somos insensíveis a seus apelos, quando ele muda a História para chamar a atenção e, assim mesmo, insistimos em não lhe dar ouvidos, ele acata nossa vontade.

"Cumprida que a vós outros", disse Paulo aos judeus, "em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios."⁹

Observe que não foi Deus quem tornou o povo indigno. Foi sua recusa em ouvir que os excluiu da graça. Jesus condena o coração frio, a alma tão cheia de si e de egoísmo que blasfemou a fonte de esperança, o coração tão maldoso que viu o Príncipe da Paz e o chamou de maioral dos demônios.¹⁰

Tal blasfêmia é imperdoável, não por causa da relutância de Deus em perdoar, mas por causa da relutância do homem em buscar o perdão. O coração insensível é um coração amaldiçoado. O coração insensível representa os olhos que não vêem as evidências e os ouvidos que não ouvem o óbvio. Em vista disso, ele não busca a Deus, e o perdão não é concedido porque não foi procurado.

Talvez as lembranças de minha infância não sejam tão esquisitas. De alguma forma assemelham-se à história do evangelho: Jesus tendo suas mãos perfuradas para alfinetar nossos corações. Por que as mãos de Deus foram perfuradas? Por que ele foi tão abnegado? Por que libertou seus filhos e salvou seu povo?

Deixemos que dois servos de Deus — um que escreve no início da Bíblia e outro que escreve no final da Bíblia — forneçam a resposta a essa pergunta. Primeiro, Moisés. Você já leu sua resposta: "Para que soubesses que o Senhor é Deus." Após milhares de anos, centenas de mensageiros, um sem-número de milagres e uma cruz manchada de sangue, o apóstolo Paulo diz a mesma coisa: "A bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento."¹¹

A finalidade da paciência de Deus? O nosso arrependimento.

Iniciamos este capítulo com uma lembrança de infância na igreja; concluiremos com outra. É a lembrança que tenho de uma pintura de Holman Hunt sobre Jesus. Talvez você a conheça. Arcada de pedras... tijolos cobertos de hera... Jesus diante de uma pesada porta de madeira.

Essa pintura estava em uma Bíblia que eu costumava manusear quando criança. Embaixo da pintura havia as seguintes palavras: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo."¹²

Anos depois li a respeito de um pormenor na pintura. Holman Hunt não incluía propositadamente uma coisa que somente seria percebida por olhos muito atentos. Eu não percebi. Quando tomei conhecimento, resolvi analisar a pintura. De fato, faltava algo. Não havia maçaneta na porta. Só poderia ser aberta por dentro. A mensagem de Hunt era a mesma deste capítulo. A mesma de Deus. A mesma de toda a história.

Deus chega à sua casa, pára diante da porta e bate. Fica a seu critério deixá-lo entrar ou não.

1. *Mateus 21.33-45.*

2. *Mateus 22.1-14.*

3. *Deuteronômio 4.32-34.*

4. *Oséias 11.8-9.*

5. *Romanos 8.16.*

6. *2 Samuel 7.19.*

7. *2 Samuel 7.15.*

8. *Mateus 21.43.*

9. *Atos 13.46.*

10. *Mateus 12.24.*

11. *Deuteronômio 4.35.*

12. *Romanos 2.4*

13. *Apocalipse 3.20.*

Você Está Convidado

Vinde para as bodas.

Mateus 22.4

Estou escrevendo este capítulo sentado numa enorme sala de espera do palácio de Justiça do condado de San Antônio, Texas. Estou aqui porque recebi um convite. Uma convocação para comparecer perante o juiz. Não foi um convite muito pessoal. Não foi muito caprichado. Apenas um simples cartão com meu nome e indicações de como chegar ao palácio de Justiça. Tratava-se de um convite dirigido a mim e a centenas de outras pessoas para comparecerem perante o juiz.

Certamente não foi o convite mais significativo de minha vida, mas mesmo assim, era um convite. Isso me fez pensar em alguns convites feitos por mim.

Alguns anos atrás fiz um convite muito especial a uma pessoa. Pedi a Denalyn que se casasse comigo. Como esse tipo de convite não costuma ser feito todos os dias, procurei dar um toque especial ao evento e torná-lo memorável.

Primeiro telefonei ao restaurante chinês que costumávamos freqüentar, solicitando nosso prato favorito — carne de porco agridoce. Como sobremesa, pedi biscoitinhos chineses da sorte. Enquanto a comida estava a caminho de meu apartamento, peguei uma pequena tira de papel e escrevi minha proposta. Quando chegou, coloquei o papel dentro de um dos biscoitinhos, arrumei a mesa, troquei de roupa e fiquei à espera de Denalyn.

O ambiente transpirava romance. Música suave. Luz de velas. Ao ver os guardanapos combinando com a toalha de mesa, Denalyn sabia que eu tinha algo especial em mente, mas não desconfiava o que seria. Comi pouco. O frio na boca do estômago tirou minha fome. Mal podia esperar o momento de servir a sobremesa, porque ali estava o convite.

Quando o momento chegou, Denalyn disse que já estava satisfeita. Tive de implorar para que ela pegasse o biscoitinho. Se não quisesse comê-lo, pelo menos poderia ler sua sorte. Ela abriu o biscoitinho, leu as palavras que eu havia escrito na tira de papel e rompeu em prantos.

Senti-me desolado: pensei que a houvesse ofendido. Pensei que a tivesse insultado. Não imaginava qual seria sua reação, mas nunca pensei que ela choraria. (Isso mostra como conhecia pouco as mulheres.) Hoje sei que o choro é uma reação a diversas emoções: tristeza, alegria, animação.

Felizmente as lágrimas de Denalyn foram de empolgação. E ela disse sim. (No entanto, relutou em abrir os demais biscoitinhos da sorte.)

Convites são atos de gentileza especiais. Alguns são casuais, como convidar alguém para um encontro. Outros são significativos, como oferecer emprego a alguém. Outros são permanentes, como propor casamento. Mas todos são especiais.

Convites. Palavras impressas em alto relevo: "Você está convidado a comparecer a uma cerimônia de gala de inauguração do..." Solicitação de comparecimento recebida pelo correio: "O Sr. e Sra. John Smith sentir-se-ão honrados com sua presença no casamento de sua filha...". Surpresas recebidas por telefone: "Oi, Joe. Comprei um ingresso a mais para o jogo. Está interessado?"

Quem recebe um convite sente-se honrado — foi digno da consideração de alguém. Por

esse motivo todos os convites merecem uma resposta gentil e criteriosa.

Porém, os convites mais incríveis não são encontrados em envelopes nem em biscoitinhos da sorte; são encontrados na Bíblia. Deus está sempre fazendo convites. Convidou Eva a se casar com Adão, os animais a entrarem na arca, Davi a ser rei, Israel a sair do cativeiro, Neemias a reconstruir Jerusalém. Deus gosta de fazer convites. Convidou Maria a gerar seu filho, os discípulos a serem pescadores de homens, a mulher adúltera a começar uma vida nova, e Tome a tocar em suas feridas. Deus é o Rei que prepara o palácio, arruma a mesa e convida seus súditos para o banquete.

De fato, parece que a palavra favorita de Deus é *vinde* [ou *venha*].

"*Vinde*, pois, e arrazoemos, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve."

"E vós, os que não tendes dinheiro, *vinde*, comprai e comei."²

" *Vinde* a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei."³

" *Vinde* para as bodas."⁴

" *Vinde* após mim, e eu vos farei pescadores de homens."⁵

"Se alguém tem sede, *venha* a mim e beba."⁶

Deus é um Deus que convida. Deus é um Deus que exorta. Deus é um Deus que abre a porta e acena convidando os peregrinos para uma mesa farta.

Contudo, seu convite não se limita a uma refeição, é um convite para a vida. Um convite para entrar no seu reino e habitar num mundo onde não há lágrimas, nem tristezas, nem dor. Quem pode entrar? Quem quiser. O convite é universal e pessoal.

Em sua última semana de vida, Jesus contou duas parábolas a respeito de convites urgentes.

A primeira fala de dois filhos cujo pai os convida para trabalharem na vinha.⁷ Os convites são idênticos; as respostas, opostas. Um diz não, depois se arrepende e vai. O outro diz sim, depois se arrepende e não vai.

A segunda parábola fala de um rei que prepara uma festa de casamento para o filho.⁸ Convida o povo para participar, mas ninguém comparece. Alguns ignoram o convite, outros desculpam-se por estar muito atarefados, e outros matam os servos portadores do convite.

Você já parou para pensar como Jesus se sentiu ao contar essas parábolas? Se alguém já ignorou um convite pessoal seu, sabe como ele se sentiu. A maioria das pessoas não rejeita Jesus... apenas não dá a devida importância ao convite.

Imagine o que eu sentiria se Denalyn tivesse me respondido da mesma maneira que muitos respondem a Deus. E se ela tivesse sido indecisa ou indiferente? Imagine minha situação, sentado na beira da cadeira observando com olhos atentos enquanto ela lia minha proposta sob a luz amarelada da vela. E se, ao invés de lágrimas, ela tivesse iniciado uma conversa fiada?

— Oh, o casamento faz parte de nossa família há muitos anos.

— Como assim?

— O casamento faz parte de nossa família há muitos anos. Meu tio se casou. Minha tia se casou. Mamãe e papai também. Tenho até uma irmã que...

— Ei, espere um pouco. O que isso tem a ver conosco? Estou falando de nós dois.

— Bem, Max, conforme estou dizendo, sou inteiramente a favor do casamento. Acho uma idéia maravilhosa, uma instituição extraordinária.

— Mas não estou pedindo sua opinião sobre instituição, estou pedindo você em casamento.

O Pai se entristece quando lhe damos respostas vagas a seu convite específico para que nos cheguemos a ele. "Qual o motivo desse convite, Jesus? O Senhor sabe que minha família sempre foi religiosa. Nossas raízes remontam dos tempos da revolução dos huguenotes. Talvez o Senhor se lembre de meu tio-bisavô Horace. Ele foi pastor e conviveu pacificamente com os índios."

"Como assim?"

"É como digo, nossa família sempre foi ligada à religião. Minha tia Macy cantava no coral da Primeira Igreja Batista e meu primo Arnold é diácono na..."

Foi diante de tais divagações que Deus falou estas palavras registradas em Jeremias 7.13: "Eu vos falei, começando de madrugada, e não me ouvistes, chamei-vos e não me respondestes."

E se Denalyn tivesse dito: "Max, você foi muito gentil por ter se lembrado de mim, mas não poderíamos conversar sobre o assunto amanhã? Em poucos minutos começará um filme na TV e eu gostaria muito de vê-lo."

Ou, pior ainda.

"Casamento? Ora, Max, é melhor discutir isso outro dia. Deixe-me ver. Tenho um tempo livre na próxima... não, esse dia não é bom... que tal daqui a duas semanas a partir de terça-feira? Você me telefona e marcamos um horário."

Oh, isso teria me magoado muito. Veja bem, uma coisa é ser rejeitado. Outra é não ser levado a sério. Não há nada que ofenda mais do que fazer um convite raríssimo, exclusivo para uma determinada pessoa, e vê-lo relegado a uma lista de decisões a serem tomadas na semana seguinte.

Jesus faz o convite. "Eis que estou à porta e bato."⁹ Para conhecer a Deus, é preciso aceitar seu convite. Não apenas ouvi-lo, não apenas analisá-lo, não apenas identificá-lo, mas aceitá-lo. É possível alguém conhecer muito a respeito do convite de Deus sem nunca tê-lo respondido pessoalmente.

Seu convite é claro e inegociável. Ele nos oferece tudo e nós lhe oferecemos tudo. Simples e absoluto. Ele é claro no que pede e claro no que oferece. A escolha fica a nosso critério.

Não é incrível que Deus deixe a escolha a nosso critério? Pense sobre isso. Há inúmeras coisas na vida que não podemos escolher. Não podemos, por exemplo, escolher o clima e a temperatura que desejamos. Não podemos controlar os assuntos econômicos.

Não podemos escolher se vamos nascer com um nariz grande ou olhos azuis ou com bastante cabelo. Nem mesmo podemos escolher o modo como as pessoas nos tratam.

Mas podemos escolher onde viver na eternidade. A grande escolha Deus deixa por nossa conta. A decisão crucial é nossa.

O que você está fazendo com o convite de Deus?

O que está fazendo com o convite pessoal de Deus para que você viva eternamente com ele?

Essa é a única decisão que realmente importa. Aceitar ou não uma transferência de emprego não é crucial. Comprar ou não um carro novo não é crucial. Em que faculdade estudar ou que profissão seguir é importante, mas nada que se compare à sua decisão quanto ao lugar onde você viverá na eternidade. Esta é a decisão que você não pode esquecer.

O que você está fazendo com o convite de Deus?

Conforme mencionei antes, estou escrevendo este capítulo na enorme sala de espera de nosso palácio de Justiça. Estou aqui porque fui convidado. A minha volta, vejo centenas de pessoas estranhas que também receberam o mesmo convite. Estão lendo revistas. Folheando jornais. Alguns se levantam e esticam o corpo. Outros aproveitam o tempo para adiantar o serviço do escritório. E eu penso na ironia de terminar um capítulo sobre o convite de Deus, sentado numa sala onde aguardo o juiz chamar meu nome.

De tempos em tempos as conversas em tom abafado cessam quando um cavalheiro com aparência de oficial de Justiça entra na sala e chama pelo nome: Yvonne Campbell, Johnny Solis, Thomas Adams. Os que foram chamados recebem instruções e o restante retorna ao que estava fazendo antes.

Estou apreensivo quanto à entrevista: não sei qual será o procedimento do juiz. Não sei o que ele me perguntará. Não sei o que o juiz solicitará. Não sei qual será o resultado de tudo isso. Nem mesmo sei quem é o juiz.

Por isso, sinto-me um pouco ansioso.

No entanto, esse não é meu primeiro convite para comparecer perante um juiz. Tenho outros convites. "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo."¹⁰ Porém, não sinto a mesma ansiedade a respeito deste último convite.

Porque sei o que o juiz fará. Sei o que acontecerá. E, acima de tudo, sei quem é o juiz... ele é meu Pai.

-
- 1. Isaías 1.18 (grifo do autor).**
 - 2. Isaías 55.1 (grifo do autor).**
 - 3. Mateus 11.28 (grifo do autor).**
 - 4. Mateus 22.4 (grifo do autor).**
 - 5. Marcos 1.17 (grifo do autor).**
 - 6. João 7.37 (grifo do autor).**
 - 7. Mateus 21.28-32.**
 - 8. Mateus 22.1-14.**
 - 9. Apocalipse 3.20.**
 - 10. Hebreus 9.27.**

Manipulação de Palavras

***Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como
o surpreenderiam em alguma palavra.***

Mateus 22.15

Nos recifes de corais do Caribe vive um peixe pequenino conhecido como beijoqueiro. Mede de cinco a oito centímetros de comprimento. É azul, ágil e muito bonito. O mais fascinante é seu beijo. É comum ver dois peixes dessa espécie com as bocas se tocando e as barbatanas movimentando-se violentamente como se estivessem mantendo um romance dentro d'água.

Ao vê-los, tem-se a impressão de que ali está a espécie dos sonhos de amantes de aquários. Parecem ativos, espertos, radiantes e carinhosos. Mas as aparências enganam. Apesar de dar a impressão de ser uma criatura dócil, esse pequenino peixe é, na verdade, um valentão do mar.

Feroz defensor de seu território, o peixe beijoqueiro toma posse da área onde vive e não quer saber de visitantes. Seu território no recife é só seu. Ele mesmo encontra o local, marca os limites e não quer ver ninguém de sua espécie na redondeza.

Quando alguém atravessa suas fronteiras ele ataca, mandíbula contra mandíbula. O que parece ser um encontro amistoso é, na verdade, uma luta marcial dentro d'água. Choque de bocas. Embate de bocas. Uma verdadeira guerra. O poder conseguido por meio da língua.

Estranho, não?

Comum, não?

Não é necessário viajar ao Caribe para ver esse tipo de luta pelo poder. A manipulação por meio da boca não se limita ao Caribe.

Preste atenção nas pessoas de seu mundo (ou na pessoa cuja imagem é refletida em seu espelho). Você se surpreenderá com as coisas inacreditáveis que acontecem quando as pessoas querem abrir caminho à força. O peixe beijoqueiro não é o primeiro a usar a boca para alcançar seu objetivo.

Nos tempos antigos as disputas eram resolvidas com luta corporal; hoje fazemos uso de uma ferramenta mais aprimorada: a língua. Dissimulamos nossas lutas da mesma maneira que o peixe beijoqueiro. Damos a isso o nome de disputa ou competição pelo *status quo*, o que, na realidade, não passa de uma defesa obstinada de nosso território.

Foi o que aconteceu na terça-feira durante a última semana de vida de Jesus. Muito antes dos açoites dos chicotes, dos ataques verbais violentos. Muito antes das marteladas dos pregos, das acusações maldosas. Muito antes de suportar o sofrimento na cruz, Jesus teve de suportar as línguas mordazes dos líderes religiosos.

O diálogo parece inocente. Não sacaram espadas. Não houve detenções. Porém, não se deixe enganar pelas aparências. Assim como o peixe beijoqueiro, os acusadores queriam ver sangue.

Houve três confrontos.

Caso um: Mostre-me seu diploma, por favor.

O procedimento para ser reconhecido como mestre religioso na Palestina era simples.

Originalmente os candidatos a rabino eram ordenados por um líder rabino a quem respeitavam e obedeciam. Esse procedimento, no entanto, começou a gerar divergências quanto a qualificações, doutrinas e corrupções generalizadas. Em vista disso, o sinédrio, o supremo concílio judeu, assumiu a responsabilidade pelas ordenações.

Ao ser ordenado, o candidato era nomeado rabino, ancião e juiz, investido de autoridade para doutrinar, expressar sabedoria e proferir sentenças.

Procedimento justo. Salvaguarda necessária. Portanto, não devemos nos surpreender quando os líderes religiosos perguntam a Jesus: "Com que autoridade fazes estas coisas? e quem te deu essa autoridade?"¹ Se a origem de tais perguntas estivesse na preocupação com a pureza do templo e com a integridade da posição, não haveria nenhum problema. Porém, eles queriam dominar seu território: "... é para temer o povo."² [ou: "Tememos a reação do povo."].

Se suas atenções estivessem realmente voltadas para o futuro da nação, não teriam se preocupado com a opinião do povo. Teriam tomado uma atitude em favor do rabino em vez de se esquivar dele e posteriormente entregá-lo a uma autoridade alheia. Não haviam aprendido a primeira lição de liderança. "O homem que deseja reger a orquestra deve virar as costas ao povo."

A propósito, existe algo estranho nessa história. Você percebe? O criado solicitando credenciais ao Criador. O subalterno solicitando carteira de identidade ao Superior. Não fazem nenhuma referência aos milagres. Não fazem nenhuma pergunta acerca de seus ensinamentos. Querem apenas saber se ele foi investido de autoridade. Será que estudou em um seminário idôneo? E membro de uma denominação idônea? Suas credenciais são legítimas?

Incrível. Deus sendo submetido a um interrogatório. Agora entendo por que as pessoas poderosas geralmente usam óculos de sol — os holofotes as impedem de enxergar a realidade. Iludem-se pensando que o poder tem algum significado (não tem). Acreditam que os títulos são importantes (não são). Vivem na ilusão de que a autoridade terrena terá alguma validade no céu (não terá).

Quer uma prova de meus argumentos? Faça este teste.

Cite o nome dos dez homens mais ricos do mundo.

Cite o nome dos últimos dez ganhadores do troféu Heisman.

Cite o nome das dez últimas vencedoras do concurso Miss América.

Cite o nome de oito pessoas que receberam o prêmio Nobel ou o prêmio Pulitzer.

E que tal citar os últimos dez filmes que receberam o prêmio Oscar ou todos os vencedores do campeonato nacional de futebol da última década?

Como você se saiu? Eu também não passei no teste. Com exceção de um ou outro nome, nenhum de nós se lembra muito bem dos que brilharam ontem. É surpreendente como nos esquecemos rápido, não? Note que o teste acima não se refere a pessoas comuns. São as melhores em seus respectivos campos de ação. Porém o aplauso fenece. Os troféus perdem o brilho. As conquistas caem no esquecimento. As honras e os certificados são enterrados com seus proprietários.

Eis um outro teste. Veja como você se sai.

Pense em três pessoas com as quais você gostaria de estar junto.

Cite o nome de dez pessoas que lhe ensinaram algo que valeu a pena.

Cite o nome de cinco amigos que o ajudaram em um momento difícil.

Relacione alguns professores que se empenharam em auxiliá-lo no decorrer de seus estudos.

Cite o nome de meia dúzia de heróis cujas histórias lhe serviram de inspiração.

Mais fácil? Para mim também. A lição? As pessoas importantes não são as que têm credenciais, mas as que demonstram interesse por seus semelhantes.

Caso dois: A espada dentro da bainha enfeitada com pedras preciosas.

"Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam...: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus... sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não?"³

Geralmente quando alguém lhe dá um tapa forte nas costas é porque deseja fazê-lo expelir alguma coisa. Esse caso não foi exceção. Nesse versículo, os fariseus estão dando um tapa violento. Embora a pergunta seja válida, o motivo não é. Dentre os trechos que se referem a manipulação de palavras, esse é o pior de todos.

Assim como o peixe beijoqueiro, os fariseus parecem dóceis. Mas assim como o peixe beijoqueiro, nota-se uma atitude suspeita.

Deus deixou claro que a bajulação nunca deve ser a ferramenta do servo sincero. A bajulação não passa de desonestidade disfarçada. Jesus não foi bajulador, nem seus seguidores devem ser.

"Corte o Senhor todos os lábios bajuladores", afirmou o salmista.⁴

"O que repreende ao homem achará depois mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua", complementou Salomão.⁵

"Tome cuidado com o homem de palavras doces e atos perversos", aprendeu Lucy.

O salmista você conhece. Salomão você admira. E Lucy? Ela aprendeu uma lição sobre bajulação de um modo muito doloroso. Esta é a sua história:

Washington, D.C., década de 1860. A nação está devastada pela guerra. A luta provoca desunião no país. Mas para a jovem Lucy, a guerra maior está em seu coração.

Lucy Lambert Hale era a filha mais nova de John P. Hale, um dos senadores da época da Guerra Civil pelo Estado de New Hampshire. Era também uma das mais belas jovens solteiras da capital de nosso país. A longa lista de pretendentes comprovava sua popularidade. Além de extensa, a lista dos que sonhavam se casar com Lucy também foi histórica. Alguns de seus jovens apaixonado., tornaram-se figuras de projeção nacional.

Lucy recebia flores de Will Chandler, um calouro de Harvard, desde os doze anos de idade. Ela nutria grande afeto pelo rapaz mas ainda não passava de uma criança. Will tornou-se Secretário da Marinha e, posteriormente, senador dos Estados Unidos.

Depois surgiu Oliver, dois anos mais velho que Lucy. Ele imaginou ter encontrado seu verdadeiro amor. Ela não o aceitou. Apesar de não ter se casado com Lucy, Oliver Wendell Holms conseguiu um cargo importante na Suprema Corte.

Mas havia outro rapaz que, durante um certo tempo, ocupou um lugar de destaque no coração de Lucy. Esse é o homem que deixou para a História um legado de palavras gentis e atos implacáveis. Seu nome era John.

Enquanto a guerra devastava o país, o amor de Lucy e John era devastador em Washington. E enquanto o país lutava, eles combatiam entre si. O que confundia Lucy a respeito de seu mais recente namorado era sua incoerência. Ele dizia uma coisa e praticava outra. Suas promessas e comportamento não coincidiam. John a galanteava com palavras e a desnorteava com suas atitudes.

Reflita sobre esta carta, a primeira e a única que ele lhe enviou, no Dia dos Namorados em 1862.

Querida senhorita Hale,

Se não fosse a liberdade que esta data tradicional me concede, eu não estaria escrevendo esta carta.

Você faz lembrar de maneira extraordinária uma senhora, muito querida para mim, hoje morta, e sua enorme semelhança com ela causou-me perplexidade na primeira vez em que a vi. Devo desculpar-me por qualquer indelicadeza involuntária de minha parte. Ao vê-la, senti uma doce melancolia, se é que você pode compreender, e se nunca mais nos encontrarmos ou se nossos olhares não se cruzarem novamente, creia-me, em minha memória estarei sempre associando sua imagem à dela, uma mulher muito linda, e cujo rosto, assim como o seu, irradiava gentileza e amabilidade.

Desejando-lhe toda a sorte de felicidade, despeço-me

um Estranho

Com palavras tão doces quanto o mel e determinação tão impetuosa quanto a de um touro, John teve a certeza de que não continuaria a ser um estranho por muito tempo. Em breve, ele e Lucy ficaram noivos. Foi então que a guerra começou — não no país, mas entre John e Lucy.

Ele era extremamente ciumento. Os dois brigavam sem parar. Discutiram enquanto ouviam o discurso de posse do segundo mandato do presidente Lincoln. Brigaram na noite seguinte quando John viu Lucy dançando com Robert, o filho mais velho do presidente. Brigaram quando o presidente nomeou o pai de Lucy embaixador da Espanha. E John explodiu quando Lucy decidiu romper o noivado e acompanhar seu pai à Espanha.

John era gentil nas palavras, mas possessivo e ciumento nas atitudes. Lucy aprendeu com John que uma pessoa pode proferir palavras doces e ter mãos de aço. Por esse motivo ela o abandonou. Curiosamente, casou-se com o rapaz que lhe enviava flores quando ela estava com doze anos — Will Chandler.

Apesar de viver uma vida longa e feliz, ela nunca se esqueceu do romance tempestuoso com um homem de palavras gentis e atitudes grosseiras. Nem o restante do mundo se esqueceria de John Wilkes Booth⁶, o homem que matou o presidente Lincoln.

Hoje, estou certo de que houve muito mais coisa nessa história do que um simples romance entre um rapaz e uma garota, mas para o nosso caso valem a semelhança e a lição aprendida. As palavras que Jesus ouviu naquele dia foram igualmente gentis. Quem teria imaginado que foram proferidas por assassinos? Mas ali há um exemplo de bajulação. Trate-o com o mesmo cuidado que dispensaria a uma bainha enfeitada com pedras preciosas porque dentro de ambos há uma espada.

Caso três: Conversas ardilosas.

Entram em cena os saduceus. "Neste canto, fortes em argumentos e fracos em imparcialidade, os aristocratas de Jerusalém, os *IvyLeaguers*de* Israel, os liberais de extrema esquerda — os saduceus!"

Esse pequeno grupo de líderes adorava a filosofia grega e desprezava a tradicional doutrina do Tora, considerando-a rígida demais, conservadora demais. Pendiam para o lado dos romanos. Os fariseus não — defendiam as tradições. Os saduceus acreditavam que não havia vida após a morte. Os fariseus seriam capazes de dizer que roupa usaremos na vida após a morte.

Normalmente esses dois grupos nunca estariam do mesmo lado. Mas o temor que sentiam em relação a Jesus os uniu. Os saduceus ganhavam dinheiro trabalhando como cambistas e vendendo pombas no templo. A purificação do templo na segunda-feira os convenceu de que deveriam enviar aquele sujeito de volta às suas origens.

Portanto, os saduceus utilizam o terceiro artifício da língua: conversa astuciosa (ardilosa) baseada em hipóteses. Se isso e aquilo acontecer diante daquele fato antes que... Seu artifício é criar uma versão radical de um suposto incidente para armar uma armadilha e pegar Jesus em sua resposta.

Se você quiser conhecer a versão completa das perguntas preparadas por eles leia Mateus 22.24-28. Se quiser conhecer a versão resumida e minha interpretação aqui está ela. "Mestre, Moisés disse que se um homem casado morrer sem deixar filhos, seu irmão deve se casar com a viúva e ter filhos com ela. Conhecemos um caso de sete irmãos que blá, blábláblá..."

Assim como o peixe beijoqueiro, os saduceus protegiam obstinadamente seus pequenos pedaços de terra. Assim como o peixe beijoqueiro, tinham visão estreita. Brigavam por uma pequena porção de terra. Lutavam por um minúsculo território em um imenso oceano.

Na Igreja há aqueles que descobrem um pequeno território e se apegam obsessivamente a ele. Na família de Deus há aqueles que encontram um ponto polêmico e fazem valer seus direitos. Toda igreja tem no mínimo uma alma obstinada que se especializa em um pormenor da mensagem e desenvolve uma tese sobre ele.

Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia e Yale.

Criaturas míopes lutando por insignificâncias.

A resposta de Jesus merece ser enfatizada. "Vocês estão equivocados." A versão da Bíblia que você tem em mãos não utiliza essas palavras, nem a minha. Mas poderiam ter sido utilizadas.

A tradução aproximada do grego seria: "Vocês estão por fora. Não compreendem o ponto principal. Estão caçando coelho em um beco sem saída."

Algum tempo atrás ouvi uma canção de Dennis Tice que mostra o absurdo de brigar por insignificâncias. Com a permissão do autor, quero que você também a conheça. Você vai adorar o título: "Será que Adão e Eva tinham umbigos?" (*Did Adam and Eve Have Navelsi*).

Adão e Eva tinham umbigos ou só uma marca no lugar?

Os outros ficam acordados à noite ou só eu fico?

Pensando nessa questão que atormenta a humanidade

Hummmmmmmmmmmmmmmmm!

O umbigo faz parte da criação, como pode ser tão cego?

Vou fundar uma igreja e falar dessa minha doutrina

Porque Adão e Eva tinham umbigos e serei capaz de provar.

Sei que "Deus é amor" e "Jesus salva", mas o que dizer sobre essa verdade?

Encontrei a resposta no ano passado em 1 João capítulo 2:

Procure a verdade, a verdade o libertará,

Espere em Deus com toda a sinceridade

E assim alcançará o mais alto posto no Cristianismo.

Quando você se tornar um umbiguista, seus olhos finalmente verão

Que Adão e Eva tinham umbigos, é o que lhe digo agora

Sim, estou me preocupando com bobagens por Jesus e isso é bom,

Estou levando você a enxergar o que você não consegue,

Estou me preocupando com bobagens por Jesus para ter mais espiritualidade,

Contei essa verdade a todo mundo e o umbiguismo se expandiu.

Milhares de crentes estão se fortalecendo (porque também prego sobre a salvação)

Mas a Igreja está se dividindo por bobagens,

Os umbigos de Adão e Eva eram internos ou externos, o que isso importava para eles?7

Os cristãos que se preocupam com ninharias acabam destruindo igrejas.

.

Em sua última semana de vida Jesus deixou clara uma mensagem: Deus percebe quando fazemos mau uso das palavras. Os líderes religiosos pensavam que poderiam manipular Jesus com palavras. Estavam enganados.

Deus não cai em armadilhas, não se ensoberbece com lisonjas, não se deixa enganar com hipóteses. Ele foi assim naquela época e ainda é.

O drama do peixe beijoqueiro é ter visão curta. Durante sua luta com a boca ele vê o tempo todo a mesma porção do recife. Se eu pudesse conversar com ele, passar um momento com a criatura que luta ferozmente para proteger sua propriedade e deixa de lado o que é novo... eu o desafiaria a olhar ao redor.

Diria o que necessito ouvir quando penso que sou o dono da verdade: Saia de seu território por alguns momentos. Explore novos recifes. Investigue novas regiões. Feche a boca e abra os olhos. Você terá muito a ganhar.

1. Mateus 21.23.

2. Mateus 21.26.

3. Mateus 22.15-17.

4. Salmo 12.3.

5. Provérbios 28.23.

6. Aurandt, Paul. Paul Harvey's the Rest of the Story, Nova York: Bantam Books, 1977, p. 123.

*** N. da T.: Ivy Leaguers — Como são conhecidos os alunos de uma das oito maiores e melhores faculdades do nordeste dos Estados Unidos, que inclui Brown,**

7. Tice, Dennis. "Did Adam and Eve Have Navels?' Uso permitido.

O Que Homem Nenhum Ousou Sonhar

Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?

Mateus 22.42

Os heróis espelham uma sociedade. Para entender um país é necessário analisar seus heróis. Reverenciamos aqueles que personificam nossos sonhos — os contraventores levantam um brinde ao bandido, os escravos admiram o libertador e os membros de uma seita exaltam o líder. O fraco notabiliza o forte, e o oprimido reverencia o corajoso.

O resultado é uma galeria de heróis mundiais em posições tão antagônicas quanto Josef Stalin em relação a Florence Nightingale, Peter Pan em relação a George Patton e Mark Twain em relação a Madre Teresa. Cada um deles é um capítulo do livro chamado povo.

Certo personagem lendário, contudo, reflete mais do que uma simples cultura — ele reflete o globo terrestre. É conhecido no mundo inteiro. Seu rosto é facilmente identificado tanto na Nigéria como em Indiana. Um personagem imortal cuja história foi escrita e contada aos povos de todos os países.

Se for verdade que as lendas espelham um povo, então esse homem é o espelho do mundo. E podemos aprender muito sobre nós mesmos se analisarmos a vida desse herói.

Alguns chamam-no de Sinterklass. Outros de Père Noel ou Papai Noel. Também é conhecido como Hoteiosho, Sonnerklaas, Father Christmas, Jelly Belly e, para a maioria dos povos de língua inglesa, Santa Claus.

Seu nome verdadeiro é Nicolau, que significa vitorioso. Nasceu no ano 280 d.C. num país onde hoje se localiza a Turquia. Perdeu os pais aos nove anos de idade, vítimas de uma epidemia. Embora muitos imaginem que Papai Noel tenha se especializado em fabricar brinquedos e dedicado menor interesse à mercadologia, ele (Nicolau) estudou filosofia grega e doutrina cristã.

No início do século 1º, a Igreja Católica outorgou-lhe o honroso título de Bispo de Myra. Permaneceu no cargo até sua morte em 6 de dezembro de 343.

Foi reconhecido pela História como santo, mas no século três se meteu em algumas encrencas. Foi preso duas vezes, uma pelo imperador Dioclesiano por motivos religiosos e outra por ter agredido fisicamente um colega durante uma discussão calorosa. (Só para descobrir quem é mau e quem é bom.)

Nicolau nunca se casou. Porém isso não quer dizer que não tivesse sido romântico. Era famoso pela benevolência que dedicava a um vizinho pobre sem condições de sustentar as três filhas ou de oferecer o costumeiro dote para que elas conseguissem fisgar um marido. O velho São Nicolau dirigiu-se sorrateiramente até a casa do vizinho durante a noite e despejou um punhado de moedas de ouro pela janela a fim de que a filha mais velha conseguisse um marido. Fez o mesmo para as outras filhas nas duas noites seguintes.

Essa história foi a semente que, regada ao longo dos anos, transformou-se na lenda do Papai Noel. Aparentemente as gerações seguintes fizeram suas próprias adaptações e a história se propagou mais do que a árvore de Natal.

O punhado de moedas aumentou para um saco de moedas. Em vez de despejá-las pela janela, ele as despejava pela chaminé. E ao invés de caírem no chão, os sacos de moedas caíam nas

meias que as moças colocavam na lareira para secar. (Foi então que surgiu o costume de colocar os presentes dentro de meias.)

O tempo tem sido generoso para com a imagem e as façanhas de Nicolau. Seus atos receberam maior notoriedade, e seus trajes e personalidade passaram por transformações.

Como Bispo de Myra ele usava trajes sacerdotais e mitra. Diziam que era magro, tinha barba escura e personalidade circunspecta.

Por volta de 1300, alguém pintou sua figura com barba branca. Por volta de 1800 acrescentaram uma barriga proeminente e uma cesta de aumentos no braço. Depois vieram as botas pretas, traje vermelho e um vistoso gorro de meia na cabeça. No final do século 19 transformaram a cesta de alimentos em saco de brinquedos. Em 1866 ele era franzino como um gnomo mas por volta de 1930 passou a ser alto e robusto, com bochechas rosadas e uma Coca-Cola na mão.

Papai Noel reflete os sonhos dos povos do mundo inteiro. Ao longo dos séculos tornou-se a combinação ideal de tudo aquilo que almejamos:

Um amigo leal que faz uma longa viagem enfrentando toda a sorte de adversidades para levar presentes às pessoas bondosas.

Um sábio que, apesar de estar ciente de todos os atos, descobriu uma maneira de recompensar os bons e ignorar os maus.

Um amigo das crianças que nunca adocece nem envelhece.

Um pai que nos deixa sentar em seu colo e ouve nossos maiores desejos.

Papai Noel. O protótipo perfeito do herói que temos em mente. A personificação de nossos sentimentos. A expressão de nossos anseios. A realização de nossos desejos.

E... a frustração de nossas mais humildes expectativas.

Como assim? Você me pergunta. Deixe-me explicar.

Veja, Papai Noel não consegue suprir todas as nossas necessidades. Ele aparece apenas uma vez por ano. Quando os ventos de janeiro gelam nossa alma, eleja se foi. Quando as compras de dezembro transformam-se em pagamentos em fevereiro, ele não se encontra mais nas lojas. Quando chega o momento de pagar os impostos em abril ou das provas escolares de maio, ainda falta muito tempo para sua próxima visita. E se adoecermos em julho ou nos sentirmos sozinhos em outubro, não podemos recorrer a ele em busca de conforto — sua cadeira está vazia. Ele só aparece uma vez por ano.

E quando chega, embora traga muita coisa, não leva muita coisa embora. Não leva embora o mistério da morte, o fardo dos erros, a ansiedade das responsabilidades. Ele é bondoso, rápido e gracioso; mas quando se tratar de feridas emocionais — não recorra a Papai Noel.

Veja bem, não quero dizer que ele seja um sujeito desumano. Não estou querendo fazer duras críticas a esse velhinho risonho. Estou apenas dizendo que somos medrosos quando se trata de criar heróis.

Você acha que poderíamos ter feito melhor. Acredita que ao longo de seis séculos poderíamos ter criado um herói que pudesse resolver nossos problemas.

Mas não podemos. Criamos inúmeros heróis: do rei Arthur a Kennedy; de Lincoln a Lindbergh; de Sócrates a Papai Noel e ao Superman. Esforçamo-nos ao máximo, damos-lhes todo o crédito possível, força sobrenatural e, por um breve momento de glória, temos o nosso tão sonhado herói — o rei que pode resgatar Camelot. Mas de repente a verdade aparece e a realidade emerge em meio à ficção, deixando exposto o interior da armadura. Percebemos, então, que os heróis, por mais maravilhosos que tenham sido, por mais valentes que tenham sido, foram produzidos em uma sociedade deturpada, a mesma em que você e eu vivemos.

Exceto um. Houve um que disse ter vindo de um lugar diferente. Houve um que, embora tendo a aparência humana, disse ter vindo de Deus. Houve um que, apesar de ter as feições de um judeu, estampava a imagem do Criador.

Aqueles que o viram — que o conheceram pessoalmente — sabiam que havia algo diferente nele. A um toque de sua mão, os cegos enxergavam. A um comando seu, os paralíticos andavam. A um abraço seu, as vidas vazias enchiam-se de sonhos.

Ele saciou a fome de milhares de pessoas com um cesto de alimentos. Acalmou a

tempestade com uma ordem. Ressuscitou os mortos com uma palavra. Transformou vidas com um pedido. Mudou o rumo da história do mundo, morou em um país, nasceu em uma manjedoura e morreu no alto de uma colina.

Durante sua última semana de vida, ele resumiu suas afirmações em uma pergunta. Ao falar de si mesmo, perguntou a seus discípulos: "Que pensais vós do Cristo? de quem é filho?"

Pergunta perspicaz. Pergunta muito bem colocada. O "que" é respondido pelo "quem". "Que pensais vós do Cristo" está implícito em "de quem é filho". Observe que Jesus não perguntou: "Que pensais vós do Cristo e de seus ensinamentos?" nem "Que pensais vós do Cristo e de suas opiniões sobre questões sociais?" nem "Que pensais vós do Cristo e de seu dom de liderar o povo?"

Após três anos de ministério, centenas de quilômetros percorridos, milhares de milagres, inúmeros ensinamentos, Jesus pergunta: "Quem?" Jesus convida o povo a refletir, não sobre o que ele fez mas sobre quem ele é.

Esta é a pergunta fundamental de Cristo: De quem ele é filho?

É o filho de Deus ou a totalização de nossos sonhos? E a força da criação ou o resultado de nossa imaginação?

Quando fazemos essa pergunta em relação a Papai Noel, diríamos que ele é o ponto alto de nossos desejos. Uma representação pictórica de nossos mais belos sonhos.

A mesma resposta não se aplica a Jesus. Porque ninguém poderia sequer sonhar com a existência de alguém tão incrível quanto ele. A idéia de que uma virgem seria escolhida por Deus para trazê-lo ao mundo... A noção de que Deus o dotaria de cabelos, dedos e dois olhos... O pensamento de que o Rei do universo seria capaz de espirrar, e ser picado por mosquitos... É incrível demais. Revolucionário demais. Jamais criaríamos um Salvador assim. Não teríamos tal ousadia.

Quando criamos um redentor, fazemos questão de deixá-lo protegido em um castelo bem distante. Permitimos apenas que ele passe muito rápido perto de nós. Permitimos que ele apareça e desapareça rapidamente em seu trenó sem termos a oportunidade de um encontro mais prolongado. Não lhe pediríamos que viesse morar no meio de um povo corrompido. Em nossos mais tresloucados sonhos jamais imaginariamos criar um rei igual a qualquer um de nós.

Mas Deus criou. Deus fez o que nem sequer ousariamos sonhar. Fez o que nem sequer poderíamos imaginar. Fez-se homem para que pudéssemos confiar nele. Sacrificou-se para que pudéssemos conhecê-lo. E venceu a morte para que pudéssemos segui-lo.

Isso desafia a lógica. Uma incredibilidade sacrossanta. Só um Deus infinitamente superior a regras e sistemas poderia idealizar um plano tão absurdo quanto esse. Contudo, é a própria impossibilidade de tudo isso que o torna possível. A insensatez da história é sua maior testemunha.

Porque só um Deus poderia idealizar essa insensatez. Só um Criador infinitamente superior aos limites da lógica poderia oferecer tamanho dom de amor.

O que o homem não pode fazer, Deus faz.

Portanto, quando se tratar de presentes e guloseimas, bochechas co-radas e narizes vermelhos, vá ao Pólo Norte.

Porém, quando se tratar de eternidade, perdão, propósito de vida e verdade, vá à manjedoura. Ajoelhe-se ao lado dos pastores. Adore o Deus que ousou fazer o que homem nenhum ousou sonhar.

O Cursor ou a Cruz?

Como escapareis da condenação do inferno?

Mateus 23.33

Há uma coisa que não gosto nos computadores: eles fazem o que eu digo mas não fazem o que eu quero.

Exemplo: Quero acionar a tecla "control" mas aperto a 'CAPS LOCK' E DE REPENTE COMEÇAM A APARECER LETRAS GIGANTES QUE TOMAM CONTA DE TODA A TELA. OLHO PARA A TELA E DIGO, 'NÃO É ISSO O QUE QUERO FAZER!' E corrijo meu erro.

Outro exemplo.

Quero corrigir uma letra mas inadvertidamente aperto a tecla que elimina a palavra inteira. "Não é isso que quero fazer", resmungo olhando para aquele monstro em minha frente e corrijo meu erro.

Sei que não deveria ser tão severo com a MÁQUINA (EPA, ERREI OUTRA VEZ). Afinal, ela não passa de um objeto inanimado. Não pode ler minha mente (no entanto, em vista de seu preço, deveria pelo menos me impedir de cometer o mesmo erro repetidas vezes). O computador processa informações. Não raciocina. Não faz perguntas. Não sorri, não trepida seu monitor nem diz: "Max, Max, sei o que você está tentando fazer. Você não quer apertar a tecla 'delete' e apagar todas as letras. Se olhasse para a tela, constataria isso. Mas como não faz isso e como somos bons amigos e você me deixa ligado, vou fazer o que você precisa e não o que me pede."

Os computadores não fazem isso. Os computadores são legalistas, pragmatistas impessoais. Aperte uma tecla e tenha a resposta. Aprenda a lidar com o sistema e obtenha o texto impresso. Queime seu fusível e prepare-se para uma longa noite.

Os computadores são criaturas sem coração. Não espere qualquer sentimento de piedade por parte de seu *lap top*. Não é à toa que lhe dão o nome de disco rígido. (Até sua parte externa é rígida.)

Algumas pessoas adotam a "teologia de computador" quando se trata de entender a Deus. Deus é a última palavra em *desktop*. A Bíblia é o manual de manutenção, o Espírito Santo é o disquete, e Jesus é a linha 0800 de atendimento ao consumidor.

Isso se chama cristianismo computadorizado. Aperte as teclas certas, digite o código certo, insira os dados corretos e... bingo!, imprima sua salvação.

Trata-se de uma religião profissional. Você faz a sua parte e o Computador Divino faz a dele. Não há necessidade de oração (afinal, você é quem controla o teclado). Não há necessidade de envolvimento emocional (quem gostaria de abraçar circuitos?). E quanto a adoração? Bem, a adoração é um exercício de laboratório — insira os rituais e veja os resultados.

Religião computadorizada. Nada de dobrar os joelhos. Nada de chorar de arrependimento. Nenhum agradecimento. Nenhuma emoção. Isso é ótimo — exceto se você cometer um erro. Exceto se cometer um deslize. Exceto se incluir dados errados ou se esquecer de salvar o arquivo. Exceto se tocar no lado errado da corrente elétrica. Aí então... azar seu, companheiro, você terá de se virar por conta própria.

Religião por computador. É o que acontece quando...

você substituiu Deus pela máquina;
você substituiu o amor inestimável por dinheiro;
você substituiu o supremo sacrifício de Cristo por conquistas humanas insignificantes.

Quando você enxerga Deus como um computador e o cristão como um triturador de números, manipulador do cursor, apertador de botões... essa é a religião por computador.

Deus odeia essa religião. Ela oprime seu povo. Contamina seus líderes. Corrompe seus filhos.

Como sei disso? Foi ele quem falou. Jesus condena a religião feita de regras. Com olhos lançando chamas e disparando suas armas, Jesus perfura uma vez atrás da outra o balão de ar quente dos fariseus. Seu sermão na terça-feira é um tiroteio visando um só alvo. O resultado é a proclamação permanente de Deus contra a salvação sistemática.

Vejamos se um simples exercício é suficiente para esclarecer esse ponto. Como você preencheria o espaço em branco abaixo?

Uma pessoa é considerada justa aos olhos de Deus mediante _____.

Afirmção simples. Contudo, não se deixe enganar por essa simplicidade. O modo como você completou a frase acima é de suma importância; reflete a natureza de sua fé.

Uma pessoa é considerada justa aos olhos de Deus mediante...

Bondade. Uma pessoa é considerada justa aos olhos de Deus mediante bondade. Paga impostos. Dá sanduíches ao pobre. Não dirige em alta velocidade, não abusa de bebidas alcoólicas ou é abstinência. Conduta cristã — esse é o segredo.

Sufrimento. Aí está a resposta. É assim que alguém é considerado justo aos olhos de Deus — sofrendo. Dormir em chão sujo. Atravessar florestas úmidas e abafadas. Malária. Pobreza. Dias frios. Longas noites de vigília. Votos de castidade. Cabeça raspada, pés descalços. Quanto maior o sofrimento, maior a santidade.

Não, não, não. Como poderemos ser considerados justos aos olhos de Deus? Mediante doutrina. Interpretação imparcial da verdade. Teologia hermética que explica todos os mistérios. O milênio simplificado. Inspiração elucidada. O papel das mulheres definido de uma vez por todas. Deus tem de nos salvar — sabemos mais do que ele.

Como podemos ser considerados justos aos olhos de Deus? Tudo acima foi tentado. Tudo foi ensinado. Tudo foi demonstrado. Mas nada disso procede de Deus.

Aí está o problema. Nada disso procede de Deus. Tudo procede do ser humano. Pense nisso. Quem é a força maior nos exemplos acima? O ser humano ou Deus? Quem salva, você ou ele?

Se somos salvos por meio de boas obras, não necessitamos de Deus. Basta lembrar do que devemos e do que não devemos fazer, e iremos para o céu. Se somos salvos mediante sofrimento, certamente não necessitamos de Deus. Basta um chicote e uma corrente e um sentimento de culpa. Se somos salvos por meio da doutrina, basta só estudar! Não necessitamos de Deus; basta um dicionário. Analise as questões. Explore as opções. Decifre a verdade.

Tome cuidado, aluno. Porque se você for salvo pelo fato de saber a doutrina correta, um pequeno erro será fatal. Isso se aplica àqueles que acreditam que somos considerados justos aos olhos de Deus mediante boas obras. Espero que a tentação nunca seja maior do que a força. Se for, uma queda de mau jeito poderia ser um mau agouro. E aqueles que pensam que são salvos mediante sofrimento, também tomem cuidado, porque nunca saberão quanto sofrimento será necessário.

Se você for o salvador de si mesmo, nunca terá certeza de nada. Nunca saberá se sofreu o suficiente, chorou o suficiente ou aprendeu o suficiente. Esse é o resultado da religião computadorizada: medo, insegurança, instabilidade. E, mais irônico ainda, arrogância.

É isso mesmo — arrogância. O inseguro é quem mais se vangloria. Os que estão tentando salvar a si mesmos promovem a si mesmos. Os salvos mediante obras exibem obras. Os salvos mediante sofrimento deixam à mostra cicatrizes. Os salvos mediante emoção deixam escapar seus sentimentos, E os salvos mediante doutrina, você já sabe. Carregam suas doutrinas nas mangas.

Ou, como aconteceu no caso dos fariseus, na cabeça: "Atam fardos pesados [e difíceis de carregar]."

Ou nos ombros: "Alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas."

Ou escolhem os assentos principais: "Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas."³

E orgulham-se de títulos. Amam "as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens."⁴

Os fariseus eram arrogantes. Eram arrogantes porque se consideravam virtuosos. Consideravam-se virtuosos porque estavam tentando ser justos sem Deus. Transformaram o templo em uma rede de computadores. A sinagoga era o curso de programação, os rituais o teclado e os fariseus os programadores. Eles eram as autoridades. Estavam certos e ponto final.

"Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens."⁵

Isso deixou Jesus furioso. Tão furioso que seu último sermão aos fariseus não falou de amor, de compaixão nem de evangelização. Falou de fé dissimulada e corações ociosos. Foi um tapa **violento no rosto** contra a liderança legalista.

Chamou-os seis vezes de hipócritas e cinco vezes de cegos. Acusou-os de serem fatalistas suicidas — preferindo o inferno ao céu e levando o povo com eles. Ao invés de converter o povo a Deus, eles produziam clones de si mesmos. Complicavam o evangelho com mitos e superstições. Vangloriavam-se na hora de dar o dízimo, mas se encolhiam na hora de reparti-lo.⁶

Sua fé era tão atraente quanto comer um prato de lentilhas amanhecidas ou tão aromática quanto cavoucar sepulcros do século passado. Eram tão inocentes e sinceros quanto um fofoqueiro.

"Serpentes, raça de víboras!" disse-lhes Jesus, vendo em seus olhos a mesma maldade que Eva havia visto no jardim do Éden.

O que enfureceu Jesus em sua última semana não foi a confusão demonstrada pelos apóstolos. Ele não se aborreceu com as exigências do povo. Não perdeu a calma com os soldados e seus açoites nem se exasperou com Pilatos e seu interrogatório. Mas se houve uma coisa que ele não conseguiu engolir foi a fé dissimulada: Religião utilizada para obter lucros e religião utilizada para obter prestígio. Isso ele não pôde tolerar.

Trinta e seis versículos inflamados foram resumidos em uma pergunta: "Como escapareis da condenação do inferno?"⁷

Boa pergunta. Boa pergunta para os fariseus, boa pergunta para mim e você. Como escaparemos da condenação do inferno?

Essa pergunta é respondida no espaço em branco que você preencheu. Uma pessoa é considerada justa aos olhos de Deus mediante _____.

Ironicamente, ou apropriadamente, foi um fariseu quem primeiro escreveu essa frase. Ou, pelo menos, ele adotava os mesmos costumes dos fariseus. Recebeu treinamento em frente a um terminal teológico. Era um excelente especialista em religião. Tinha resposta para as perguntas mais complicadas e resolvia os enigmas mais intrincados. Porém, a pergunta mais importante, a pergunta de Jesus, ele não foi capaz de responder.

Gostaria de saber se ele estava presente no dia em que Jesus fez a pergunta "Como escapareis da condenação do inferno?" Talvez estivesse. Talvez seu rosto jovem estivesse no meio da multidão. Talvez estivesse lá, com rolos de pergaminho debaixo do braço, olhar carrancudo. Herdeiro aparente da cadeira ocupada pelos legalistas.

Gostaria de saber se ele estava lá...

Se estivesse, não saberia responder a pergunta. Nenhum legalista sabe. O homem que salva a si mesmo não diz nada na presença de Deus. De repente, nossos melhores esforços tornam-se miseravelmente insignificantes. Você ousaria ficar diante de Deus e pedir que ele o salve por causa de seu sofrimento, de seu sacrifício, de suas lágrimas ou de seus estudos?

Nem eu.

Nem Paulo. Passaram-se décadas até ele descobrir a resposta e escrevê-la em uma única sentença.

"O homem é justificado pela fé."⁸ Não mediante boas obras, sofrimento ou estudos. Tudo isso pode ser o resultado da salvação mas não a causa da salvação.

Como você escapará da condenação do inferno? De uma única maneira. Pela fé no sacrifício

de Deus. Não pelo que você faz, mas pelo que ele fez.

.

A propósito, meu computador continua a me deixar maluco. Ainda faz O QUE DIGO, epa errei de novo, e não o que eu gostaria de fazer. Aperto a tecla errada e pago o preço. Por esse motivo, recuso-me a chamá-lo pelo nome que os fabricantes lhe dão. Ele não é um computador pessoal. É frio, desinteressado e não se importa com minha felicidade.

O computador pessoal deveria ser diferente. Na verdade, não deveria ser um computador, mas um amigo. Um amigo que me dê o que necessito e não o que peço. Um amigo que saiba mais sobre mim do que eu. Um amigo que não precise ser desligado à noite e ligado de manhã.

Um computador assim? Sei que estou pedindo demais.

Um Deus assim? Também seria pedir muito. Mas é o que ele é. Por que você acha que ele é conhecido como seu Salvador pessoal?

1. Mateus 23.4.

2. Mateus 23.5.

3. Mateus 23.6.

4. Mateus 23.7.

5. Mateus 23.5.

6. Mateus 23.13-32.

7. Mateus 23.33.

8. Romanos 3.28.

Fé Descomplicada

Ninguém, pois, vos julgue...
Colossenses 2.16

A hora de dormir é um tormento para a garotada. Nenhuma criança entende a lógica de ir para a cama quando o organismo ainda tem tanta energia e o dia ainda tem algumas horas pela frente.

Minhas filhas não fogem à regra. Algumas noites atrás, após muitas objeções e inúmeros resmungos, as meninas finalmente foram dormir. Entrei sorrateiramente no quarto delas para lhes dar um beijo de boa-noite. Andréa, de cinco anos, ainda estava acordada, quase cochilando, mas acordada. Quando a beijei, ela abriu os olhos com esforço e disse: "Não vejo a hora de acordar."

Quem me dera agir como uma criança de cinco anos! Aquele simples entusiasmo de viver que não pode aguardar o amanhã. Uma filosofia de vida que diz: "Brinque bastante, divirta-se bastante e deixe as preocupações por conta de seu pai." Um poço sem fundo de otimismo abastecido por uma nascente de fé. Haveria, então, algum motivo de espanto quando Jesus disse que devemos ter o coração de uma criança se quisermos entrar no reino dos céus?

Gosto da maneira pela qual J. B. Phillips apresenta a exortação de Jesus a respeito de nos tornarmos iguais a uma criança:

"Jesus chamou uma criança para perto de si e a fez ficar em pé no meio deles. 'Creiam-me', ele disse, 'se vocês não se transformarem completamente e não se tornarem como crianças, de modo algum entrarão no reino dos céus'.¹

Observe a expressão "transformarem completamente". Não se trata de uma ordem simples. Deixem de olhar a vida como adultos e vejam-na com os olhos de uma criança.

Admoestação essencial para nós, adultos ajuizados, de semblantes circunspectos, mal-humorados. Conselho necessário para nós, imitadores de Charles Atlas, carregando o mundo nos ombros. Palavras agradáveis para aqueles que raramente dizem: "Não vejo a hora de acordar", e com mais frequência, "Não vejo a hora de dormir".

Em um aspecto agimos como crianças. Resmungamos tanto quanto elas — só que resmungamos na hora de levantar e não na hora de dormir.

Não é difícil entender por quê.

Quem se sente animado a entrar em um mundo onde tantas pessoas já estão acordadas? Hora marcada para enfrentar congestionamento de trânsito, irritação do chefe e ruas apinhadas. Ficar com a cabeça no travesseiro é muito mais cômodo do que enfrentar tudo isso.

Há uma palavra que resume a frustração da maioria das pessoas — confusão. Nada parece simples. Ultimamente você já tentou entender as cláusulas de um contrato imobiliário? Tentou entender o estado de ânimo de seu cônjuge? Comprou um novo sistema de telefones para seu escritório recentemente? Tentou consertar um microondas ou decifrar os conselhos de um terapeuta? Então sabe do que estou falando.

Entra em cena a religião. Nós, os cristãos, sabemos como resolver a confusão, certo? "Abandone o mundo complicado da humanidade", costumamos dizer, "e entre no jardim sensato e

seguro da religião."

Sejamos honestos. Em vez de "jardim sensato e seguro" que tal "espetáculo turbulento e confuso"? Não deveria ser o caso, mas quando paramos para pensar e analisamos como a religião é vista pelos não-religiosos, a imagem de um parque de diversões nos vem à mente.

Cerimônia com luzes pisca-pisca e pompa. Montanha-russa causando arrepios de emoção. Música em alto volume. Pessoas estranhas. Roupas esquisitas.

Os pregadores gritam como camelôs no meio da rua: "Venham conhecer a Igreja da Esperança Celestial de Anjos Sublimes e Corações Felizes..."

"Por aqui, madame; esta igreja é tão severa para com seus fiéis quanto a senhora. Venha conhecê-la, aqui a senhora encontrará a salvação por meio da santificação que leva à purificação e estabilização. Venha, a menos que a senhora prefira seguir a doutrina da predestinação que oferece..."

"Um minuto de atenção, senhor. Conheça nosso culto pré-milenista, não-carismático e calvinista... o senhor não se arrependerá."

Um jardim seguro e sereno? Não é de admirar o que ouvi certa vez de uma mulher: "Gostaria de conhecer Jesus desde que não precisasse me envolver com religião."

Essa senhora fala por milhares de pessoas. Pode estar falando por você. Talvez você queira despertar para uma vida igual à de minha filha: divertida, tranqüila e segura. Você não encontrou nada disso no mundo e, após dar uma espiada dentro da igreja, não está muito seguro acerca do que viu.

Ou talvez tenha feito mais do que dar uma simples espiada dentro da igreja; entrou e colocou mãos à obra. Colaborou, visitou, trabalhou como voluntário e doutrinou. Porém, em vez de encontrar descanso, saiu de lá estressado. E agora sente-se confuso porque Jesus disse que você encontraria paz na igreja e, como não a encontrou, imagina que a culpa seja sua. Deus não diria isso Para não cumprir depois, certo?

Portanto, além de estar confuso com o mundo e com a igreja você também está confuso com sua incompetência de encontrar um sentido em tudo isso.

Ufa! Como é difícil ser cristão!

No entanto, não deveria ser. A religião complicada não procede de Deus. Leia Mateus 23 e se convencerá disso. Trata-se de uma severa repreensão de Cristo sobre a religião de parque de diversões.

Se você sempre imaginou que Jesus tivesse a aparência de um homem franzino e excessivamente tímido, leia esse capítulo e veja seu outro lado: um pai zangado acusando os alcoviteiros que corromperam seus filhos.

Chamou-os seis vezes de hipócritas. Cinco vezes de cegos. Acusou-os sete vezes e vaticinou uma vez a ruína deles. Não foi uma apresentação que poderíamos chamar de relações públicas.

Contudo, no meio de um rio turbulento de palavras há uma ilha segura de doutrinação. Em um certo momento, no meio desse tiroteio, Jesus coloca a arma no coldre, vê os olhos arregalados dos discípulos e descreve a essência da fé descomplicada. Cinco versículos: uma leitura tão curta quanto prática. Dê a isso o nome de solução de Cristo para o cristianismo complicado.

"Vós, porém, não sereis chamados 'mestres', porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso 'pai'; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados 'guias', porque um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado."²

Como simplificar a fé? Como se livrar da confusão? Como descobrir a alegria de despertar para a vida? Simples. Liberte-se dos intermediários.

Descubra a verdade por si mesmo. "Um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos."³

Adquira confiança por si mesmo. "A ninguém sobre a terra chameis vosso 'pai'; porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu.

Entenda a vontade de Deus por si mesmo. "Um só é vosso Guia, o Cristo."⁵

Há pessoas que se colocam entre você e Deus. Há pessoas que afirmam que você só poderá se aproximar de Deus por intermédio delas. Há o mestre que tem a palavra final sobre a doutrina

bíblica. Há o pai que se acha no dever de abençoar seus atos. Há o guia espiritual que lhe diz o que Deus deseja que você faça. A solução de Jesus para a religião complicada é afastar esses intermediários do caminho.

Jesus não está dizendo que você não necessita de mestres, presbíteros ou conselheiros. Ele está dizendo que somos todos irmãos e temos igual acesso ao Pai. Simplifique a fé buscando a Deus por si mesmo. Sem cerimônias complicadas. Sem rituais misteriosos. Sem comandos confusos ou canais de acesso.

Você tem uma Bíblia? Pode, então, estudá-la. Tem um coração? Pode, então, orar. Tem uma mente? Pode, então, raciocinar.

Uma de minhas histórias preferidas refere-se a um bispo que estava viajando de navio para visitar uma igreja do outro lado do oceano. No meio do percurso, o navio atracou em uma ilha durante um dia. O bispo saiu para um passeio na praia. Encontrou três pescadores consertando suas redes.

Curioso a respeito do comércio de pesca, fez-lhes algumas perguntas. Curiosos a respeito de seus trajes sacerdotais, eles também lhe fizeram algumas perguntas. Ao descobrirem que o bispo era um "der cristão, pularam de alegria. "Nós cristãos!" disseram apontando orgulhosos um para o outro.

O bispo impressionou-se com a atitude dos pescadores, mas demonstrou uma certa cautela. Conheciam a oração do Pai-Nosso? Responderam que nunca a tinham ouvido.

— Então o que vocês dizem quando oram?

— Oramos assim: 'Nós somos três. Vós sois três, tende misericórdia de nós.'

Atônito diante da simplicidade da oração, o bispo lhes disse:

— Isso só não basta.

Resolveu, então, passar o dia ensinando-lhes a oração do Pai-Nosso. Os pescadores eram homens simples, mas dispostos a aprender. E antes de o bispo seguir viagem no dia seguinte, já sabiam recitar a oração sem errar.

O bispo sentiu-se orgulhoso.

Na viagem de volta, o navio aproximou-se da ilha. Ao avistá-la de longe, o bispo dirigiu-se ao convés. Lembrou-se com satisfação dos pescadores e pensou em visitá-los. Enquanto pensava, viu uma luz no horizonte perto da ilha. Parecia aproximar-se cada vez mais. Enquanto o bispo olhava espantado para aquela luz, os três pescadores começaram a caminhar dentro d'água em sua direção. Em breve todos os passageiros e a tripulação se aglomeraram no convés para ver a luz.

Ao chegarem a uma distância razoável do navio, os pescadores gritaram:

— Bispo, viemos correndo para nos encontrar com o senhor.

— O que desejam? — indagou o bispo, atordoado.

— Estamos muito aborrecidos. Esquecemos parte daquela linda oração. Sabemos só dizer: "Pai Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome..." e esquecemos o resto. Por favor, gostaríamos que o senhor nos ensinasse a oração novamente.

O bispo recebeu uma lição de humildade.

— Voltem para suas casas, meus amigos, e quando orarem digam: "Nós somos três, vós sois três, tende misericórdia de nós."

Busque a fé descomplicada. Concentre-se naquilo que é importante. Focalize no que é fundamental. Anseie por Deus.

"Não vejo a hora de acordar", são as palavras de fé de uma criança. Andréa diz isso porque seu mundo é simples. Ela brinca bastante, diverte-se bastante e deixa as preocupações por conta de seu pai.

Façamos o mesmo.

1. *Mateus 18.2-3.*

2. *Mateus 23.8-12.*

3. *Mateus 23.8.*

4. *Mateus 23.9.*

5. *Mateus 23.10.*

Manual de Sobrevivência

*Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.
E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo,
para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.*

Mateus 24.13-14

Alguns de vocês não entenderão este capítulo. Alguns de vocês não compreenderão sua mensagem nem sua promessa. Você não o entenderá se:

Nunca errou e não tolera quem erra.

Sua vida é tão limpa quanto um hospital recém-inaugurado e sua alma consegue passar no teste da luva branca.

E tão fanático a ponto de pensar que Deus tem a sorte de ter você ao lado dele.

Sonhou em ter um lar ideal e conseguiu; sonhou em ter um emprego perfeito e conseguiu; sonhou em se libertar dos problemas da vida e conseguiu.

Seu travesseiro nunca soube o que é lágrima, suas orações nunca souberam o que é angústia, sua fé nunca soube o que é dúvida.

Se você nunca chora, nunca sente medo e não consegue compreender por que os outros não são assim, então este capítulo lhe parecerá ter sido escrito em um idioma estranho.

Por quê? Porque é um capítulo que trata de sobrevivência. As páginas seguintes falam de como lidar com o sofrimento. Os parágrafos a seguir não foram escritos para aqueles que se encontram no topo do mundo, mas para aqueles para os quais o mundo desmoronou. Se você se encaixa nessa descrição, abra o livro de Mateus e prepare-se para conhecer algumas evidências.

Isso poderá surpreendê-lo se você já conhece um pouco a respeito de Mateus 24. Todas as vezes que o lê, você se lembra dos fanáticos da vizinhança que apregoam o final dos tempos. Um campo fértil para os matemáticos escatológicos e profetas dos últimos dias.

Esse capítulo de Mateus merece tal reputação. Esse trecho conhecido como sermão das Oliveiras é a proclamação de Cristo a respeito do final dos tempos. Os estudiosos têm dedicado livros e mais livros sobre esse capítulo para responder uma pergunta: "O que Jesus está dizendo?"

Frases sinistras permeiam o capítulo: "guerras e rumores de guerras", "o abominável da desolação" e "ai das que estiverem grávidas". Descrições lúgubres: "o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade", "onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres".

Como podemos explicar isso?

Alguns acham que o capítulo inteiro é simbólico e não deve ser interpretado literalmente. Outros acham que se trata de uma combinação de comentários igualmente aplicados à destruição de Jerusalém e à volta de Cristo. Há ainda os que afirmam que o capítulo tem uma finalidade, ou seja, preparar-nos para o Dia do Juízo.

Duas coisas são certas. Primeira, Jesus está preparando os discípulos para um futuro cataclísmico. Suas palavras sobre calamidade tornaram-se realidade no ano 70 d.C. quando Jerusalém foi subjugada pelos romanos. Suas palavras se tornarão realidade novamente quando ele voltar para reivindicar o que é seu e colocar um ponto final na História.

Sabemos também que os cataclismos não acontecem apenas em Jerusalém e no final da

História. Corpos famintos e corações frios são facilmente encontrados nos dias de hoje. O conselho que Jesus dá a respeito de sobrevivência em tempos difíceis é útil não só para as batalhas de Roma e do Armagedom. É útil também para as batalhas de seu mundo e do meu.

Portanto, se você está à espera de minhas previsões para o dia da volta de Cristo, peço-lhe desculpas. Você não encontrará isso aqui. Cristo preferiu não nos dizer a data, portanto tal especulação é pura perda de tempo.

Contudo, ele preferiu nos dar um manual de sobrevivência para vidas em perigo.

"Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada."¹

Na mente dos judeus, a função do templo era de suma importância. O templo era o local de encontro entre Deus e o homem. Representava a redenção, o sacrifício e o sacerdócio. Era a estrutura que representava o coração do povo.

O templo era deslumbrante; construído com mármore branco e incrustações de ouro. Brilhava tão intensamente à luz do sol que se tornava difícil olhar para ele. A área do templo era cercada de pórticos e sobre esses pórticos levantavam-se colunas de mármore sólido em uma só peça. As colunas mediam onze metros e meio de altura e tinham uma circunferência tão grande que três homens de mãos dadas mal conseguiam contornar uma só delas. As pedras angulares do templo encontradas pelos arqueólogos mediam de seis a doze metros de comprimento e pesavam mais de quatrocentas toneladas.²

Que impressão extraordinária o templo deve ter causado aos seguidores de Jesus, acostumados à vida no campo! Por muito menos eles ficavam boquiabertos. Porém, mais impressionantes ainda foram as palavras que ouviram de Jesus: "Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derribada."

Há um tom comovente na frase simples do versículo 1: "...ia-se retirando..." Jesus virou-se de costas para o templo.³ Aquele que solicitou a construção do templo está se afastando dele. O Santo dos santos abandonou a montanha tão venerada.

Ele lhes disse: "O templo inteiro desmoronará."⁴

Dizer que o templo desmoronaria significava dizer que a nação desmoronaria. O templo era o povo. Por mais de um milênio o templo tinha sido o coração de Israel e agora Jesus estava dizendo que o coração seria despedaçado. "Eis que a vossa casa vos ficará deserta",⁵ ele dissera na véspera aos fariseus.

E a queda aconteceu. No ano 70 d.C, Tito, o general romano, cercou a cidade. Por estar localizada em uma colina, Jerusalém era difícil de ser tomada. Portanto, Tito resolveu subjugar-lá pela fome. O horror da fome é uma época negra na história dos judeus. O historiador Joséfo assim descreve o cerco:

Então a fome sobreveio à cidade, devorando o povo, casas e famílias inteiras; os cômodos superiores estavam repletos de mulheres e crianças morrendo de fome; e as ruas da cidade estavam repletas de cadáveres de pessoas idosas; as crianças e os jovens vagueavam pelas casas de comércio como se fossem sombras, todos famintos e caindo mortos ao chão em meio à miséria... A fome confundia as emoções; aqueles que estavam prestes a morrer olhavam com olhos sem lágrimas e bocas escancaradas para os que já haviam morrido. Também um profundo silêncio e uma espécie de noite fúnebre apoderaram-se da cidade... e todos morriam com os olhos fixos no Templo.⁶

Um holocausto: 97.000 pessoas foram levadas para o cativeiro e 1.100.000 foram assassinadas. Foi essa a catástrofe que Jesus previu. E foi para essa tragédia que ele preparou seus discípulos. E é esse tipo de desastre que pode abalar nosso mundo.

Alguns anos atrás passei uns dias de férias com a família em Santa Fé, Novo México. Denalyn e eu resolvemos nos aventurar nas correntezas do Rio Grande. Seguimos até o local designado onde encontramos o guia e outros turistas corajosos.

As instruções do guia davam um mau pressentimento.

"Quando vocês caírem dentro d'água..." ele passou a nos dizer.

"E quando estiverem boiando no rio..."

"E quando o barco virar..."

Comecei a ficar nervoso. Cutuquei Denalyn e cochichei: "Observe que ele não diz 'se'."

Nem Jesus disse. Jesus não disse: "No mundo talvez vocês passem por aflições" nem "No mundo há alguns que passam por aflições." Não, ele afirmou: "No mundo passareis por aflições."⁷ Se você tiver um coração que pulsa, terá aflições. Se for gente, terá problemas.

Em Mateus 24 Jesus prepara os discípulos dizendo-lhes o que acontecerá.

"Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos."⁸

"E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim."⁹

"Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o princípio das dores."¹⁰

"Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome."¹¹

Nada parecido com um regimento animado, você não acha? Mais parecido com a última palavra proferida por um oficial antes de enviar os soldados para o campo de batalha. Mais parecido com a lição que Charles Hall daria à sua equipe de destruição de explosivos.

Para Charles Hall explodir bombas é um modo de vida. Faz parte da EOD - Explosive Ordinance Demolition (Ordem de Demolição Explosiva). Recebe 1.500 dólares por semana para percorrer as areias do Kuwait pós-guerra à procura de minas ativas ou granadas descartadas.

Richard Lowther, outro especialista da EOD, passou anos explodindo milhares de minas no mar deixadas após as duas guerras mundiais. Ele disse: "Cada vez que abro o jornal e leio a notícia de uma nova guerra civil, penso 'Ótimo, estarei lá assim que ela terminar'."¹²

Você, eu e os homens da EOD temos muita coisa em comum: trilhas traiçoeiras ao longo de territórios explosivos. Problemas que ficam parcialmente ocultos sob a areia. Uma ameaça constante de perder a vida ou um membro do corpo.

E, o mais importante de tudo, nós, assim como a equipe de destruição de explosivos, somos convocados a caminhar por um campo minado que não criamos. É o que acontece com os problemas da vida. Não os criamos, mas temos de conviver com eles.

Não criamos o álcool, mas nossas estradas estão repletas de motoristas bêbados. Não vendemos drogas, mas em nossa vizinhança há quem as vende. Não criamos a tensão internacional, mas precisamos temer os terroristas. Não treinamos os ladrões, mas cada um de nós é vítima em potencial de sua violência.

Nós, assim como os homens da EOD, caminhamos nas pontas dos pés ao longo de um campo minado que não criamos.

Os discípulos estavam prestes a fazer o mesmo. A ruína do templo não era culpa deles; não eram acusados de rejeitar a Cristo. Não foi para eles que Jesus disse "Eis que a vossa casa vos ficará deserta", mas pelo fato de viverem em um mundo pecaminoso, seriam vítimas das conseqüências do pecado.

Se você mora em local ao alcance de tiroteios, é possível que seja baleado. Se mora em um campo de batalha, é provável que uma bala de canhão caia em seu quintal. Se andar em um cômodo escuro, será fácil tropeçar. Se caminhar por um campo minado, correrá o risco de perder a vida.

E se você vive em um mundo denegrido pelo pecado, pode ser sua vítima.

Jesus é franco a respeito de nossa vida. Não há garantias de que só pelo fato de pertencermos a ele sairemos incólumes. Não existe nenhuma promessa na Bíblia dizendo que quando seguimos o rei permanecemos fora da batalha. Não, geralmente ela diz o oposto.

Como sobreviver à batalha? Como enfrentar a luta?

Jesus nos dá três certezas. Três garantias. Três regras infalíveis. Imagine-o aproximando-se dos discípulos e olhando fundo em seus olhos arregalados. Conhecendo a selva em que eles estavam prestes a adentrar, Jesus lhes dá três bússolas que, se usadas, os manterão na trilha certa.

Primeira, garantia de vitória: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo."¹³

Ele não diz que se for bem-sucedido será salvo. Ou se você chegar ao topo será salvo. Ele diz se você perseverar. Uma versão mais acurada seria "Se você permanecer firme até o fim... se

percorrer a distância."

Os brasileiros têm uma palavra excelente para essa situação. Na língua portuguesa, quando uma pessoa é determinada e não desiste, diz-se que ela tem **garra**.

Garra é sinônimo de unha aguçada de feras e aves de rapina. Que imaginem! Uma pessoa com **garra** tem unhas aguçadas para ficar dependurada na beira de um rochedo e não cair.

O mesmo acontece com os salvos. Podem estar à beira do precipício, podem até tropeçar ou escorregar. Mas se agarram com as unhas no rochedo de Deus e não caem.

Jesus dá a você essa garantia. Se você perseverar, ele lhe dá a certeza da salvação.

Segunda, Jesus dá a garantia do que acontecerá: "E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações."¹⁴

No ano de 1066 houve uma das batalhas mais decisivas da história do mundo. William, Duque da Normandia, atreveu-se a invadir a Inglaterra. Os ingleses eram oponentes temidos em qualquer lugar, mas quase invencíveis em seu próprio país.

Porém William tinha algo que os ingleses não tinham. Inventou um artifício que proporcionou uma grande vantagem a seu exército. Ele tinha uma arma secreta: o estribo.

A experiência da época dizia que os cavalos não mantinham o equilíbrio no campo de luta. Em consequência disso, os soldados da cavalaria caíam antes do início do combate. Mas os soldados do exército normando, firmando-se sobre estribos, foram capazes de derrotar os ingleses. Foram mais rápidos e mais fortes.

O estribo os levou a vencer a Inglaterra. Sem ele, William talvez nem tivesse tido a oportunidade de enfrentar tal inimigo.

Saíram vitoriosos da batalha porque encontraram um meio de permanecer firmes.

A garantia de vitória apresentada por Jesus foi corajosa. Observe quem eram seus ouvintes: pescadores e trabalhadores interioranos cujos olhos se arregalam diante da cidade grande. Seria muito difícil encontrar alguém que apostasse que a profecia de Jesus se cumpriria.

Mas ela se cumpriu, apenas 53 dias depois. Após 53 dias, chegaram a Jerusalém judeus de "todas as nações debaixo do céu".¹⁵ Pedro colocou-se diante deles e lhes falou de Jesus.

Os discípulos sentiram-se animados diante da garantia de que a missão seria concluída. Saíram vitoriosos da batalha porque encontraram um meio de permanecer firmes. Tinham uma arma secreta... e nós também temos.

Por último, Jesus dá a garantia do término de tudo: "Então, virá o fim."¹⁶

O versículo encontrado em 1 Tessalonicenses 4.16 é intrigante: "Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem... descerá dos céus..."

Você já imaginou qual será essa ordem? Será a palavra inaugural do céu. Será a primeira mensagem audível vinda de Deus. Será a palavra que encerrará uma era e iniciará outra.

Penso que sei qual será essa ordem. Posso estar enganado, mas acho que a ordem que acabará com o sofrimento da terra e dará início às alegrias do céu será:

"Basta."

O Rei dos reis levantará sua mão perfurada e proclamará: "Basta."

Os anjos se levantarão e o Pai dirá: "Basta."

Todas as pessoas vivas e todas as que já viveram olharão para o céu e ouvirão Deus anunciar: "Basta."

Basta de Solidão.

Basta de lágrimas.

Basta de morte. Basta de tristeza. Basta de pranto. Basta de dor.

Enquanto esteve sentado na ilha de Patmos, rodeado pelo mar e isolado dos amigos, João sonhou com o dia em que Deus dirá: "Basta."

Esse mesmo discípulo que, mais de meio século antes, ouvira Jesus proferir essas palavras sabia agora o que elas significavam. Pergunto a mim mesmo se ele se lembrou da voz de Jesus dizendo:

"Então virá o fim."

Para aqueles que vivem para este mundo, não é uma boa notícia. Mas para aqueles que vivem para o mundo que virá, é uma promessa auspiciosa.

Você está em um campo minado, meu amigo, e é apenas uma questão de tempo: "No mundo passareis por aflições..." Na próxima vez em que você cair no rio enquanto percorre as correntezas da vida, lembre-se dessas palavras de garantia.

Aquele que perseverar será salvo.

O evangelho será pregado por todo o mundo.

Então virá o fim.

Você pode confiar nisso.

1. Mateus 24.1-2.

2. Barclay, William. *The Gospel of Matthew, Vol. 2, in Daily Study Bible Revised Edition, Filadélfia: The Westminster Press, 1975, p. 305.*

3. *Foi usado o pretérito imperfeito, que implica ação contínua, não concluída.*

4. *Mateus 24.2, paráfrase do autor.*

5. *Mateus 23.38.*

6. *Barclay, 307*

7. *João 16.33.*

8. *Mateus 24.5.*

9. *Mateus 24.6.*

10. *Mateus 24.7-8.*

11. *Mateus 24.9*

12. *The Wall Street Journal, 15 de janeiro de 1992, A-Pl.*

13. *Mateus 24.13.*

14. *Mateus 24.14.*

15. *Atos 2.5.*

16. *Mateus 24.14.*

Histórias de Castelos de Areia

E não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos...

Mateus 24.39

Sol a pino. Maresia. Ondas ritmadas.

Na praia está um menino. Ajoelhado, ele cava a areia com uma pá de plástico e a joga dentro de um balde vermelho. Em seguida, vira o balde sobre a superfície e o levanta. Encantado, o pequeno arquiteto vê surgir diante de si uma torre de areia.

Ele continuará a trabalhar a tarde inteira. Cavando os fossos. Modelando as paredes. As rolhas de garrafa serão as sentinelas. Os palitos de sorvete serão as pontes. E um castelo de areia será construído.

.

Cidade grande. Ruas apinhadas. Ronco dos motores dos automóveis.

Um homem está no escritório. Em sua escrivaninha, ele organiza pilhas de papel e distribui tarefas. Coloca o fone no ombro e faz uma chamada. Em um passe de mágica, contratos são assinados e, para a grande felicidade do homem, foram fechados grandes negócios.

Ele trabalhará a vida inteira. Formulando planos. Projetando números. As rendas anuais serão as sentinelas. Os ganhos de capital serão as pontes. E um império será construído.

.

Dois construtores. Dois castelos. Ambos têm muita coisa em comum. Fazem grandezas com pequeninos grãos. Constróem algo do nada. São diligentes e determinados. E para ambos a maré subirá e tudo terminará.

Contudo, é aqui que as semelhanças terminam. Porque o menino vê o fim ao passo que o homem o ignora. Observe o menino na hora do crepúsculo. As ondas aproximam-se cada vez mais de sua criação. Suas cristas chegam cada vez mais perto.

Porém o menino não se apavora. Não se surpreende. O vaivém das ondas o dia inteiro não o deixa esquecer que o fim é inevitável. Ele conhece o segredo das ondas. Em breve levarão seu castelo embora.

O homem, todavia, não conhece o segredo. Deveria. Ele, assim como o menino, vive cercado de lembretes ritmados. Os dias vêm e vão. As estações do ano fluem e refluem. O sol nasce e se põe todos os dias, sussurrando o segredo: "Seus castelos serão levados com o tempo."

Assim, um está preparado e o outro não. Um está em paz ao passo que o outro está apavorado.

Quando as ondas se aproximam, o menino sábio pula e bate palmas. Não há tristeza. Nem medo. Nem arrependimento. Ele sabia que isso aconteceria. Não se surpreende. E quando a

enorme onda bate em seu castelo e sua obra-prima é arrastada para o mar, ele sorri. Sorri, recolhe a pá e o balde, segura a mão do pai e vai para casa.

O adulto, contudo, não é tão sábio assim. Quando a onda dos anos desmorona seu castelo, ele se atemoriza. Cerca seu monumento de areia a fim de protegê-lo. Impede que as ondas alcancem as paredes construídas por ele. Encharcado de água salgada e tremendo de frio, ele resmunga para a próxima onda.

"E o meu castelo", diz em tom de afronta.

O mar não precisa responder. Ambos sabem a quem a areia pertence.

Finalmente a enorme onda cobre o homem e seu pequeno império. Por um momento ele fica protegido pela parede de água... e em seguida há um baque violento. Suas minúsculas torres de triunfo desmoronam e se espalham, e ele fica sozinho de joelhos... agarrando punhados de lama de ontem.

Se ao menos ele soubesse. Se ao menos tivesse ouvido. Se ao menos...

Mas ele, como a maioria, não ouve.

Jesus descreve essas pessoas despreparadas dizendo que elas não sabem nada a respeito do que acontecerá. Elas não são cruéis. Não se rebelam nem se zangam com Deus.

Mas são cegas. Não enxergam o pôr-do-sol. E são surdas. Não ouvem o bater das ondas.

Durante sua última semana, Jesus dedicou muito tempo para nos ensinar a lição das ondas e nos preparar para o fim.

Lembre-se, estamos estudando a última semana de Cristo para saber o que se passa no coração dele. Ouça o que ele diz. Veja em quem ele toca. Testemunhe o que ele faz. Já vimos sua compaixão pelos excluídos. Já vimos seu desprezo pelos fraudadores. Agora vem à tona uma nova preocupação — seu interesse em nos preparar para o fim. "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai."¹

Sua mensagem é inequívoca: Ele voltará, mas ninguém sabe quando. Portanto, esteja preparado.

É a mensagem da parábola das dez virgens.²

É a mensagem da parábola dos talentos.³

É a mensagem da parábola das ovelhas e dos cabritos.⁴

É uma mensagem à qual devemos prestar muita atenção.

Mas é uma mensagem quase sempre ignorada.

Lembrei-me disso há pouco tempo quando entrei em um avião. Caminhei pelo corredor, localizei minha poltrona e sentei-me ao lado de uma pessoa muito estranha.

O homem a meu lado trajava roupão e chinelos. Estava vestido para descansar, e não para viajar. Sua poltrona também era diferente. A minha era forrada de tecido como as poltronas dos demais aviões, a dele era forrada de fino couro.

— Importado —, ele disse, ao notar minha curiosidade. — Comprei-o na Argentina e eu mesmo forrei esta poltrona.

Antes de eu dizer alguma coisa, ele apontou para algumas pedras incrustadas no braço da poltrona.

—Comprei os rubis na África. Custaram uma fortuna.

Aquilo foi só o começo. Sua mesa dobrável era de mogno. Havia uma TV portátil instalada perto da janela. Acima de nós notei um pequeno ventilador de teto e uma lâmpada esférica.

Eu nunca vira algo assim.

Minha pergunta foi a mais óbvia possível:

— Por que o senhor gastou tanto tempo e dinheiro em uma poltrona de avião?

— Moro aqui — explicou. — Faço deste avião a minha casa. —O senhor nunca desembarca?

—Nunca! Para que desembarcar e deixar tanto conforto?

Incrível. O homem fez de um meio de transporte o seu lar. Fez de uma viagem a sua residência. Difícil de acreditar? Acha que estou exagerando? Bem, talvez eu não tenha visto tamanha extravagância em um avião, mas vejo na vida. E você também.

Você tem visto pessoas tratarem este mundo como se fosse um lar permanente. Não é. Tem

visto pessoas gastarem tempo e energia na vida como se ela fosse durar eternamente. Não durará. Tem visto pessoas tão orgulhosas do que fizeram que esperam nunca ter de partir daqui. Partirão.

Todos nós partiremos. Estamos aqui transitoriamente. Um dia o avião pousará e começará o desembarque.

Sábios são aqueles que estarão prontos quando o piloto disser que é hora de desembarcar.

Não sei muita coisa, mas sei como viajar. Levar pouca bagagem. Comer alimentos leves. Tirar um cochilo. E desembarcar quando chegar ao destino.

E não sei muito sobre castelos de areia. Mas as crianças sabem. Observe-as e aprenda. Vá em frente e construa, mas construa com o coração de uma criança. Quando chegar a hora do pôr-do-sol e a maré levar tudo embora — aplauda. Aplauda o processo da vida, segure a mão de seu pai e vá para casa.

1. *Mateus 24.36.*

2. *Mateus 25.1-13.*

3. *Mateus 25.14-30.*

4. *Mateus 25.31-46.*

Esteja Preparado

***Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso
Senhor.
Mateus 24.42***

Existe um segredo para vestir corretamente um colete. É um segredo que todo pai deve contar a seu filho. Trata-se de uma tradição masculina transmitida de geração a geração. O momento de contar esse segredo acontece na mesma época em que você ensina seu filho se barbear e usar desodorante. É um segredo que todos os que usam coletes devem conhecer. Se você tem um colete, espero que saiba como vesti-lo. Se tem um colete e não sabe como vesti-lo, aqui está o segredo: Abotoe o primeiro botão corretamente.

Não tenha pressa. Vá com calma. Olhe no espelho e coloque o botão certo dentro da casa certa.

Se fizer isso, abotoar o primeiro botão corretamente, será fácil abotoar os demais. Se, no entanto, você não abotoar o primeiro botão corretamente, os demais ficarão fora de lugar. O colete ficará torto. Se você colocar o segundo botão dentro da primeira casa ou passar a segunda casa por cima do primeiro botão, não dará certo.

Existem certas coisas na vida que só podem ser feitas de uma maneira. Abotoar coletes é uma delas.

Estar preparado é outra.

De acordo com Jesus, estar preparado para sua volta segue o mesmo princípio do colete. De acordo com Jesus, se errarmos no primeiro movimento, o restante de nossa vida ficará desaprumado.

O princípio do botão do colete não se aplica a tudo na vida. Não se aplica à igreja que você frequenta. Não se aplica à tradução da Bíblia que você lê. Não se aplica ao ministério que você escolhe. Mas aplica-se a estar preparado para a volta de Jesus. Abotoe o primeiro botão corretamente e os demais ficarão no lugar certo. Se errar o primeiro, prepare-se para alguns problemas.

Como sabemos que o princípio do botão do colete aplica-se a estar preparado para a volta de Jesus? Ele nos disse isso. De acordo com Mateus, Jesus nos disse isso em seu último sermão.

Talvez você se surpreenda com o fato de Jesus ter utilizado a preparação como tema de seu último sermão. A mim surpreendeu. Eu teria pregado a respeito do amor, da família ou da importância da Igreja. Jesus não. Jesus pregou a respeito de um tema que muitas pessoas de hoje consideram ultrapassado. Pregou a respeito de estarmos preparados para entrar no céu e permanecermos afastados do inferno.

É essa a sua mensagem quando ele conta a parábola do servo bom e do servo mau.¹ O servo bom estava preparado para a volta do patrão; o servo mau não estava.

É essa a sua mensagem quando ele conta a parábola das dez virgens: cinco prudentes e cinco néscias.² As prudentes estavam preparadas quando o noivo chegou e as néscias saíram para comprar mais azeite.

É essa a sua mensagem quando ele conta a parábola dos talentos.³ Dois servos aplicaram o

dinheiro e o devolveram com lucro ao patrão. O terceiro escondeu o dinheiro na terra. Os dois primeiros estavam preparados e receberam a recompensa quando o patrão voltou. O terceiro não estava preparado e foi castigado.

Esteja preparado. Este é o primeiro passo, inquestionável, do princípio do colete.

Esse foi o tema do último sermão de Jesus. "Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor."⁴ Jesus não disse qual seria o dia, mas descreveu como será esse dia. É um dia em que ninguém estará ausente.

Cada ser humano que viveu estará presente naquela reunião final. Cada coração que bateu. Cada boca que falou. Naquele dia você estará rodeado por uma multidão incalculável. Ricos, pobres. Famosos, desconhecidos. Reis, mendigos. Intelectuais, dementes. Todos estarão presentes. E todos estarão olhando para uma só direção. Todos estarão olhando para ele. Cada ser humano.

"Quando vier o Filho do homem na sua majestade..."⁵

Você não olhará para as outras pessoas. Não olhará de lado para ver que roupas estão usando. Não haverá cochichos sobre jóias novas nem comentários sobre quem está presente. Naquele momento, na maior concentração humana da História, você terá olhos para um só — o Filho do homem. Envolto em esplendor. Irradiando brilho cintilante. Revestido de luz e de poder magnético.

Jesus descreve esse dia como um acontecimento infalível.

Não deixa margem a dúvidas. Ele não diz que poderá voltar, ou que talvez volte, mas que **voltará**. A propósito, um vigésimo do Novo Testamento fala de sua volta. Há mais de 300 referências à sua segunda vinda. Dos 27 livros do Novo Testamento, 23 falam desse assunto. E falam com segurança.

"Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá."⁶

"Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir."⁷

... [ele] aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam Para a salvação."⁸

"... o Dia do Senhor vem como ladrão de noite."⁹

Seu retorno é certo.

Sua volta é indubitável.

Em sua volta "ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda."¹⁰

A palavra **separar** exprime tristeza. Separar a mãe da filha, o pai do filho, o marido da esposa. Separar as pessoas na terra causa muito sofrimento, mas separá-las eternamente nos deixa arrepiados só em pensar nisso.

Principalmente quando um grupo está destinado a seguir para o céu e o outro para o inferno.

Não gostamos de falar sobre o inferno, não é mesmo? Nas rodas intelectuais esse assunto é considerado primitivo e insensato. Não tem lógica. "Um Deus de amor não enviaria ninguém para o inferno." E assim ignoramos o assunto.

Mas ignorá-lo significa ignorar um ensinamento fundamental de Jesus. A doutrina do inferno não é ensinada por Paulo, Pedro ou João. E ensinada pelo próprio Jesus.

E ignorá-lo significa ignorar muitas outras coisas. Significa ignorar a presença de um Deus que nos ama e o privilégio do livre-arbítrio. Deixe-me explicar.

Somos livres para amar a Deus ou não. Ele nos convida a amá-lo. Insiste para que o amemos. Ele veio ao mundo para que o amássemos. Contudo, a escolha é sua e minha. Se Deus tirasse esse direito de cada um de nós, se nos forçasse a amá-lo, não chegaria a ser amor.

Deus explica as vantagens, os esquemas e as promessas, e articula claramente as conseqüências. E então, no final, deixa a escolha por nossa conta.

O inferno não foi preparado para pessoas. O inferno foi "preparado para o diabo e seus anjos".¹¹ Então, ir para o inferno significa ir contra o destino pretendido por Deus. "Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo."¹² O inferno é escolha do homem, não de Deus.

Analise esta explicação a respeito do inferno: O inferno é um lugar escolhido pela pessoa

que ama mais a si mesma do que a Deus, que ama o pecado mais do que seu Salvador, que ama este mundo mais do que o mundo de Deus. O julgamento final em que Deus olha para o rebelde e diz: "Sua escolha será respeitada."

A teoria de não aceitar o desfecho dualístico da História e dizer que o inferno não existe significa não acreditar na justiça de Deus. Dizer que o inferno não existe significa dizer que Deus perdoa os corações rebeldes, impenitentes. Dizer que o inferno não existe significa dizer que Deus não enxerga os famintos e a maldade do mundo. Dizer que o inferno não existe significa dizer que Deus não se importa que o povo seja judiado e massacrado, não se importa que as mulheres sejam violentadas ou que as famílias sejam aniquiladas. Dizer que o inferno não existe significa dizer que Deus não age com justiça, não tem senso do certo e do errado, e, em última instância, significa dizer que Deus não tem amor. Porque o amor verdadeiro odeia tudo o que é mau.

O inferno é a expressão derradeira de um Criador justo.

As parábolas do servo bom e do servo mau, das dez virgens, e dos talentos apontam para o mesmo fim: "... aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo."¹³ *A eternidade deve ser levada a sério.* O dia do julgamento está próximo.

Nossa missão aqui na terra é específica — escolher nosso lar eterno. Podemos sobreviver a muitas escolhas erradas na vida. Podemos escolher a carreira errada e sobreviver, a cidade errada e sobreviver, a moradia errada e sobreviver. Podemos até escolher o cônjuge errado e sobreviver. Porém há uma escolha que precisa ser feita corretamente, e essa escolha refere-se ao nosso destino eterno.

É interessante notar que o primeiro e o último sermão de Jesus contêm a mesma mensagem. No primeiro, o Sermão do Monte, Jesus nos exorta a escolher entre a rocha e a areia,¹⁴ a porta larga e a porta estreita, o caminho largo e o caminho estreito, a multidão e o pequeno grupo, a certeza do inferno e a alegria do céu.¹⁵ Em seu último sermão ele nos exorta a fazer o mesmo. Exorta-nos a estar preparados.

Em uma de suas expedições à Antártica, Sir Ernest Shackleton deixou parte de seus homens na Ilha dos Elefantes com a intenção de retornar e levá-los de volta para a Inglaterra. Mas ele se atrasou. Na ocasião em que pôde retornar, o mar havia congelado interrompendo o acesso à ilha. Ele tentou três vezes chegar até onde estavam seus homens, mas foi impedido pelo gelo. Finalmente, na quarta tentativa, ele abriu caminho e descobriu um canal estreito.

Para sua grande surpresa, encontrou os homens aguardando por ele, equipamentos empacotados e prontos para embarcar. Os homens estavam preparados para retornar à Inglaterra. Sir Ernest Shackleton perguntou-lhes como sabiam o dia em que ele voltaria. Responderam que não sabiam quando seria esse dia, mas tinham a certeza de que ele voltaria. Portanto, todas as manhãs o líder enrolava o saco de dormir, arrumava a bagagem e dizia à tripulação a mesma coisa: "Arrumem suas bagagens, rapazes. O chefe poderá chegar hoje."¹⁶

O líder da tripulação fez um favor àqueles homens alertando-os para que estivessem preparados.

Jesus nos prestou um serviço exortando-nos a fazer o mesmo: Estejam preparados. É o mesmo princípio do botão do colete. Abotoe corretamente o primeiro botão hoje. Porque você não vai querer se atrapalhar com os botões na presença de Deus.

1. Mateus 24.45-51.

2. Mateus 25.1-13.

3. Mateus 25.14-30.

4. Mateus 24.42.

5. Mateus 25.31.

6. Mateus 24.44.

7. Atos 1.11.

8. Hebreus 9.28.

9. 1 Tessalonicenses 1.2.

10. Mateus 25.32-33.

11. Mateus 25.41.

12. 1 Tessalonicenses 5.9.

13. Hebreus 9.27.

14. Mateus 7.24-27.

15. Mateus 7.13-14.

16. Tan, Paul Lee. *Encyclopedia of 7007 Illustrations*, Rockville, Md.: Assurance Publishers, 1979, p. 1086.

Gente com Rosa na Lapela

*Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes
a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.*

Mateus 25.40

John Blanchard levantou-se do banco, ajustou o uniforme do Exército e observou a multidão que tentava abrir caminho na Grand Central Station. Procurou avistar a moça cujo coração ele conhecia, mas não o rosto — a moça com a rosa.

Seu interesse por ela começara treze meses antes em uma biblioteca da Flórida. Ao retirar um livro da estante, ele ficou intrigado, não com as palavras impressas, mas com as anotações escritas à mão na margem. A letra delicada indicava ser a de uma pessoa ponderada e sensível. Na primeira página do livro ele descobriu o nome da proprietária anterior, Srta. Hollis Maynell.

Depois de algum tempo e várias tentativas conseguiu localizar o endereço dela. Morava em Nova York. Escreveu-lhe uma carta apresentando-se e convidando-a para trocarem correspondência. No dia seguinte ele foi convocado para servir do outro lado do oceano, na Segunda Guerra Mundial. Durante os treze meses seguintes os dois passaram a se conhecer por correspondência. Cada carta era uma semente caindo em um coração fértil. Florescia um romance.

Blanchard pediu uma fotografia, mas a moça recusou-se a enviar. Achava que se ele realmente gostasse dela, não haveria necessidade de fotografia.

Quando ele retornou finalmente da Europa, marcaram o primeiro encontro — 19 horas na Grand Central Station de Nova York. "Você me reconhecerá", ela escreveu, "pela rosa que estarei usando na lapela".

Portanto, às 19 horas Blanchard estava na estação à espera da moça cujo coração ele amava, mas cujo rosto nunca vira.

Deixemos que o próprio Blanchard conte o que aconteceu.

Em minha direção vinha uma jovem alta e esbelta. Seus cabelos loiros encaracolados caíam nos ombros, deixando à mostra as orelhas delicadas; os olhos eram azuis da cor do céu. Os lábios e o queixo tinham uma firmeza suave, e sua figura em traje verde-claro assemelhava-se à chegada da primavera. Comecei a caminhar em sua direção, sem absolutamente notar que não havia rosa em sua lapela. Quando me aproximei, um sorriso leve e provocante brotou em seus lábios. "Gostaria de me acompanhar, marujo?" ela murmurou.

De maneira quase incontrolável, dei um passo em sua direção, e aí avistei Hollis Maynell.

Ela estava em pé atrás da jovem. Aparentava bem mais de 40 anos, e seus cabelos presos sob um chapéu surrado deixavam entrever alguns fios brancos. Seu corpo era roliço, tinha tornozelos grossos e usava sapatos de salto baixo. A moça de traje verde-claro estava se distanciando rapidamente. Senti como se estivesse dividido ao meio, desejando ardentemente segui-la, mas ao mesmo tempo profundamente interessado em conhecer a mulher cujo entusiasmo me acompanhara e me sustentara.

E lá estava ela. Seu rosto redondo e pálido estampava delicadeza e sensibilidade, os olhos cinzentos irradiavam meiguice e bondade. Não hesitei. Peguei o pequeno livro de capa de couro

para me identificar. Não seria um caso de amor, mas seria algo precioso, algo talvez melhor do que amor, uma amizade pela qual era e seria sempre grato.

Endireitei os ombros, cumprimentei e entreguei o livro à mulher, apesar de me sentir sufocado pela amargura de meu desapontamento enquanto lhe dirigia a palavra. "Sou o tenente John Blanchard, e você deve ser a Srta. Maynell. Estou satisfeito por ter vindo ao meu encontro; aceita um convite para jantar?"

No rosto da mulher surgiu um sorriso largo e bondoso. "Não sei do que se trata, filho", ela respondeu, "mas a jovem de traje verde que acabou de passar por aqui me pediu para usar esta rosa na lapela. Falou também que se você me convidasse para jantar, eu deveria dizer que ela está à sua espera no restaurante do outro lado da rua. Ela me contou que se tratava de uma espécie de teste!"¹

Não é difícil compreender e admirar a sabedoria da Srta. Maynell. Se você quiser conhecer a verdadeira natureza do coração humano, observe sua reação diante de uma figura sem atrativos. "Dize-me quem amas," escreveu Houssaye, "e dir-te-ei quem és".

Hollis Maynell, contudo, está longe de ser um exemplo para medir o coração de alguém que se interessa pelo que não é belo.

No último sermão registrado por Mateus, Jesus faz exatamente isso. E faz isso não por meio de uma parábola, mas por meio de uma descrição. Não conta uma história, mas descreve uma cena — a última cena, o juízo final. Em seu último sermão, Jesus coloca em palavras a verdadeira mensagem que ele colocou em ação: "Amar os excluídos."

No capítulo anterior, analisamos o significado do juízo final. Constatamos sua certeza — não há dúvida quanto à volta de Jesus. Vimos sua totalidade — todos estarão lá. E constatamos sua finalidade — naquele dia Jesus separará as ovelhas dos cabritos, os bons dos maus.

Em que ele se baseará para fazer essa seleção? Talvez você se surpreenda com a resposta. "Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me."²

Qual é a insígnia dos salvos? Sua escolaridade? Sua disposição para visitar países longínquos? Sua capacidade para atrair uma multidão e pregar? Sua habilidade para escrever livros com mensagens de esperança? Seus grandes milagres? Não.

A insígnia dos salvos é seu amor para com os excluídos.

A direita do Pai estarão aqueles que deram de comer aos famintos, deram de beber aos sedentos, deram calor humano aos abandonados, vestiram os nus, confortaram os enfermos e visitaram os presos.

A insígnia dos salvos é seu amor para com os excluídos.

Você observou como é simples o que ele nos pede? Jesus não diz: "Eu estava enfermo e me curastes... Estava preso e me libertastes... Estava abandonado e construístes uma casa de repouso para mim..." Ele não diz: "Tive sede e me destes assistência espiritual."

Sem ostentações. Sem estardalhaço. Sem alarde na imprensa. Apenas pessoas bondosas praticando atos de bondade.

Porque quando praticamos atos de bondade a outras pessoas, praticamos atos de bondade a Deus.

Quando Francisco de Assis deu as costas à riqueza para seguir a Deus com simplicidade, abandonou suas roupas e saiu da cidade. Logo a seguir viu um leproso na beira da estrada. Passou por ele, mas depois parou, deu meia volta e abraçou o homem enfermo. Francisco prosseguiu seu caminho. Depois de dar alguns passos, virou-se para olhar novamente o leproso, mas não viu ninguém.

Durante o resto de sua vida, ele acreditou que o leproso era Jesus Cristo. Talvez ele estivesse certo.

Jesus habita nos esquecidos. Fez morada nos ignorados. Vive no meio dos enfermos. Se quisermos ver a Deus, devemos ir até onde estão os humilhados e os abatidos. É lá que o veremos.

" [Ele] se torna galardoador dos que o buscam,"³ é a promessa. "Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes,"⁴ é o desígnio.

Talvez você já tenha lido a história de um homem da Filadélfia que foi a uma feira de

bugigangas e encontrou uma tela da qual gostou muito. Aquela pintura empoeirada de uma igreja rural custava apenas dois dólares. Estava rasgada e desbotada, mas o homem gostou dela e comprou-a.

Ao abri-la quando chegou em casa, caiu de dentro uma folha de papel cuidadosamente dobrada. Era a Declaração da Independência. Aquilo que todos imaginavam ser uma pintura barata de feira de bugigangas continha uma das cem cópias originais da Declaração da Independência impressa em 4 de julho de 1776.⁵

Surpresas valiosas são encontradas nos lugares mais improváveis. A lição da feira de bugigangas se aplica à vida. Faça um investimento nas pessoas que o mundo rejeitou — o sem-teto, o aidético, o órfão, o divorciado — e talvez você descubra onde se encontra a sua independência.

A mensagem de Jesus é arrebatadora: "A maneira como você os trata é a maneira como também me trata."

Dentre todos os ensinamentos de Cristo em sua última semana, para mim esse é o mais pungente. Gostaria que ele não tivesse dito o que disse. Gostaria que ele tivesse dito que a insígnia dos salvos é a quantidade de livros que escreveram, porque já escrevi vários. Gostaria que ele tivesse dito que a insígnia dos salvos é a quantidade de sermões que pregaram, porque já preguei centenas. Gostaria que ele tivesse dito que a insígnia dos salvos é a quantidade de pessoas que conseguiram atrair, porque já falei a milhares.

Mas ele não disse isso. Suas palavras me dizem que aqueles que vêem Cristo são os que vêem os sofredores. Se você quiser ver Jesus, vá até uma casa de repouso, sente-se ao lado de uma senhora idosa e ajude-a a colocar a colher na boca. Se quiser ver Jesus, vá até o hospital público e peça à enfermeira que o leve até alguém que nunca recebe visitas. Se quiser ver Jesus, saia do escritório, desça até o saguão e converse com o homem que está arrependido de ter se divorciado e está sentindo a falta dos filhos. Se quiser ver Jesus, vá até o centro da cidade e ofereça um sanduíche — não um sermão, mas um sanduíche — àquela senhora maltrapilha que mora debaixo da ponte.

Se quiser ver Jesus... veja os mal-apegoados e os esquecidos.

Você poderá dizer que se trata de um teste. Um teste para medir a profundidade de nosso caráter. O mesmo teste que Hollis Maynell utilizou com John Blanchard. Os rejeitados do mundo usando rosas. Assim como John Blanchard, temos às vezes de adaptar nossas expectativas. Temos às vezes de reexaminar nossos motivos.

Se ele tivesse virado as costas a uma figura sem atrativos, teria perdido o amor de sua vida. Se nós virarmos as costas, poderemos perder muito mais.

1. Fonte desconhecida.

2. Mateus 25.35-36.

3. Hebreus 11.6b.

4. Mateus 25.40. Gosto do comentário de Martinho Lutero sobre esse versículo: "'Aqui embaixo, aqui embaixo', diz Cristo, 'vocês me encontrarão no meio dos pobres: o céu é alto demais para que alguém possa me alcançar, e o esforço de vocês para subir até mim é inútil.' Seria, pois, uma excelente idéia que essa ordem divina de amor fosse escrita com letras de ouro na testa de todos os pobres de modo que pudéssemos ver e compreender como Cristo está próximo de nós neste planeta." Bruner, S. D. Matthew, vol. 2 de *The Churchbook*, Dallas: Word Publishing, 1991, p. 923.

5. *San Antônio Express-News*, 3/4/1991, p. 2.

QUINTA-FEIRA

Servido pelo Comandante Supremo

*Em verdade vos afirmo que ele há de cingir-se,
dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá.*

Lucas 12.37

Suponhamos que algo totalmente maluco tenha acontecido. Suponhamos que você tenha sido convidado para um jantar com o presidente da República.

Você está empilhando pratos na cozinha do restaurante onde trabalha no período noturno quando um mensageiro bate na porta dos fundos.

- O proprietário só estará aqui amanhã, você lhe diz.
- Não estou à procura do proprietário, quero falar com você.
- O quê?
- Trabalho na Casa Branca—, o que explica o terno escuro e a maleta.
- Verdade? —Você o examina enquanto ele abre a maleta.
- Vim entregar-lhe esta carta.

Uma parte de você pensa que fez algo errado. A outra parte imagina que talvez seja uma peça pregada por seu primo Alfred por causa da cebola podre esquecida no carro dele. E no todo, você pondera que esse sujeito está enganado.

Mas enxuga as mãos no avental e pega a carta. É uma carta pessoal. Há um emblema no envelope endereçado a você, não datilografado, mas manuscrito.

O papel é de excelente qualidade, o que descarta a possibilidade de ser uma peça do primo Alfred; ele não teria dinheiro para isso. Também não pode ser uma conta a pagar, porque os credores não agem de modo tão elegante. Você abre a carta e, após algumas formalidades, constata que foi enviada pelo presidente da República.

Levanta os olhos para o mensageiro e ele está sorrindo como se essa fosse a melhor parte de seu trabalho.

Você olha ao redor da cozinha procurando alguém para mostrar a carta, mas não há ninguém. Pensa em correr para o restaurante e mostrá-la a Alma, a garçonete, mas não consegue porque está muito curioso para saber de que se trata. Resolve, então, ler a carta.

Trata-se de um convite — um convite para um jantar. Um jantar oficial. Um jantar oferecido em sua homenagem. Um jantar dedicado a você.

Sua ex-mulher lhe ofereceu um jantar de surpresa no primeiro ano de casamento, mas exceto essa ocasião você não se lembra de alguém mais ter-lhe oferecido um jantar. Nem seus filhos. Nem os vizinhos. Nem seu patrão... nem você sabe se algum dia ofereceu um jantar em homenagem a si mesmo.

E agora recebe um convite do comandante-em-chefe.

— Qual é a brincadeira? — você pergunta.

— Não se trata de brincadeira, apenas um convite para você comparecer à Casa Branca.

Posso saber sua resposta para transmiti-la ao presidente?

— O quê?

— Posso saber sua resposta para transmiti-la ao presidente? Você aceita o convite?

— Bem, é cla-cla-claro. Adoraria ir.

E você vai. Na data marcada, coloca sua melhor roupa e dirige-se à Avenida Pensilvânia. Ao chegar ao edifício é recebido por alguns seguranças de roupa preta que o encaminham para dentro. Em seguida, um *maitre* assume o comando. Seus passos ecoam enquanto você acompanha aquele homem vestido de *smoking* por um enorme corredor cujas paredes estão repletas de fotografias de ex-presidentes.

No final do corredor vê-se o salão de banquetes. No centro do salão há uma mesa ampla, e no centro da mesa há um prato, e ao lado do prato há um nome — o seu.

Com um movimento de cabeça, o garçom pede que você se sente. Depois que ele sai, você faz uma coisa que desejava fazer desde que entrou naquela casa. Olha ao redor e diz: "Que maravilha!"

Você nunca se sentou diante de uma mesa tão ampla. Nunca viu cristais tão bonitos. Nunca viu porcelanas tão valiosas. Nunca viu um aparelho de jantar com tantos talheres e um candelabro com tantas velas.

"Que maravilha!"

Debaixo de seus pés há um tapete oriental. Provavelmente importado da China. Acima de sua cabeça há um lustre com milhões de peças de cristal. *Aposto que é alemão*. A mesa e as cadeiras são feitas de teca. *Da Índia, sem dúvida*.

Logo adiante há uma lareira acesa e uma cornija branca. Acima da cornija há um quadro — um quadro com, opa, seu retrato. Lá está você. Os mesmos olhos, o mesmo sorriso sem graça, o mesmo nariz que você gostaria que fosse bem menor — é você mesmo!

— Que maravilha!

— Coloquei-o ali para me lembrar sempre de você.

A voz vinda de trás o assusta. Você não precisa se virar para saber quem está ali — é uma voz inconfundível, a dele. Você espera até que ele se posicione do seu lado antes de levantar os olhos. Sabe que ele está ali porque sente a mão dele tocar em seu ombro.

Você se vira e olha. Lá está ele, o presidente. De estatura um pouco mais baixa do que você imaginava, mas de personalidade dominante. Queixo reto. Olhos profundos. Maçãs do rosto salientes. Terno cinza. Gravata vermelha. Avental.

O quê?

O presidente usando um avental! Um avental de cozinha igual ao que você usa no trabalho.

E, como se isso não bastasse, atrás dele há um carrinho. Ele pega seu Prato de entrada e lhe oferece um pãozinho.

— Estou muito satisfeito por ter aceitado meu convite.

Você sabe que deveria dizer algo, mas se esquece e se perde entre o último "Que maravilha!" que disse e o primeiro *O que está acontecendo aqui?* que pensou.

Pensou na surpresa de ter recebido o convite. Pensou em sua admiração ao ver a Casa Branca. Levou um susto tremendo ao ver sua fotografia na parede. Mas nada se comparava ao que estava vendo naquele momento.

O comandante-em-chefe como garçom? O presidente servindo-lhe à mesa? O mandatário da nação trazendo-lhe vinho e pão? Você se esquece de todas aquelas etiquetas e elogios preparados com todo o cuidado para a ocasião e deixa escapar o que realmente se passa em sua mente:

— Espere um pouco. Isso não está certo. O senhor não deve fazer isso — é serviço meu. O senhor não deve me servir. Sou um lavador de pratos. Trabalho em restaurante. O senhor é o maioral. Deixe-me vestir o avental e colocar a comida na mesa... senhor.

Mas ele não permite.

— Não se levante —, ele insiste. —Hoje você é meu convidado de honra.

.

Eu avisei que se tratava de uma história maluca. Esse tipo de situação não acontece... ou acontece?

Acontece para quem vê. Para aqueles que estão atentos, acontece todas as semanas. Em salões de banquetes no mundo inteiro o comandante supremo presta homenagem aos comandados. Lá estão eles — pessoas comuns que trabalham em cozinhas ou em outros lugares simples, sentados à mesa do chefe.

Convidados de honra. VIPs. Hospedados e servidos pelo dono da História.

"Este é o meu corpo", ele diz ao partir o pão.

E você pensava que se tratava de um ritual. Pensava que se tratava apenas de uma tradição. Pensava que se tratava de uma comemoração a algo que foi feito naquela época. Pensava que se tratava da reencenação de uma refeição de Jesus com seus discípulos.

Trata-se de muito mais.

Trata-se de uma refeição que ele participa com você.

Quando eu era menino, fazia parte de um grupo da igreja que levava a comunhão aos presos e hospitalizados. Visitávamos os crentes que não podiam comparecer à igreja mas desejavam orar e participar da comunhão.

Eu devia ter dez ou onze anos quando fomos a um quarto de hospital onde se encontrava um senhor idoso muito debilitado. Ele estava dormindo, e tentamos acordá-lo. Não conseguimos. Movimentamos seu corpo, falamos com ele, batemos de leve em seu ombro, mas não conseguimos nada.

Não queríamos sair dali sem cumprir nossa missão, mas não sabíamos o que fazer.

Um dos meninos do grupo observou que aquele senhor estava dormindo de boca aberta. Por que não? dissemos. Oramos e colocamos um pedaço de pão em sua língua. Em seguida oramos novamente e despejamos um pouco de suco de uva em sua boca.

Ele nem acordou.

Acontece o mesmo com muitas pessoas hoje em dia. Para alguns, a comunhão é uma hora sonolenta durante a qual come-se o pão e toma-se o suco, mas a alma não reage. A comunhão nunca teve esse propósito.

Teve o propósito de ser um convite do tipo "não consigo acreditar, alguém me dê um beliscão porque devo estar sonhando" — sentar à mesa do Senhor e ser servido pelo próprio Rei.

Quando lemos o relato de Mateus sobre a Santa Ceia, uma verdade extraordinária vem à tona. Jesus cuidou de tudo. Foi Jesus quem escolheu o lugar, marcou o horário e organizou a refeição. "O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos."¹

E na Santa Ceia, Jesus não é o convidado, mas o anfitrião. "E [Jesus] o deu aos seus discípulos." O sujeito da oração é a mensagem do evento: ele tomou... ele abençoou... ele partiu... ele deu..."

E na Santa Ceia, Jesus não é o servido, mas o servo. E Jesus quem, durante a Santa Ceia, traja-se como servo e lava os pés dos discípulos.²

Jesus é quem mais trabalha à mesa. Jesus não é retratado como aquele que se recosta e recebe, mas aquele que permanece em pé e serve.

Ele ainda faz isso. A Santa Ceia do Senhor é uma dádiva para você. A Santa Ceia do Senhor é um sacramento¹, não um sacrifício⁴.

Geralmente pensamos na Santa Ceia como se fosse uma representação teatral, uma ocasião em que estamos no palco e Deus na platéia. Uma cerimônia na qual trabalhamos enquanto ele observa. Não foi esse o seu propósito. Se tivesse sido, Jesus teria tomado assento à mesa e descansado.⁵

Não foi o que ele fez. Ao contrário, ele cumpriu seu papel como rabino, orientando os discípulos ao longo da Páscoa. Cumpriu seu papel como servo lavando os pés dos discípulos. E cumpriu seu papel como Salvador perdoadando os seus pecados.

Ele estava no comando da situação. Ele estava no centro do palco. Ele estava na retaguarda naquele momento.

E ainda está.

É à mesa do Senhor que você se sinta. É a Santa Ceia do Senhor que você come. Assim

como Jesus orou por seus discípulos, ele também suplica a Deus por nós.⁶ Quando você recebe um convite para se sentar à mesa, a carta pode ter sido entregue por um mensageiro, mas foi Jesus quem a escreveu.

É um convite santificado. Um sacramento convidando-o a abandonar os afazeres da vida e entrar no esplendor de sua glória.

Ele o convida a se sentar à mesa.

E quando o pão é partido, é Cristo quem o parte. Quando o vinho é despejado, é Cristo quem o despeja. E quando seus sofrimentos são aliviados, é porque o Rei trajando avental está por perto.

Pense nisso na próxima vez que participar da Santa Ceia.

Uma última palavra.

O que acontece na terra é apenas uma pequena amostra do que acontecerá no céu.⁷ Portanto, na próxima vez em que o mensageiro lhe trouxer o convite, abandone tudo e vá. Seja abençoado e alimentado e, mais importante ainda, tenha a certeza de ainda estar comendo à sua mesa quando ele vier nos buscar.

1. Mateus 26.18.

2. João 13.5.

3. *Sacramento é uma dádiva do Senhor a seu povo.*

4. *Sacrifício é uma dádiva do povo ao Senhor.*

5. *Há momentos de sacrifício durante a Ceia. Oferecemos orações, confissões e ações de graça como sacrifício. Mas são sacrifícios de ações de graça pela salvação recebida, e não sacrifícios de culto para a salvação desejada. Não dizemos "Vê o que fizemos." Ao contrário, voltamos a Deus em espírito de reverência e adoramos o que ele fez.*

Tanto Lutero como Calvino foram categóricos a respeito da verdadeira finalidade da Ceia do Senhor.

"Eles (os líderes religiosos) transformaram o sacramento e o testamento de Deus, que devem ser uma dádiva recebida, em um ato de generosidade oferecido por eles mesmos." (Luther, Martin. Luther's Works American Edition, 36.49)

Ele (Jesus) ordena aos discípulos que participem da Ceia: "Ele próprio, portanto, é o único que oferece. Quando os sacerdotes simulam oferecer o corpo de Cristo na Ceia, estão partindo de um ponto completamente oposto. Que tremenda confusão haveria, um ser humano mortal recebendo o corpo de Cristo e depois tomando para si mesmo a função de oferecê-lo." (Calvin, John. A Harmony of the Gospels, 1.133)

(Conforme citado por Frederick Dale Bruner em Matthew, vol. 2 de The Churchbook, Dallas: Word, Inc., 1991, p. 958.)

6. Romanos 8.34.

7. Lucas 12.37.

Ele Escolheu Você

***Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar...
A minha alma está profundamente triste até à morte.
Mateus 26.36,38***

***Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem
a crerem mim, por intermédio da sua palavra.
João 17.20***

Quinta-feira. Meia-noite. Semana de muitos "últimos". A última visita ao templo. O último sermão. A última ceia. E agora, a hora mais comovente da semana, a última oração.

Sombras cobrem o jardim. Os ramos nodosos e retorcidos das oliveiras se entrelaçam, subindo em direção ao céu. As raízes se estendem do tronco e se agarram no solo rochoso.

O luar da primavera lança uma luminosidade prateada sobre o jardim. As estrelas cintilam no veludo negro da escuridão do céu. Alguns flocos de nuvens. Uma brisa suave. Picadas de insetos. As folhas balançam ao sabor da brisa.

Lá está ele. Jesus. No jardim. No chão. Um homem ainda jovem. Roupas empapadas de suor. Ajoelhado. Suplicando. Cabelo grudado na testa molhada. Ele está angustiado.

Ouve-se um som no meio das árvores. Roncos. O olhar de Jesus atravessa o jardim em direção aos seus amigos tão queridos — estão dormindo. Recostados nos amplos troncos das árvores, eles se entregam ao sono. Não se comovem com as súplicas de Jesus. Não se abalam com sua angústia. Estão exaustos.

Jesus levanta-se, caminha por entre as sombras das árvores e agacha-se diante deles. "Por favor", ele suplica, "por favor permaneçam acordados comigo."

O Senhor do universo não quer ficar sozinho.

No entanto, entende o cansaço dos discípulos. Nas últimas horas, transmitiu-lhes muito mais informações do que eles poderiam assimilar. Os discípulos nunca haviam visto Jesus falar tanto. Nunca o haviam visto falar com tanta urgência. Suas palavras foram ardentes, inflamadas.

.

Quinta-feira... algumas horas antes da meia-noite.

Aproximava-se da meia-noite quando eles saíram do cenáculo e desceram as ruas da cidade. Passaram pelo Tanque Inferior e pela Porta da Fonte e saíram de Jerusalém. Ao longo das estradas, avistaram as fogueiras e as tendas dos peregrinos que vieram para a Páscoa. Quase todos dormem, cansados após a refeição noturna. Os que permanecem acordados mal se dão conta daquele grupo de homens caminhando pela estrada pedregosa.

Atravessam o vale e sobem o caminho que conduz ao Getsêmani. A estrada é íngreme e eles param para descansar. Em algum lugar dentro dos muros da cidade, o décimo segundo discípulo esgueira-se rapidamente por uma rua. Ele trairá o homem que lavou seus pés. Seu

coração foi requisitado pelo maligno a quem dera ouvidos. Ele corre para se encontrar com Caifás.

É o início do último encontro da batalha.

Ao olhar para a cidade de Jerusalém, Jesus vê o que os discípulos não conseguem. É ali, na periferia de Jerusalém, que a batalha terminará. Ele enxerga a encenação de Satanás. Vê a incursão dos demônios. Enxerga o maligno preparando o encontro final. O inimigo espreita como uma sombra. Satanás, o hospedeiro do ódio, tomou posse do coração de Judas e cochichou no ouvido de Caifás. Satanás, o senhor da morte, abriu as cavernas e preparou-se para receber a fonte de luz.

O inferno está em polvorosa.

A História registra esse fato como uma batalha dos judeus contra Jesus. Não é verdade. Foi uma batalha de Deus contra Satanás.

E Jesus sabia disso. Sabia que antes do término da batalha seria preso. Sabia que antes da vitória haveria uma derrota. Sabia que antes do trono haveria o cálice. Sabia que antes da claridade do domingo haveria a escuridão da sexta-feira.

E ele sente medo.

Dá meia volta e inicia a subida final em direção ao jardim. Ao chegar à entrada, ele pára e dirige o olhar a seus amigos. Será a última vez que os verá antes que eles o abandonem. Sabe o que farão quando os soldados chegarem. Sabe que a traição acontecerá em questão de minutos.

Mas ele não acusa. Não faz preleção. Ao contrário, ora. Seus últimos momentos com os discípulos são passados em oração. Suas palavras são tão eternas quanto as estrelas. E elas as ouvem.

Imagine-se nessa situação. A última hora passada com um filho que está prestes a embarcar para o exterior. Os últimos momentos passados com sua esposa agonizante. A última visita a seu pai ou mãe. O que você diria? O que faria? Que palavras escolheria?

É importante notar que Jesus preferiu orar. Preferiu orar por nós. "Não rogo somente por estes homens, mas rogo também por aqueles que vierem a crer em mim por intermédio da palavra destes mesmos homens. Pai, rogo que todos os que crêem em mim sejam um... Rogo que também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste."¹

É importante notar que em sua última oração, Jesus intercedeu por você. É importante sublinhar seu amor em vermelho e destacá-lo em amarelo: "Rogo também por aqueles que vierem a crer em mim por intermédio da palavra." Ele orou por você. Quando Jesus chegou ao jardim, você fazia parte de sua oração. Quando Jesus levantou os olhos ao céu, pensou em você. Quando Jesus imaginou o dia em que todos nós estaremos com ele, viu você ali.

Sua última oração foi por você. Seu último sofrimento foi por você. Seu último martírio foi por você.

Então ele se vira, entra no jardim e convida Pedro, Tiago e João para acompanhá-lo. Diz-lhes que sua alma está "profundamente triste até à morte" e começa a orar.

Ele nunca se sentiu tão sozinho. Aquilo que tem de ser feito, só ele pode fazer. Anjo nenhum pode fazer. Anjo nenhum tem a força para abrir as portas do inferno. Homem nenhum pode fazer. Homem nenhum é puro ao ponto de destruir o pecado. Força nenhuma na terra pode enfrentar a força do mal e vencer — exceto Deus.

"O espírito está pronto, mas a carne é fraca", confessa Jesus.

Sua natureza humana suplica para que ele seja poupado daquilo que sua natureza divina tem o poder de enxergar. Jesus, o carpinteiro, implora. Jesus, o homem, vislumbra o abismo escuro e suplica: "Não existe outra maneira?"

Será que ele conhecia a resposta antes de fazer a pergunta? Será que seu coração humano esperava que o Pai celestial encontrasse outra maneira? Não sabemos. Sabemos apenas que ele suplicou para ser poupado. Sabemos que implorou para escapar daquele sacrifício. Sabemos que houve um momento em que poderia ter virado as costas e abandonado tudo.

Mas ele não fez isso.

Não fez porque viu você. Bem ali no centro de um mundo injusto. Viu você ser lançado involuntariamente na correnteza do rio da vida. Viu você ser traído por aqueles a quem ama. Viu você com o corpo enfermo e o coração combalido.

Viu você em seu próprio jardim de árvores de galhos retorcidos e amigos sonolentos. Viu

você fitando com os olhos arregalados o abismo de seus fracassos e a entrada de sua própria sepultura.

Viu você em seu próprio Jardim do Getsêmani — e não quis abandoná-lo.

Ele queria que você soubesse que ele estava ali. Ele sabe o que significa sofrer uma conspiração. Sabe o que significa estar confuso. Sabe o que significa ficar dividido entre duas situações. Sabe o que significa sentir o mau cheiro de Satanás. E, talvez acima de tudo, sabe o que significa implorar a Deus para que ele mude de idéia e ouvi-lo dizer de modo gentil, porém firme: "Não."

Foi o que Deus disse a Jesus. E Jesus aceita a resposta. Em um determinado momento naquela noite, um anjo de misericórdia paira sobre o corpo exausto do homem no jardim. E quando ele se levanta, a angústia desaparece de seu olhar. Seu punho não mais se crispará. Seu coração não mais lutará.

A batalha está vencida. Talvez você imagine que ela foi vencida no Gólgota. Não foi. Talvez você imagine que o símbolo da vitória seja o túmulo vazio. Não é. A batalha final foi vencida no Getsêmani. E o símbolo da vitória é a paz que Jesus sentiu no jardim das oliveiras.

Porque foi no jardim que Jesus tomou a decisão. Ele preferiria atravessar o inferno por você a ir para o céu sem você.

SEXTA-FEIRA

Quando o Mundo Vira as Costas para Você

Eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do homem assentado a direita do Todo-Poderoso.

Mateus 26.64

Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.¹

Essas palavras referiam-se a Judas. Porém poderiam se referir a qualquer outra pessoa. Poderiam se referir a João, a Pedro, a Tiago. Poderiam se referir a Tome, a André, a Natanael. Poderiam se referir aos soldados romanos, aos líderes judeus. Poderiam se referir a Pilatos, a Herodes, a Caifás. Poderiam se referir a qualquer um que orou com ele no domingo anterior, mas o abandonou na noite em que foi preso.

Todos viraram as costas a Jesus naquela noite. Todos.

Judas. Qual foi o seu motivo, Judas? Por que fez aquilo? Estava tentando extrair alguma vantagem? Queria dinheiro? Estava em busca de um pouco de atenção? E por que, caro Judas, a traição teve de ser por meio de um beijo? Você poderia simplesmente tê-lo apontado. Poderia ter gritado seu nome. Mas você colocou os lábios em seu rosto e o beijou. As serpentes matam com a boca.

Inclusive o povo. A multidão virou-se contra Jesus. Quem estaria no meio da multidão? Quem eram os circunstantes? Mateus relata apenas que era uma multidão. Pessoas comuns como eu e você, com contas para pagar, filhos para criar e tarefas para cumprir. Individualmente nunca teriam virado as costas a Jesus, mas coletivamente queriam matá-lo. Até mesmo a cura imediata de uma orelha amputada não os comoveu. Aquelas pessoas sofriam de cegueira coletiva. Bloqueavam entre si a visão que tinham de Jesus.

Os discípulos. "Então os discípulos todos, deixando-o, fugiram."² Mateus deve ter escrito lentamente essas palavras. Ele estava no meio da multidão. Todos os discípulos estavam. Jesus lhes havia dito que eles fugiriam. Responderam que jamais fariam tal coisa. Mas fizeram. Ao chegar o momento de escolher entre salvar a pele e permanecer com o amigo, preferiram fugir. Aliás, permaneceram ali por alguns instantes. Pedro chegou a desembainhar a espada, golpeou o servo do sumo sacerdote no pescoço e cortou-lhe a orelha. Mas a coragem dos discípulos foi tão rápida quanto seus pés. Ao perceberem que a situação de Jesus estava se complicando, fugiram.

Os líderes religiosos. Não foi surpresa. Mas foi decepcionante. Eles eram os líderes espirituais da nação. Homens incumbidos de dispensar bondade. Exemplos para as crianças. Pastores e teólogos da comunidade. "Os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte."¹ Pinte esta passagem com a cor negra da injustiça. Pinte a prisão com a cor verde da inveja. Pinte a cena com o vermelho do sangue de um inocente.

E pinte Pedro no canto. É ali que ele está. Não tem para onde ir. Pego em seu próprio erro. Pedro fez exatamente o que dissera que jamais faria. Poucas horas antes, prometera fervorosamente: "Ainda que venhas a ser um troço para todos, nunca o serás para mim." Gostaria que Pedro estivesse faminto naquele momento, porque ele teve de engolir essas palavras.

Todos viraram as costas a Jesus.

Embora o beijo tivesse sido dado por Judas, a traição foi cometida por todos. Todos os que ali estavam não tomaram posição. Ao sair do jardim, Jesus caminhou sozinho. O mundo virou as costas a ele. Jesus foi traído.

A traição é uma arma encontrada apenas nas mãos de quem você ama. Seu inimigo não possui tal arma, porque somente um amigo pode cometer traição. A traição é revoltante. É a violação da confiança, um jogo sujo.

Quem dera viesse de um estranho. Quem dera fosse uma investida fortuita. Quem dera que você fosse uma vítima das circunstâncias. Mas não é. Você é vítima de um amigo.

Alguém lhe dá um beijo no rosto. Faz uma promessa com os dedos cruzados. Você confia em seus amigos e eles lhe viram as costas. Você confia no sistema para lhe fazer justiça—o sistema o transforma em bode expiatório.

Você é traído. Beijado pela serpente.

Isso é mais do que rejeição. A rejeição abre uma ferida, a traição coloca o sal.

E mais do que solidão. A solidão o deixa ao relento, a traição fecha a porta.

É mais do que escárnio. O escárnio esfaqueia, a traição gira a faca dentro de você.

E mais do que insulto. O insulto ofende seu orgulho, a traição parte seu coração.

Enquanto procuro sinônimos para a palavra traição, lembro-me de algumas vítimas de traição. Aquela carta anônima recebida ontem pelo correio: "Meu marido acaba de dizer que teve um caso amoroso há dois anos", ela escreveu. "Sinto-me completamente abandonada." O telefone-ma que recebi de uma senhora idosa cujo filho dependente de drogas roubou todo o seu dinheiro. Meu amigo do Meio-Oeste que se mudou com a família para assumir o cargo prometido que nunca se concretizou. A mãe divorciada cujo ex-marido leva consigo a nova namorada quando vai buscar os filhos para passarem com ele o fim-de-semana. A menina de sete anos infectada com HIV. "Estou furiosa com minha mãe", foram suas palavras.

Traição... quando o mundo vira as costas a você.

Traição... quando há oportunidade para amar, há oportunidade para magoar.

Quando acontece uma traição, o que você faz? Foge? Zanga-se? Desforra? Você tem de lidar com ela de alguma maneira. Vejamos qual foi o procedimento de Jesus.

Comece observando como Jesus se dirigiu a Judas. "Amigo, para que vieste?"⁴

Eu jamais teria chamado Judas de "amigo". O que ele fez a Jesus foi totalmente injusto. Não existe nenhuma indicação de que Jesus o tenha maltratado. Não há nenhuma indicação de que Judas tenha sido preterido ou desprezado. Durante a Santa Ceia, quando Jesus disse aos discípulos que seu traidor estava sentado à mesa, eles não murmuraram entre si: "É Judas. Jesus nos contou que ele fará isso."

Não murmuraram porque Jesus nunca disse nada. Ele sabia o que aconteceria. Sabia que Judas o trairia, mas tratou o traidor como se fosse um amigo fiel.

E foi ainda mais injusto se considerarmos que a traição partiu do próprio Judas. Os líderes religiosos não o procuraram, foi Judas quem os procurou. "Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?" ele perguntou.⁵ A traição teria sido mais compreensível se a proposta tivesse partido dos líderes, mas não partiu. Partiu de Judas.

E o método utilizado por Judas... pergunto novamente, por que a traição teve de ser por meio de um beijo?⁶

E por que Judas chamou Jesus de "Mestre"?⁷ Trata-se de um título de respeito. Há uma incongruência de palavras e atitudes. Eu não teria chamado Judas de "amigo".

Contudo, Jesus o chamou de amigo. Por quê? Jesus podia ver algo que não podemos. Deixe-me explicar.

Houve uma pessoa que se interpôs em nosso mundo e causou muito estresse a Denalyn e a mim. Ela solicitava nossa presença no meio da noite. Era exigente e insensível. Gritava conosco em público. Quando desejava algo tinha de ser atendida imediatamente e só por nós.

Porém nunca pedimos que ela nos deixasse em paz. Nunca lhe dissemos para importunar outra pessoa. Nunca tentamos nos vingar dela.

Afinal de contas, ela só tinha alguns meses de idade.

Para nós foi fácil perdoar o comportamento de nossa filhinha porque ela não sabia agir de um modo melhor.

Sei que existe um mundo de diferença entre uma criança inocente e um Judas deliberado. No entanto, há ainda um ponto a ser destacado em minha história e esse ponto é o seguinte: Para saber lidar com o comportamento de uma pessoa é necessário compreender a causa de tal comportamento. Para saber lidar com as peculiaridades de uma pessoa é necessário tentar compreender a causa de tais peculiaridades.

Jesus sabia que Judas fora seduzido por um inimigo poderoso. Estava ciente da astúcia dos sussurros de Satanás (o próprio Jesus os ouvira). Conhecia a dificuldade que Judas sentiu para proceder de maneira correta.

Jesus não justificou o procedimento de Judas. Não subestimou sua ação. Não o eximiu de culpa. Mas olhou fundo nos olhos do traidor e tentou compreender sua atitude.

Enquanto você odiar seu inimigo, a porta da prisão permanecerá fechada com um prisioneiro dentro. Mas quando você tenta compreender e livrar o inimigo de seu ódio, o prisioneiro é libertado. Esse prisioneiro é você.

Talvez você não goste da idéia. Talvez o conceito de perdão não tenha lógica. Talvez a idéia de tentar compreender os Judas de nosso mundo seja muito benevolente.

Respondo a você com uma pergunta. O que você sugere? Fomentar a raiva resolve o problema? Desferrar elimina a mágoa? O ódio faz algum bem? Novamente, não estou subestimando sua mágoa nem justificando as atitudes de seu traidor. Estou dizendo que não há justiça neste mundo. E exigir que seu inimigo pague pelos erros que cometeu será mais doloroso ainda para você ao longo do processo.

Peço permissão para lembrá-lo, de modo gentil mas firme, de algo que você talvez tenha esquecido. A vida não é justa.

Não se trata de pessimismo, trata-se de uma realidade. Não se trata de uma queixa, trata-se de como as coisas acontecem. Não gosto disso. Nem você. Queremos que a vida seja justa. Desde os tempos em que o menino vizinho da quadra debaixo ganhou uma bicicleta e nós não, continuamos a dizer sempre a mesma coisa: "Não é justo."

Todavia, em um determinado ponto alguém precisa nos alertar: "Quem lhe disse que a vida é justa?"

Deus não disse. Ele disse: "Tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações."⁸ As provações fazem parte de nossa bagagem. As traições fazem parte de nossas provações. Não se surpreenda quando acontecerem as traições. Não procure encontrar justiça aqui na terra — olhe para onde Jesus olhou.

Jesus olhou para o futuro. Leia estas palavras: "Desde agora vereis o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu." Enquanto atravessava o inferno, Jesus manteve os olhos no céu. Enquanto estava cercado por inimigos, manteve o pensamento no Pai. Enquanto estava abandonado na terra, manteve o coração no lar celestial. "Desde agora, vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu."⁹

Algum tempo atrás, tentei aprender a esquiar. Meu instrutor disse que eu tinha potencial mas carecia de perspectiva. Eu olhava demais para os esquis. Argumentei que precisava fazer isso. Os esquis iam aonde eu não queria que fossem.

— E isso ajuda? — ele perguntou.

— Acho que não — confessei — ainda caio bastante.

O instrutor indicou com um gesto as magníficas montanhas no horizonte.

— Tente olhar para lá enquanto esquia. Mantenha os olhos fixos nas montanhas para manter o equilíbrio.

Ele estava certo. Funcionou.

A melhor maneira para manter o equilíbrio é fixar os olhos em outro horizonte. Foi o que Jesus fez.

"O meu reino não é deste mundo", disse Jesus a Pilatos. "O meu reino não é daqui."¹⁰

Quando morei com minha família no Rio de Janeiro, aprendi o que é sentir saudade de casa. Adoramos o Brasil. O povo é maravilhoso e muito cordial — e mesmo assim eu não me sentia

em casa.

Meu escritório localizava-se no centro do Rio, distante apenas alguns quarteirões da embaixada norte-americana. De vez em quando eu levava meu almoço até a embaixada e comia lá. Durante alguns minutos, eu me sentia em casa. Atravessava a imensa porta e cumprimentava os seguranças em inglês. Caminhava pelo saguão e lia um jornal dos Estados Unidos. Verificava a posição dos times de futebol. Divertia-me com as caricaturas dos políticos. Lia até mesmo os classificados. Gostava de me sentir como se estivesse em casa.

Percorria um dos grandes corredores e contemplava os retratos de Lincoln, Jefferson e Washington. De vez em quando um funcionário parava para conversar comigo e quase sempre falávamos de assuntos dos Estados Unidos.

A embaixada era um pedacinho de minha terra natal em um país estranho. A vida em uma terra distante torna-se mais fácil quando é possível fazer uma visita periódica ao lar.

Jesus olhou demoradamente para sua terra natal. Tempo suficiente para ver todos os seus amigos. "Eu poderia rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos." E ao ver seus amigos lá no alto, teve mais força para suportar os sofrimentos na terra.

A propósito, os amigos de Jesus são seus amigos. A lealdade do Pai para com Jesus é a lealdade do Pai para com você. Lembre-se disso quando se sentir traído. Quando as tochas se aproximarem, e você sentir o beijo do traidor, lembre-se destas palavras: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei."¹¹

Quando tudo na terra vira as costas a você, tudo no céu vira a seu favor. Para manter o equilíbrio em um mundo injusto, olhe para as montanhas. Pense em seu lar.

1. Mateus 26.46.

2. Mateus 26.56.

3. Mateus 26.59.

4. Mateus 26.50.

5. Mateus 26.15.

6. Mateus 26.48-49.

7. Mateus 26.49.

8. Tiago 1.2.

9. Mateus 26.64.

10. João 18.36.

11. Hebreus 13.5.

A Escolha É Sua***Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?***

Mateus 27.22

O mais famoso julgamento da História está prestes a começar. O julgador, um aristocrata de estatura baixa e olhos penetrantes, usa vestimentas caras. Cabelos grisalhos aparados e sem barba. Ele está apreensivo, nervoso por ter sido colocado em uma situação da qual não pode escapar. Dois soldados o conduzem pela escadaria de pedra do palácio em direção ao amplo pátio interno. Raios do sol da manhã iluminam o piso de pedra.

Quando ele entra no pátio, soldados sírios vestidos com uniformes curtos perfilam-se com as lanças apontadas para cima, levantam o queixo e olham para a frente. O chão onde pisam é composto de pedras grandes de cor marrom e superfície Usa. Nas pedras do piso foram desenhados jogos para distrair os soldados enquanto aguardam a sentença do prisioneiro.

Mas eles não jogam na presença do julgador.

Uma cadeira suntuosa está colocada em um piso elevado com cinco degraus. O julgador sobe os degraus e senta-se. O acusado é levado ao recinto e colocado abaixo dele. Logo a seguir, um grupo de líderes religiosos em trajés formais entra e coloca-se em pé em um dos lados do recinto.

Pilatos contempla a figura solitária. Não se parece com um Cristo", murmura.

Pés inchados e sujos de lama. Mãos queimadas de sol e articulações salientes.

Parece mais um trabalhador braçal do que um mestre. Não tem aparência de amotinador.

Um dos olhos está roxo e fechado por causa de um enorme hematoma. O outro olha para o chão. Lábio inferior machucado. Cabelos empapados de sangue, grudados na testa. Vergões nos braços e pernas.

— Devemos tirar as roupas dele? — pergunta um soldado.

— Não. Não é necessário.

Sem dúvida haveria marcas de açoites no corpo.

O julgador não pedira para ver o prisioneiro. Sua experiência o ensinara a manter-se afastado das disputas entre os judeus — principalmente das de natureza religiosa. Contudo, tinha de admitir que estava curioso em saber por que esse tal Jesus provocara tanta comoção no povo.

— Ele é chamado de agitador? — indaga Pilatos em voz alta, lançando o olhar em direção aos guardas a seu lado e dando-lhes permissão para rirem e quebrarem o silêncio. Eles se aproveitam da situação. Pilatos joga o corpo para trás e encosta-se na parede. Se não fossem as pesadas acusações, Pilatos teria dispensado aquele homem e esquecido o assunto. Mas as acusações incluíam palavras como *revolta*, *impostos* e *César*. Portanto, é forçado a prosseguir.

— És tu o rei dos judeus?

Pela primeira vez, Jesus levanta os olhos. Não levanta a cabeça, apenas os olhos. Olha atentamente para o julgador, de baixo para cima por entre as sobrancelhas. Pilatos surpreende-se com o tom de voz de Jesus.

— Tu o dizes.

Antes que Pilatos pudesse responder, o grupo de líderes judeus em pé em um dos lados da sala do tribunal zomba do acusado.

— Ele não respeita ninguém.

— Alvorça o povo!

— Diz que é rei!

Pilatos não lhes dá ouvidos. *Tu o dizes*. Não há defesa. Não há explicações. Não há pânico. O galileu torna a olhar para o chão.

Há algo nesse rabino rústico que comove Pilatos. Ele é diferente dos sanguinários que se amontoam do lado de fora. Não se parece com os líderes de barbas compridas até o peito que falam com orgulho de um Deus soberano e, ao mesmo tempo, imploram por impostos mais baixos. Seus olhos não lançam faíscas como os dos fanáticos que se insurgem contra a *Pax Romana* que ele tenta manter. Esse Messias camponês é diferente. Enquanto olha para ele, algumas histórias começam a passar pela mente de Pilatos.

"Agora me lembro", diz a si mesmo, em pé. Desce os degraus, caminha até a sacada e encosta no parapeito. As pombas voam assustadas. Com um farfalhar de asas, elas pousam no chão abaixo da sacada.

Pilatos medita acerca dos fatos relatados. A estranha história do homem de Betânia. *Morto, como foi mesmo que aconteceu? Três? Não, quatro dias. Este aqui é o tal provinciano que, segundo dizem, o chamou do túmulo. E houve aquela multidão em Betsaida. Milhares de pessoas... alguém da corte de Herodes relatou esse caso. Queriam fazer dele um rei. Ah, sim, ele também alimentou a multidão.*

Pilatos vira-se e contempla as crianças brincando lá embaixo na rua. Algumas estão conversando com um guarda. Pedindo comida, com certeza. As crianças não têm boa aparência. Fracas e magras. Cabelos sujos e emaranhados. Piolhentas, provavelmente. Uma parte de Pilatos se aflige porque o guarda está conversando com elas, e a outra parte se aflige porque o guarda não as ajuda. No todo, Pilatos se aflige porque a tendência dessas crianças é adquirir uma doença. E isso acontece. Acontece em Roma, acontece em Jerusalém.

Volta a olhar para o homem cabisbaixo que está em pé naquele recinto. *Poderíamos ter um rei*, ele suspira. *Um rei para resolver toda essa confusão.*

Houve um dia em que Pilatos imaginou que tal idéia poderia dar certo. Chegou a Jerusalém convencido de que o que era bom para o norte do Mediterrâneo seria bom para o leste. Mas isso acontecera há muito tempo. Aquele foi um outro Pilatos. No tempo em que tinha mais saúde e seus sonhos eram ingênuos. No tempo anterior ao da politicagem. Toma-lá-dá-cá. Conchavos. Concessões. Impostos mais altos. Padrões de qualidade mais baixos. Agora as coisas eram diferentes.

Roma e os sonhos nobres faziam parte do passado. Talvez fosse esse o motivo de ele estar intrigado com o rabino. Algo naquele homem fazia Pilatos se lembrar de si mesmo... por que veio... o que aconteceu com ele. *Eles também me açoitaram, amigo. Também açoitaram minhas costas.*

Pilatos olha para os líderes judeus aglomerados no outro lado da corte. Ira-se diante da insistência deles. As chicotadas não bastaram. A zombaria foi insuficiente. *Invejosos*, ele gostaria de dizer na frente deles, mas não diz. *Invejosos desprezíveis, todos vocês. Matando seus próprios profetas.*

Pilatos deseja libertar Jesus. *Se apresentares apenas um motivo*, ele pensa, quase em voz alta, *eu te colocarei em liberdade.*

Seus pensamentos são interrompidos por um leve tapa no ombro. Um mensageiro inclina-se e sussurra em seu ouvido. Estranho. A mulher de Pilatos enviou um recado dizendo para ele não se envolver nesse caso. Parece que ela teve um sonho.

Pilatos volta a se sentar e olha firme para Jesus.

— Até os deuses estão do teu lado? — afirma sem dar nenhuma explicação.

Eleja se sentara antes nessa cadeira. Uma cadeira destinada à nobreza: de cor azul-escura e pernas com ornamentos. A tradicional cadeira da decisão. Ao sentar-se nela, Pilatos transforma qualquer recinto ou rua em uma sala de tribunal. É dali que ele promulga sentenças.

Quantas vezes se sentou ali? Quantas histórias ouviu? Quantos apelos recebeu? Quantos olhos arregalados o fitaram, implorando misericórdia, suplicando absolvição?

Mas os olhos daquele Nazareno estão serenos, silenciosos. Não gritam. Não lançam flechas.

Pilatos procura enxergar neles ansiedade... ira. Não encontra nada disso. O que ele encontra faz com que desvie o olhar.

Ele não está zangado comigo. Não sente medo... parece compreender.

Pilatos está certo em sua observação. Jesus não sente medo. Não está zangado. Não está à beira do pânico. Não demonstra surpresa. Jesus conhece sua hora e sabe que ela chegou.

Pilatos está certo em sua curiosidade. Se Jesus é um líder, onde estão seus seguidores? Se é o Messias, o que pretende fazer? Se é um mestre, porque os líderes religiosos estão zangados com ele dessa maneira?

Pilatos também está certo em sua pergunta. "Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?"¹

Talvez você, assim como Pilatos, esteja curioso a respeito desse Jesus. Assim como Pilatos, está perplexo diante de suas afirmações e comovido com seu sofrimento. Já ouviu as histórias: Deus vindo do céu, fazendo-se homem e fincando a estaca da verdade no mundo. Assim como Pilatos, ouviu o que os outros disseram; agora gostaria de ouvi-lo falar.

O que fazer com um homem que afirma ser Deus, mas odeia religião? O que fazer com um homem que chama a si mesmo de Salvador, mas condena os sistemas? O que fazer com um homem que conhece a hora e o local de sua morte, e mesmo assim caminha para lá?

A pergunta de Pilatos também é a sua. "O que farei com este homem, Jesus?"

Você tem duas escolhas.

Pode rejeitá-lo. É uma opção. Pode, como muitas pessoas têm feito, decidir que a idéia de Deus se transformar em carpinteiro é muito bizarra — e deixar o assunto de lado.

Ou pode aceitá-lo. Pode caminhar com ele. Pode ouvir sua voz em meio a outras centenas de vozes e segui-lo.

Pilatos poderia ter feito isso. Ouviu inúmeras vozes naquele dia — poderia ter ouvido a de Cristo. Se tivesse escolhido mostrar-se sensível àquele Messias açoitado, sua história teria sido diferente.

Preste atenção nesta pergunta: "És tu o rei dos judeus?" Se estivéssemos presentes naquele dia, teríamos ouvido o tom de voz de Pilatos. Zombaria? (Tu... o rei?) Curiosidade? (Quem és tu?) Sinceridade? (És tu realmente quem dizes ser?)

Gostaríamos de saber os motivos de Pilatos. Jesus também.

— Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?²

Jesus queria saber a razão da pergunta de Pilatos. Se Pilatos tivesse dito simplesmente: "Essa pergunta é minha. Gostaria de saber. Gostaria realmente. És tu o rei que dizes ser?"

Se Pilatos tivesse perguntado, Jesus lhe teria respondido. Se tivesse perguntado, Jesus o teria libertado. Mas Pilatos não quis saber. Apenas virou-se abruptamente e retrucou:

— Não sou judeu.

Pilatos não perguntou e, portanto, Jesus não lhe disse quem era.

Pilatos vacila. É um boneco ouvindo duas vozes. Dá um passo em direção a uma, pára, e vira em direção a outra. Quatro vezes ele tenta libertar Jesus, e quatro vezes muda de idéia. Tenta entregar Barrabás ao povo; a multidão quer Jesus. Envia Jesus para ser açoitado; a multidão quer enviá-lo ao Gólgota. Declara que não encontra nenhum crime naquele homem; a multidão acusa Pilatos de violar a lei. Pilatos, temendo quem Jesus pudesse ser, tenta pela última vez libertá-lo; os judeus o acusam de trair César.

São tantas as vozes! A voz da concessão. A voz da conveniência. A voz dos políticos. A voz da consciência.

E a voz suave e firme de Jesus.

— Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada.³

A voz de Jesus é categórica. Suprema. Ele não tenta persuadir nem suplica. Apenas apresenta os fatos.

Pilatos pensou que poderia deixar de fazer uma escolha. Lavou as mãos. Subiu no muro e sentou-se.

Porém, ao deixar de fazer uma escolha, Pilatos fez uma escolha.

Ao invés de pedir a graça de Deus, pediu uma bacia. Ao invés de convidar Jesus para permanecer ali, mandou-o embora. Ao invés de ouvir a voz de Cristo, ouviu a voz do povo.

A lenda diz que a mulher de Pilatos se tornou cristã. A lenda diz também que o lar eterno de Pilatos é um lago na montanha de onde ele emerge todos os dias, ainda mergulhando as mãos na água em busca de perdão. Tentando eternamente lavar sua culpa... não pelo mal que praticou, mas pelo bem que deixou de praticar.

1. Mateus 27.22.

2. João 18.34.

3. João 19.11.

O Maior de Todos os Milagres

Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: O tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!
Mateus 27.39-40

É interessante notar que o pagamento do imposto de renda e a Páscoa quase sempre coincidem na mesma semana. Foi assim neste ano. Comecei esta semana com duas obrigações importantes a cumprir: preparar um sermão para a Páscoa e pagar meu imposto de renda.

Com todo o respeito que o IRS* merece, devo dizer que uma das obrigações parece muito divina e a outra muito terrena. Em um determinado momento estou estudando o Calvário, e, no seguinte, consultando o talão de cheques. Um dos momentos é reverente, e o outro rotina. Um deles me faz lembrar o preço que Deus pagou, e o outro me faz lembrar o quanto tenho de pagar. (Contudo, tanto a preparação do sermão como a do imposto de renda deixam em mim um sentimento de gratidão — ao meu Senhor e às minhas três dependentes que posso abater do imposto de renda.)

Foi só no segundo dia desta semana que me dei conta de uma coisa. Que ocasião apropriada para estudar o sacrifício de Deus! Se a cruz não tiver nenhum significado em uma semana comum, repleta de afazeres comuns, quando então terá significado?

E essa a maravilha da cruz. Aconteceu em uma semana normal envolvendo gente como nós e Jesus que se tornou igual a nós.

Dentre todas as semanas de que Jesus dispôs para demonstrar seus poderes, a última deveria ser a principal. Alguns milhares de pães ou algumas dezenas de curas fariam maravilhas para demonstrar seu poder. Melhor ainda seria fazer algo para deixar os fariseus boquiabertos.

Já purificaste o templo, Jesus, agora transporta-o para Jerico. Quando os líderes religiosos murmurarem, transforme-os em rãs. E quando estiveres descrevendo o final dos tempos, abre uma fenda no céu e mostra a todos o que tuas palavras significam.

Esta é a semana de provocar confusão na cabeça de todos. Esta é a hora de fazer coisas inacreditáveis. Poderias silenciar a todos, Jesus.

Mas ele não faz isso. Nem em Jerusalém. Nem no cenáculo. Nem na cruz.

Em muitos aspectos, a última semana não diferencia em nada das outras. Sim, é festiva, mas a comemoração se deve à Páscoa, e não a Jesus. As multidões são enormes, mas não por causa do Messias.

Os dois milagres que Jesus realiza não têm a intenção de atrair uma multidão. A figueira seca foi importante, mas chamou a atenção de poucos. A orelha curada no jardim foi oportuna, mas não conquistou nenhum amigo.

Jesus não estava demonstrando seu poder.

Tratava-se de uma semana comum.

Uma semana comum em que as mães vestem os filhos com impaciência e os pais saem apressados para o trabalho. Uma semana com pratos para lavar e chão para limpar.

A natureza não deu nenhum indício de que a semana seria diferente das milhares anteriores ou posteriores a ela. O sol nasceu e se pôs como de costume. Os flocos de nuvens enfeitaram o céu. A relva continuou verdejante e os amentilhos dançaram ao sabor do vento.

A natureza sofreria grandes fenômenos antes do domingo. As pedras rolariam antes do domingo. O céu se cobriria de um manto negro antes do domingo. Mas de segunda a quinta-feira ninguém seria capaz de prever o que aconteceria. A semana não deixou entrever nenhum segredo.

O povo não deu nenhum indício. Para a maioria das pessoas foi uma semana de preparativos; as festividades do fim-de-semana se aproximavam. Comprar alimentos. Arrumar a casa. No rosto do povo não havia sinal de que algo extraordinário aconteceria — porque ninguém sabia de nada.

Alguém poderia imaginar que os discípulos suspeitassem de algo, mas não. Encoste-os na parede e veja se eles têm algo a dizer. Não têm. A única coisa que sabem com certeza é que o olhar de Jesus parece mais direcionado — ele parece determinado... mas eles não sabem a quê.

Se você lhes disser que antes da madrugada da sexta-feira eles abandonarão sua única esperança, não acreditarão. Se lhes disser que na noite de quinta-feira haverá traição e covardia, zombarão de você.

"Não de nossa parte", dirão com orgulho.

Para eles, trata-se de uma semana comum como qualquer outra. Os discípulos não dão nenhum indício.

E, mais importante ainda, Jesus também não dá nenhum indício. A água que ele bebe não se transforma em vinho. Seu jumentinho não fala. Os mortos permanecem nos túmulos e quem era cego na segunda-feira continuou cego na sexta-feira.

Você haveria de pensar que os céus se abririam. Que as trombetas soariam. Que os anjos reuniriam os povos do mundo inteiro em Jerusalém para testemunhar o evento. Que o próprio Deus desceria do céu para abençoar seu Filho.

Mas Deus não faz nada disso. Permite que o momento extraordinário se revista do comum. Uma semana previsível. Uma semana de tarefas, refeições e choro de bebês.

Talvez uma semana bastante semelhante à sua. Nenhum fato espetacular. Nenhuma notícia maravilhosa, nenhuma notícia triste. Nenhum terremoto. Nenhum vendaval. Apenas uma semana típica de muitos afazeres, crianças para cuidar e contas para pagar.

Foi assim a semana do povo de Jerusalém. Embora muito próxima do momento mais extraordinário de toda a História, essa semana foi uma das mais comuns da História. Deus estava presente na cidade e a maioria das pessoas não percebeu.

Jesus poderia ter lançado mão de um espetáculo para atrair a atenção do povo. Por que não fez isso? Por que não os surpreendeu com saltos mortais e piruetas espetaculares? Quando exigiram: "Crucifica-o!" por que não fez o nariz deles crescer? Por que Cristo não realizou milagres nessa semana? Por que ele não fez algo sensacional?

Não apareceram anjos para proteger suas costas dos açoites. Não apareceu um capacete sagrado para proteger sua testa da coroa de espinhos. Deus mergulhou até o pescoço no atoleiro da humanidade, mergulhou nas profundezas da morte e emergiu — vivo.

E mesmo quando ressurgiu, não fez exposições. Simplesmente saiu caminhando. Maria confundiu-o com um jardineiro. Tome precisou ver o sinal dos cravos. Jesus se alimentou, conversou e partiu o pão com os discípulos que encontrou no caminho de Emaús.

Você compreende o ponto principal?

Deus fala conosco em um mundo real. Não se comunica conosco por meio de mágicas. Não se comunica conosco por meio das estrelas do céu nem por meio de reencarnação de nossos antepassados. Não fala conosco por meio de vozes no milharal nem por meio de um pequenino homem gordo de uma terra chamada Oz. Há o mesmo poder no Jesus de plástico que está no painel de seu automóvel quanto no dado de espuma colocado sobre seu espelho retrovisor.

Não faz a mínima diferença se você nasceu sob o signo de Aquário ou Capricórnio ou se nasceu no dia em que Kennedy foi assassinado. Deus não é impostor. Não é um gênio mitológico. Não é um mágico nem um feiticeiro nem um espírito do além. Ele é o Criador do universo, está aqui no centro de nosso mundo e fala com você por meio do balbuciar de um bebê e de estômagos

famintos, e não por meio de horóscopos ou signos zodiacais.

Se você tiver uma visão sobrenatural ou ouvir uma voz estranha no meio da noite, não se deixe levar pela empolgação. Poderá ser Deus ou poderá ser uma indigestão, e você não vai querer confundir uma coisa com a outra.

Você também não deve deixar de compreender o impossível por estar à procura do inacreditável. Deus fala em nosso mundo. É preciso apenas aprender a ouvi-lo.

Ouçá-o em meio aos fatos corriqueiros.

Você precisa de uma prova do zelo de Deus? Deixe que o nascer do sol de todos os dias proclame sua lealdade.

Precisa de um exemplo do poder de Deus? Passe uma tarde estudando como seu organismo funciona.

Gostaria de saber se a Palavra de Deus é confiável? Faça uma lista das profecias cumpridas na Bíblia e das promessas cumpridas em sua vida.

Na última semana, aqueles que exigiram milagres não receberam nenhum e deixaram de ver o principal. Deixaram de ver o momento em que a sepultura se transformou no trono de um rei.

Não cometa o mesmo erro.

Continuo a achar irônico que o pagamento do imposto de renda nos EUA e o túmulo vazio coincidam na mesma semana. Talvez exista uma lógica. Não dizem que as únicas coisas certas na vida são a morte e os impostos? Pelo que sabemos, é possível que Deus utilize algo tão comum como os impostos para lhe dar a resposta a respeito da morte.

* *N. da T.: Órgão do governo dos Estados Unidos equivalente à Receita Federal.*

Uma Oração de Constatação

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Mateus 27.46

Senhor?

Sim.

Talvez eu esteja me excedendo, mas preciso dizer-te algo que está em minha mente.

Prossiga.

Não gosto deste versículo: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Não parecem palavras tuas; não se parecem com algo que dirias.

Normalmente gosto muito de ouvir tua voz. Ouço com atenção quando falas. Imagino o poder de tua voz, o ribombar de teus mandamentos, o dinamismo contido em tuas doutrinas.

E isso que gosto de ouvir.

Lembras da canção da criação que cantaste na eternidade silenciosa? Ah, foste tu o Criador. Aquilo foi obra de um Deus!

E quando ordenaste que as ondas do mar bramissem e elas obedeceram, e quando declaraste que as estrelas deveriam se espalhar no universo e elas obedeceram, quando proclamaste que haveria vida e tudo começou?... Ou quando sopraste o fôlego da vida no Adão feito de barro? Usaste toda a tua sabedoria para fazer aquilo. É assim que gosto de ouvir-te. Essa é a voz que adoro ouvir.

É por isso que não gosto desse versículo. És tu quem dizes isso? Essas palavras são tuas? Essa voz é tua? A voz que incendiou a sarça, dividiu o mar ao meio e enviou fogo do céu?

Mas desta vez, tua voz é diferente.

Observa a frase. Existe um "por que" no início e uma interrogação no final. Tu não fazes perguntas.

O que aconteceu com o ponto de exclamação? Ele é tua marca registrada. É tua assinatura. O ponto de exclamação é tão alto e tão forte quanto as palavras que o precedem.

Está no final de tua ordem a Lázaro: "Vem para fora!"¹

Está no momento em que exorcizas os demônios: "Ide!"²

Está em tuas palavras de coragem quando caminhas sobre as águas e dizes a teus discípulos: "Não temais!"³

Tuas palavras merecem um ponto de exclamação. Elas ecoam o som metálico dos címbalos, o tiro de canhão da vitória, o ressoar das carruagens vencedoras.

Teus verbos formam desfiladeiros e inflamam discípulos. Fala, Senhor! Tu és o próprio ponto de exclamação...

Então, por que o ponto de interrogação pairando no final de tuas palavras? Frágil. Submisso. Curvado como se estivesse exausto. Tu podes endireitá-lo. Esticá-lo. Deixá-lo altivo.

Já que resolvi conversar francamente contigo — também não gosto da palavra *desamparar*. A fonte de vida... desamparada? O dom do amor... sozinho? O pai de todos... isolado?

Certamente não quiseste dizer isso. Como é possível um ser divino se sentir desamparado?

Será que não poderíamos modificar um pouco a sentença? Só um pouco. Apenas o verbo.

O que você sugere!?

Que tal *desafiar*? "Deus meu, Deus meu, por que me desafiaste?" Não ficou melhor? Agora podemos aplaudir. Agora podemos levantar estandartes por tua dedicação. Agora podemos explicar isso a nossos filhos. Agora faz sentido. Isso faz de ti um herói. Um herói. A História está cheia de heróis.

E quem é herói enfrenta desafios.

Ou, talvez essa palavra não seja apropriada. Tenho uma outra. Que tal *afligir*? "Deus meu, Deus meu, por que me afligiste?" É isso aí. Agora tu és um mártir, assumindo posição em favor da verdade. Um patriota, atacado pela maldade. Um soldado nobre que desembainha a espada; ensangüentado e ferido, mas vitorioso.

Afligir é muito melhor do que *desamparar*. És um mártir. Como Patrick Henry e Abraham Lincoln.

Tu és Deus, Jesus! Não poderias ficar desamparado. Não poderias ficar sozinho. Não poderias ficar abandonado em um momento de tanto sofrimento.

Abandono. Isso é castigo para um criminoso. Abandono. É sofrimento para ser suportado pela mais miserável das criaturas. Abandono. E destinado aos desprezíveis — não a ti. Não a ti, o Rei dos reis. Não a ti, o Alfa e o Omega. Não foi João quem te chamou de Cordeiro de Deus?

Que belo nome! E isso que tu és. O imaculado Cordeiro de Deus. Posso ouvir João proferir essas palavras. Posso vê-lo levantar os olhos. Posso vê-lo sorrir, apontar para ti e proclamar em voz alta para que todo o Jordão pudesse ouvir: "Eis o Cordeiro de Deus..."

E antes de João terminar a frase, todos os olhos se voltam para ti. Jovem, bronzeado, robusto. Ombros largos e braços fortes.

"Eis o Cordeiro de Deus..."

Você gosta desse versículo!?

Gosto muito, Senhor. É um de meus preferidos. Fala de ti.

E quanto à segunda parte?

Como assim?

A segunda parte do versículo.

Hummm, deixa ver se me lembro. "Eis o Cordeiro de Deus, que veio Para levar embora o pecado do mundo."⁴ É isso, Senhor?

É isso mesmo. Pense no que o *Cordeiro de Deus veio fazer*.

"Que veio para levar embora o pecado do mundo." Um momento! "Levar o pecado embora..." Nunca meditei sobre essas palavras.

Apenas li, sem nunca refletir sobre elas. Imaginei que tu, sei lá, aniquilaste o pecado do mundo. Baniste-o. Imaginei que enfrentaste as montanhas de nossos pecados e ordenaste que sumissem. Da mesma forma que fizeste com os demônios. Da mesma forma que fizeste com os hipócritas no templo.

Imaginei que ordenaste que o pecado desaparecesse. Nunca me dei conta de que levaste o pecado embora. Nunca me ocorreu que precisaste tocar nele — ou pior, que ele tivesse tocado em ti.

Foi um momento terrível, com certeza. Sei o que é ser tocado pelo pecado. Sei o que é sentir o mau cheiro dessa coisa. Lembras como eu era? Antes de te conhecer, eu chafurdava na lama do pecado. Além de tocar no pecado eu também amava o pecado. Sorvia-o. Dançava com ele. Vivía no meio dele.

Mas por que estou te contando isso? Tu sabes o porquê. Tu me viste. Tu me encontraste. Eu estava abandonado. Estava com medo. Lembras? "Por quê? Por que eu? Por que todo esse sofrimento?"

Sei que foi uma pergunta tola. Não foi a pergunta certa. Mas eu só sabia perguntar isso. Eu me sentia confuso, Senhor. Completamente desolado. O pecado faz isso conosco. O pecado nos faz naufragar, nos deixa órfãos, à deriva. O pecado nos deixa desam...

Oh, meu Deus!

Meu Senhor! Foi isso que aconteceu? Estás dizendo que o pecado fez contigo o mesmo que

fez comigo?

Oh, lamento muito. Lamento muito mesmo. Eu não sabia. Não compreendia. Também sentiste solidão?

Tua pergunta foi verdadeira, não foi, Jesus? Então foi verdade que sentiste medo. Então foi verdade que sentiste solidão. Assim como eu senti. Só que eu mereci. Tu não mereceste.

Perdoa-me, minha observação foi inoportuna.

1. João 11.43.

2. Mateus 8.32.

3. Mateus 14.27.

4. João 1.29, paráfrase do autor.

DOMINGO

O Túmulo Escondido

E o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou.

Mateus 27 . 60

O caminho rumo ao Calvário era turbulento, traiçoeiro e perigoso. E eu não estava carregando uma cruz.

Quando eu imaginava como me sentiria ao caminhar por onde Cristo andou até chegar ao Gólgota, achava que meditaria sobre as horas finais de Cristo e a agitação que precederam sua morte. Eu estava enganado.

Caminhar pela Via-Crucis por onde o Salvador andou não é um passeio tranqüilo. Ao contrário, é preciso lutar contra um mar de vendedores, soldados, camelôs e crianças.

— Tomem cuidado com suas carteiras — alertou-nos Joe.

Já estou tomando, pensei.

Joe Shulam é judeu messiânico, educado em Jerusalém e muito respeitado tanto pelos judeus como pelos gentios. Especializou-se em estudos sobre a doutrina dos rabinos. Sua experiência em arqueologia fez dele um pesquisador. Mas foi seu amor pelo Messias e pela casa perdida de Israel que o tornou benquisto por tantas pessoas. Não estávamos sendo conduzidos por um guia, mas por um zelote.

E quando um zelote lhe diz para tomar cuidado com a carteira, é melhor seguir seu conselho.

A cada três ou quatro passos um camelô interrompia meu caminho, balançando brincos ou lenços diante de mim. Como seria possível meditar naquela confusão?

A Via-Crucis é assim. Um caminho comprido tão estreito que as pessoas andam esbarrando umas na outras. Nos locais em que não há muros altos de tijolos em suas laterais, vêem-se lojas muito antigas que vendem de tudo, desde brinquedos, vestidos, turbantes até CDs. Uma parte do caminho é reservada ao mercado de carnes. O odor embrulhou meu estômago e as vísceras de carneiros fizeram-me olhar para o outro lado. Andando rápido para alcançar Joe, perguntei:

— Essa rua já era um mercado de carnes no tempo de Cristo?

— Era —, ele respondeu. — Para chegar até a cruz ele precisou atravessar um matadouro. Levei alguns minutos para registrar o significado daquelas palavras na mente.

— Atenção! — ele gritou para o grupo. — A igreja fica do outro lado da esquina.

Na *igreja será melhor*, disse a mim mesmo.

Errei novamente.

A Igreja do Santo Sepulcro tem 1.700 anos e localiza-se ao redor de uma rocha.

No ano 326 d.C. a imperatriz Helena, mãe de Constantino o Grande, viajou para Jerusalém a fim de conhecer a colina onde Cristo foi crucificado. Makarios, bispo de Jerusalém, conduziu-a até uma região acidentada fora do muro noroeste da cidade. O local compunha-se de um conjunto de pedras de granito denteadas de seis metros sobre o qual foi construído um templo romano em homenagem a Júpiter. Ao redor da colina havia um cemitério com muros de rocha e túmulos cujas entradas eram seladas com pedras. Helena demoliu o templo pagão e construiu um santuário no

lugar. Desde então, cada visitante teve a mesma idéia, resultando em um amontoado de oferendas envoltas em mistério.

Após atravessar a enorme entrada da catedral e descer uma dúzia de degraus de pedra, parei em frente ao topo da rocha. Uma caixa de vidro cobre a ponta, e a ponta é tudo o que se vê. Ao pé do altar há uma vala incrustada de ouro na qual a cruz foi supostamente colocada. Nas cruzes atrás do altar estão pendurados três ícones crucificados, de rostos alongados.

Luminárias de ouro. Imagens de Nossa Senhora. Velas e fraca iluminação. Eu não sabia o que pensar. Senti-me comovido por estar ali e perturbado com o que via.

Virei, desci os degraus e caminhei em direção ao túmulo.

O local tradicional do túmulo de Cristo encontra-se sob um teto, no mesmo lugar onde se localizava o Gólgota. Para vê-lo, não é preciso sair dali; no entanto, é necessário usar a imaginação.

Há dois mil anos, aquele lugar, visitado por um milhão de turistas, foi um cemitério. Hoje é uma catedral. As abóbadas são revestidas com lindas pinturas. Parei e tentei visualizar o lugar em seu estado primitivo. Não consegui.

Um primoroso sepulcro marca o local tradicional do túmulo de Jesus. Acima do portal há 43 lâmpadas penduradas, e na frente dele vê-se um candelabro. O sepulcro é de mármore sólido, com folhas douradas nos cantos.

Um caminho de pedra elevado conduz a uma entrada guardada por um sacerdote de manto preto, barba preta e chapéu preto. Sua função é manter o local em ordem. Mais de 50 pessoas formavam uma fila para entrar, mas ele não permitiu. Não entendi o motivo da demora, mas compreendi a duração de tal demora.

— Vinte minutos. Vinte minutos.

O grupo resmungava. Eu resmungava. Cheguei o mais perto possível da porta. O chão era revestido de mais quadrados de mármore, e do teto desciam algumas luminárias.

Comecei a pensar no que vi durante aquele passeio. O caminho santo apinhado de camelôs. A cruz escondida sob um altar. A entrada do túmulo proibida por um sacerdote.

Tinha acabado de murmurar algo sobre a necessidade de haver uma nova purificação do templo quando ouvi alguém chamar.

— Não há problema, venham por aqui. — Era Joe Shulam quem falava. Jamais esquecerei o que ele nos mostrou a seguir.

Joe nos levou até a parte traseira de uma pequena torre, fez-nos passar por uma entrada secreta e nos guiou até um recinto plano. Estava escuro. Exalava cheiro de bolor. Local rústico e empoeirado. Evidentemente não era um lugar apropriado para turistas.

Enquanto nossos olhos se acostumavam à escuridão, Joe começou a falar.

— Foram encontrados mais ou menos seis lugares como este, mas raramente são visitados. — Atrás de Joe havia uma pequena abertura. Ali estava um túmulo de pedra. Media um metro e vinte centímetros no máximo. A largura era quase a mesma.

— Não seria irônico — ele sorriu enquanto falava —, se este fosse o lugar? Está sujo. Descuidado. Esquecido. O de lá de cima é bem cuidado e enfeitado. Este aqui é simples e ignorado. Não seria irônico o fato de que possa ter sido aqui que nosso Senhor foi enterrado?

Caminhei até a abertura e curvei-me como fez o apóstolo João ao ver o túmulo. E, assim como João, surpreendi-me com o que vi. Nada daquele enorme local que imaginei durante minhas leituras, mas um pequeno cômodo iluminado por uma lâmpada fraca.

— Entre — insistiu Joe. Ele não precisou dizer duas vezes.

Dei três passos no piso de pedra e cheguei do outro lado. O teto baixo forçou-me a andar curvado e encostar o corpo em uma parede fria e áspera. Meus olhos precisaram se acostumar à escuridão pela segunda vez. Em seguida, sentei-me em silêncio, o primeiro momento de silêncio daquele dia. Comecei a pensar onde estava: em um túmulo. Um túmulo que poderia ter abrigado o corpo de Cristo. Um túmulo que poderia ter ocultado o corpo de Deus. Um túmulo que poderia ter testemunhado o maior momento da história da humanidade.

— Aqui poderiam ser enterradas cinco pessoas. — Joe havia entrado e estava a meu lado, acompanhado de dois integrantes de nosso grupo. — Duas ou três ficariam aqui no chão. E duas seriam colocadas nestes vãos aqui em cima.

— Deus se colocou em um lugar como este — disse alguém delicadamente.

Sim. Deus se colocou em um lugar escuro, apertado e claustrofóbico, e permitiu que selassem a entrada. A Luz do Mundo foi envolta em um lençol e trancada na escuridão. A Esperança da humanidade foi trancada em um túmulo.

Ninguém se atreveu a falar. Não conseguimos.

Os altares enfeitados foram esquecidos. O sepulcro guardado pelo sacerdote ficou para trás. Já não importava mais o que o homem havia feito para enfeitar o que Deus veio fazer no mundo.

Tudo o que pude ver naquele momento, talvez mais do que em qualquer outro, foi o ponto extremo a que ele chegara. Um ponto ao qual o Deus da sarça ardente não chegara. Um ponto ao qual o bebê na manje-doura não chegara. Um ponto ao qual o jovem Salvador de Nazaré não chegara. Um ponto ao qual nem mesmo o Reis dos reis pregado na cruz não chegara: Deus dentro de um túmulo.

Não há lugar mais escuro do que uma sepultura, mais sem vida do que um túmulo, mais permanente do que a cripta.

E ele chegou a estar na cripta.

Na próxima vez em que você se sentir enterrado na escuridão do pecado, lembre-se disso. Na próxima vez em que o sofrimento o encerrar no mundo do horror, lembre-se do túmulo. Na próxima vez em que uma pedra selar sua saída para a paz, pense no túmulo vazio, embolorado que se encontra além dos muros de Jerusalém.

Não é fácil encontrá-lo. Para vê-lo, você terá de se livrar dos camelôs que tentam atrair sua atenção. Terá de passar despercebido por altares de ouro e estátuas adornadas. Para vê-lo, terá até mesmo de desviar do compartimento perto do sacerdote, entrar sorrateiramente na antecâmara e procurar por si mesmo. Às vezes o lugar mais difícil de encontrar o túmulo é na catedral.

Mas ele está lá.

E quando você localizá-lo, curve-se, entre em silêncio e olhe atentamente. Porque ali, na parede, talvez você veja as marcas chamuscadas de uma explosão divina.

***Penso Que Sempre me Lembrarei
Daquela Caminhada***

***Tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido,
mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.***

Mateus 20.28

“Que farei então de Jesus?” Pilatos foi o primeiro a fazer essa pergunta, mas desde aquela época ela tem sido feita por todos nós.

Trata-se de uma pergunta justa. Uma pergunta necessária. O que você faria com um homem assim? Chamava a si mesmo de Deus, mas usava trajes de homem. Chamava a si mesmo de Messias, mas nunca comandou um exército. Era considerado rei, mas sua única coroa foi de espinhos. O povo reverenciava-o como membro da realeza, mas seu único manto foi alinhavado com pouco caso.

A perplexidade de Pilatos não causa espanto. Como você explicaria um homem assim?

Uma das maneiras é percorrer um caminho. O caminho dele. O último caminho que ele percorreu. E foi o que fizemos. Acompanhamos seus passos e permanecemos à sua sombra. De Jerico a Jerusalém. Do templo ao jardim. Do jardim ao julgamento. Do palácio de Pilatos à cruz no Gólgota. Observamos sua caminhada. Vimos como ele se indignou no templo, se abateu no Getsêmani, sofreu na Via-Crucis. E como saiu triunfante do túmulo.

Espero que, ao acompanhar a caminhada de Jesus, você tenha refletido sobre a sua própria, porque todos nós temos de percorrer um caminho até Jerusalém. Nosso próprio caminho para atravessar uma religião inconsistente. Nossa própria jornada pelo caminho estreito da rejeição. E cada um de nós, assim como Pilatos, devemos emitir um veredicto a respeito de Jesus.

Pilatos ouviu a voz do povo e deixou Jesus percorrer a estrada sozinho.

E nós? Faremos o mesmo?

Gostaria de concluir contando as histórias de três caminhadas, três jornadas. As histórias de três escravos... e os caminhos que seguiram rumo à liberdade.

Mary Barbour poderia nos falar da escravidão de primeira mão. Ela se lembrava do amo e da ama. Conseguia descrever a plantação, a senzala de pau-a-pique com os catres. As noites longas. Dias quentes. Chibatadas. Isolamento. Mary Barbour poderia nos contar tudo isso. Mary Barbour foi escrava.

Porém, ela preferia falar sobre liberdade. E foi o que fez.

Em 1935 um funcionário do Projeto Federal de Escritores, um órgão do governo cuja finalidade era registrar histórias de ex-escravos, bateu à sua porta em Raleigh, Carolina do Norte. Mais de duas mil pessoas foram entrevistadas. Estas, as remanescentes dos 246 anos de escravidão nos Estados Unidos, falaram com grande eloquência.

Contaram que não tinham permissão para ler e escrever nem comprar ou vender mercadorias. Não podiam frequentar igreja a menos que fossem convidadas. As chibatadas eram comuns. O trabalho pesado era uma realidade.

E quando chegou o momento da liberdade, não estavam preparadas. Perambulavam pelas estradas à procura de trabalho. Foram vítimas de oportunistas. A maioria voltou a trabalhar nas

mesmas terras dos tempos da escravidão.

Dentre todas as recordações, a mais vivida e a mais lembrada era a hora da liberdade. A noite em que os ianques chegaram. O dia em que o amo lhes disse que estavam livres. A manhã em que entraram na "casa grande" e a encontraram vazia.

E dentre as histórias de alforria, nenhuma foi tão específica como a de Mary Barbour. Ela contava dez anos de idade na noite em que seu pai a acordou e a levou até uma carroça que os conduziria à liberdade.

Antes de você ler sua história, tente visualizá-la sentada na varanda de sua casa em Raleigh. O ano é 1935. Mary Barbour tem mais de 80 anos. Balança o corpo enquanto pensa, um corpo franzino afundado em uma enorme cadeira. Os dedos frágeis tremem quando ela toca o nariz. Os olhos cansados, porém espertos, fixam-se no infinito como se estivessem contemplando um pedaço de terra no horizonte. Você se encosta na coluna de madeira e ouve sua história.

Uma das primeiras coisas de que me lembro é papai me acordando no meio da noite, vestindo-me no escuro e dizendo-me o tempo todo para ficar calada. Um dos gêmeos choramingou, e papai colocou a mão em sua boca para mantê-lo em silêncio.

Depois de estarmos todos vestidos, ele saiu e deu uma espiada por alguns instantes. Em seguida, voltou e nos pegou. Saímos sorrateiramente da casa e percorremos um caminho no meio da mata. Papai carregava um dos gêmeos e segurava-me pela mão e mamãe carregava as outras duas crianças.

Penso que sempre me lembrarei daquela caminhada, com os arbustos batendo em minhas pernas, o vento soprando nas árvores e as corujas e outros pássaros noturnos empoleirados em árvores enormes, piando e chamando a atenção uns dos outros. Eu ainda estava meio dormindo e andava com o corpo tenso, mas de repente atravessamos a plantação de ameixas e lá estavam as mulas e a carroça. Havia um acolchoado no chão da carroça onde nós, as crianças, nos deitamos. Papai e mamãe subiram na boléia e seguimos pela estrada.

Eu estava com sono, mas também assustada. Enquanto a carroça rodava, ouvia papai e mamãe conversarem. Papai estava contando a mamãe como os ianques chegaram à plantação, queimaram as tulhas, os fumadouros e destruíram tudo. Papai disse em voz baixa que os ianques arrastaram o amo Jordan até as corredeiras perto de Norfolk, e que ele roubou as mulas e a carroça e fugiu.¹

Vagas lembranças de libertação. Alforria demorada. Seis décadas depois, o vento ainda sopra nas árvores, e as corujas e os pássaros noturnos ainda chamam a atenção uns dos outros na memória de Mary Barbour.

A caminhada rumo à liberdade jamais é esquecida. A trajetória da escravidão até a alforria permanece sempre viva na memória. E mais do que uma simples caminhada, é uma libertação. Quebram-se os grillhões e, talvez pela primeira vez, vêm-se os primeiros raios da liberdade. "Penso que sempre me lembrarei daquela caminhada..."

Você se lembra da sua? Onde se encontrava na noite em que a porta foi aberta? Lembra-se do suave toque da mão do Pai? Quem caminhou a seu lado no dia em que você foi libertado? Você ainda se lembra da cena? Sente a estrada sob seus pés?

Espero que sim. Espero que em sua alma esteja permanentemente registrado o momento em que o Pai tocou em você na escuridão e o conduziu pelo caminho. É uma lembrança incomparável. Porque quando ele nos liberta, sentimos-nos livres de verdade.

Ex-escravos sabem descrever a hora da libertação.

Posso descrever a minha?

Aula de estudos bíblicos em uma pequena cidade no oeste do Texas. Não sei dizer qual o fato mais extraordinário daquele dia: se foi o professor tentando ensinar o livro de Romanos a um grupo de crianças de dez anos ou se foi a lembrança que tenho do que ele disse.

A classe compunha-se de cerca de uma dúzia de alunos em uma pequena igreja. Minha carteira era toda riscada na parte superior e tinha goma de mascar grudada embaixo. Das vinte carteiras ou pouco mais espalhadas na sala, só quatro ou cinco estavam ocupadas.

Sentávamos todos no fundo da classe, orgulhosos demais para demonstrar interesse pela aula. Calças *jeans* engomadas. Tênis da última moda. O lento pôr-do-sol de verão ilumina a vidraça

com seus raios dourados.

O professor era um homem diligente. Ainda vejo sua barriga despontando sob o casaco que ele nem mesmo tenta abotoar. A gravata chega até o meio de seu peito. Ele tem uma verruga preta na testa, tom de voz suave e sorriso bondoso. Apesar de não ter habilidade para lidar com os meninos da geração de 1965, ele não sabe disso.

Suas anotações estão empilhadas debaixo de uma pesada Bíblia de capa preta. Ele está de costas para nós, e seu paletó movimentava-se para cima e para baixo enquanto escreve no quadro-negro. Fala com genuíno entusiasmo. Não é um homem dramático, mas nesta noite ele se mostra fervoroso.

Só Deus sabe por que prestei atenção em suas palavras naquela noite. Seu texto baseou-se no capítulo seis de Romanos. O quadro-negro estava todo rabiscado com palavras compridas e diagramas. Em um determinado momento no qual o professor descrevia como Jesus foi enterrado e ressuscitou, algo estranho aconteceu comigo. A jóia da graça foi levantada e virada, de modo que eu pudesse vê-la por um novo ângulo... e isso me fez perder o fôlego.

Não vi nenhum código de princípios morais. Não vi nenhuma igreja. Não vi os dez mandamentos nem demônios horripilantes. Vi apenas o que aquela garota de dez anos — Mary Barbour — viu. Vi meu Pai entrar em minha noite escura, acordar-me e guiar-me — ou melhor, carregar-me — para a liberdade.

"Penso que sempre me lembrarei daquela caminhada."

Eu não disse nada ao professor. Não disse nada a meus amigos. Não tenho certeza se disse algo a Deus. Não sabia o que dizer. Não sabia o que fazer. Mas havia uma coisa que eu sabia com certeza — queria estar com ele.

Contei a meu pai que estava pronto para entregar minha vida a Deus. Ele achou que eu era jovem demais para tomar essa decisão. Perguntou-me o que eu sabia. Respondi que Jesus está no céu e que eu desejava estar com ele. E para meu pai, isso foi o suficiente.

Até hoje pergunto a mim mesmo se meu amor tem sido tão puro como foi naquele primeiro momento. Sinto saudade da pureza de minha fé. Se alguém me tivesse dito que Jesus estava no inferno, eu concordaria em acompanhá-lo. A profissão de fé e o batismo seguiram-se naturalmente, como aconteceu com Mary Barbour ao subir na carroça.

Veja, quando seu Pai chega para libertá-lo da escravidão, você não faz perguntas, apenas obedece. Segura em sua mão. Segue o caminho. Deixa a escravidão para trás. E você não esquece nunca, nunca mesmo.

Mary Barbour não esqueceu. Eu não esqueci. E Tigyne também não.

Tigyne pertencia à tribo Wallamo do interior da Etiópia. Nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, alguns missionários levaram a mensagem de Cristo a essa tribo que cultuava Satanás. Tigyne foi um dos primeiros a se converter. Raymond Davis foi o missionário que o conheceu... e o libertou.

Tigyne era um escravo. Sua decisão de seguir a Jesus desgostou seu amo, que impediu Tigyne de freqüentar cultos e aulas de estudos bíblicos. O amo espancava e humilhava Tigyne por causa de sua fé. Mas esse era o preço que o jovem Tigyne estava disposto a pagar.

Havia um outro preço, contudo, que ele não podia pagar. Não tinha condições de comprar sua liberdade. Seu amo contentava-se em receber apenas doze dólares para libertá-lo, mas para aquele escravo que nunca recebera salário, tratava-se de uma quantia exorbitante.

Quando os missionários souberam que a liberdade de Tigyne poderia ser comprada, reuniram-se para discutir o assunto, juntaram o dinheiro e pagaram a quantia exigida pelo amo.

Agora Tigyne estava livre — espiritualmente e fisicamente. Nunca teve como pagar sua gratidão aos homens que o libertaram.

Logo após o dia da libertação, os missionários foram expulsos da Etiópia. Raymond Davis só retornou a Wallamo após 24 anos. Durante todo esse tempo Tigyne foi um testemunho vivo do poder da libertação. Queria muito ver Davis novamente.

Ao ouvir falar que seu amigo estava a caminho, resolveu ir até o posto missionário durante vários dias seguidos para esperá-lo. Os dias do calendário e as horas não significavam nada para Tigyne, portanto ele ia diariamente até o posto à espera de Davis.

Finalmente Davis chegou em um automóvel dirigido por um colega missionário.

Quando Tigyne viu o veículo virar a esquina, correu até ele, segurou a mão de Davis e começou a beijá-la repetidas vezes. O motorista reduziu a velocidade do automóvel para que Tigyne pudesse acompanhá-lo. Tigyne corria e gritava a seus amigos: "Vejam! Vejam! Um dos homens que me resgataram está de volta!"

Finalmente o automóvel parou. Davis desceu e Tigyne ajoelhou-se, passou os braços ao redor das pernas do amigo e começou a beijar seus sapatos empoeirados. Davis tomou-o pela mão e levantou-o, e ambos abraçaram-se chorando.²

.

Três ex-escravos. Um liberto do homem, outro liberto do pecado e o terceiro liberto de ambos. Três caminhadas. Um destino — a liberdade.

Uma caminhada da qual eles nunca se esquecerão.

Penso que sempre me lembrarei daquela caminhada... Oro para que você nunca se esqueça de sua própria caminhada nem da dele: a última caminhada de Jesus de Jerico a Jerusalém. Porque foi nessa caminhada que ele prometeu libertar você.

Sua última caminhada no templo de Jerusalém. Porque foi ali que ele denunciou a religião inconsistente.

Sua última caminhada ao Monte das Oliveiras. Porque foi ali que ele prometeu voltar e levar você para casa.

E sua última caminhada do palácio de Pilatos até a cruz no Gólgota. Descalço, pés ensangüentados, esforçando-se para subir por um caminho estreito de pedras. Tão vivida quanto a dor de carregar a cruz sobre as costas esfoladas é a visão que ele tem de vocês dois caminhando juntos.

Ele conhecia a hora em que poderia entrar em sua vida, em sua chou-pana escura para acordá-lo e guiá-lo rumo à liberdade.

Mas a caminhada ainda não terminou. A jornada não está completa. Há uma outra caminhada a ser feita.

"Eu voltarei", ele prometeu. E para provar isso, ele rasgou o véu do templo em duas partes e abriu os sepulcros. Ele voltará.

Ele, assim como o missionário, voltará para seus seguidores. E nós, assim como Tigyne, não conseguiremos controlar nossa alegria.

"Aquele que nos resgatou está de volta!" gritaremos.

E então a jornada terminará e tomaremos assento em seu banquete... para sempre.

Espero vê-lo à mesa.

1. Hurmence, Belinda (ed.) *My Folks Don't Want Me to Talk About Slavery*, Winston-Salem, N.C.: John F. Blair Publishing, 1984, pp. 14-15.

2. Davis, Raymond. *Fire On the Mountain* (não foram encontradas informações sobre o editor).

GUIA DE ESTUDO

Pequeno Demais, Velho Demais, Bom Demais para Ser Verdade

1. ***Havia um certo orgulho quanto a ser escolhido... algo especial quanto a ser escalado, mesmo para cavar fossos. Mas assim como havia orgulho em ser escolhido, havia uma certa vergonha quanto a ser preterido. Novamente.***

A. Descreva uma ocasião em que *você* foi especialmente escolhido para uma determinada missão. Como se sentiu? Lembra-se como foi? Já chegou a ser pretendo em relação a algo que realmente desejava? Se isso aconteceu, como se sentiu na época?

B. Leia Mateus 20.1-16. Coloque-se na história. Como se sentiria se fosse um dos trabalhadores contratados no início do dia? E se fosse contratado no final do dia? O que Jesus está tentando demonstrar nos versículos 13 a 15 da parábola do proprietário de terras? O que significam as boas-novas do evangelho registradas no versículo 16?

2. ***Diz-se com freqüência que apenas a fruta podre é jogada no lixo, e você começa a acreditar nisso. Começa a se achar "pequeno demais, velho demais".***

A. Alguma vez você já se sentiu como se fosse uma "fruta podre" ou "pequeno demais, velho demais?" O que lhe provocou esse sentimento? O que imagina que Max diria a respeito dessa sua auto-análise?

B. Leia João 1.43-51. De que maneira algumas pessoas chegaram a considerar Jesus uma "fruta podre" (veja o versículo 46)? Como Jesus reagiu diante dessa consideração?

C. Leia 1 Coríntios 1.26-29. Que tipos de pessoas compunham a Igreja de Corinto? O que isso teria a ver em relação ao modo com que Deus mede o homem? De acordo com o versículo 29, por que Deus preferiu fazer isso?

3. ***Deus nutre um sentimento especial para com os excluídos. Você já percebeu?***

A. Você já teve a oportunidade de perceber que Deus nutre um sentimento especial para com os excluídos? Seja, descreva o que percebeu.

B. Leia Tiago 1.27 e 2.5. Nesses dois versículos, como Deus demonstra um sentimento especial para com os excluídos? Qual deve ser nossa atitude em relação a eles? Por quê?

C. Leia Mateus 11.19. Com que tipo de gente Jesus convivia segundo a opinião de muitos? Como Jesus responde às acusações de seus adversários? Como você interpreta os sentimentos especiais de Deus para com os excluídos?

4. ***Por que ele escolheu você? Por que ele me escolheu? Francamente. Por quê? O que nós temos que possa interessar a ele?***

A. Leia Romanos 9.10-16. De acordo com Paulo, em que Deus se baseou para escolher Isaque? O que Isaque possuía que Deus necessitava?

B. Leia Deuteronômio 7.7-8. Que motivos Deus apresenta nessa passagem para demonstrar seu amor por Israel? Por que ele escolheu esse povo? Qual a exata relação entre Deus ter escolhido Israel e ter escolhido você e eu?

5. ***"E bom ser escolhido, não é, rapaz?" — Com certeza, Ben. Claro que sim.***

A. Se você aceitou Jesus como seu Salvador, já refletiu sobre o que significa ter sido escolhido? Como você se sente diante disso?

B. Leia Efésios 1.11-12 e 1 Pedro 2.9. O que essas passagens dizem quanto ao fato de termos sido escolhidos por Deus? Qual é a importância de ser escolhido? Uma vez que fomos escolhidos por Deus, como isso pode modificar nosso modo de viver? Modifica o modo como você vive? Por quê?

De Jericó a Jerusalém

1. *Melhor partir para a batalha com a Palavra de Deus no coração do que com armas poderosas nas mãos.*

A. Leia Mateus 20.17-19. De que maneira essa passagem diz que Jesus estava se encaminhando para a batalha? De que maneira a Palavra de Deus estava no coração de Jesus? Como você pode seguir seu exemplo?

B. Leia 1 Samuel 17.45-47. Como Davi partiu para lutar contra Golias com a Palavra de Deus no coração? Como Davi descreve a peleja *no* versículo 45? Como podemos vencer nossas batalhas, de acordo com o versículo 47? Como nossas atitudes diárias provam que acreditamos ou não nesse versículo? O que suas atitudes diárias demonstram?

2. *Você pode conhecer muito a respeito de uma pessoa pelas atitudes que ela toma diante da iminência da morte.*

A. Por que as atitudes de uma pessoa diante da iminência da morte podem dizer muita coisa a respeito dela? Você conhece alguém que lhe transmitiu isso ao morrer? Leia Lucas 9.51. Como esse versículo e a morte de Jesus fazem você conhecê-lo de maneira mais profunda?

B. Leia João 15.13. O que esse versículo lhe diz sobre o amor de Jesus por você? Como você se sente diante disso?

3. *Esqueça qualquer insinuação de que Jesus caiu numa armadilha. Elimine qualquer teoria de que Jesus errou nos cálculos. Ignore qualquer especulação de que a cruz foi um esforço derradeiro para salvar uma missão agonizante. Se essas palavras nos dizem algo, dizem que Jesus morreu... propositadamente. Não houve surpresa. Não houve hesitação.*

A. Leia Lucas 18.31-34. O que Jesus disse a seus discípulos acerca do que ia acontecer? De acordo com o versículo 31, por que essas coisas tinham de acontecer?

B. Leia Atos 2.22-23 e 4.27-28.0 que esses versículos dizem sobre a morte de Jesus? Embora os discípulos não tivessem compreendido as palavras de Jesus em Lucas 18.31-34, eles compreenderam essas passagens? Se sim, qual foi o significado dessa compreensão para eles? Qual o significado dessa compreensão para você?

C. Leia João 10.14-18. Quem é o rebanho de Jesus nessa passagem? O que Jesus diz que fará por seu rebanho? O que o versículo 18 ensina sobre a crucificação? Como essa passagem confirma o que Max escreveu na citação acima?

O General Abnegado

1. *Poucos assumem responsabilidades por erros de terceiros. Um número menor ainda toma sobre si a culpa por erros que ainda não foram cometidos. Eisenhower fez isso. E tornou-se um herói. Jesus fez isso. E é nosso Salvador.*

A. Pense em alguns líderes que você admira. Eles assumiram responsabilidade por erros de terceiros? Se sim, cite alguns exemplos. Por que é difícil assumir responsabilidade por erros de terceiros? Em que a atitude de Eisenhower assemelha-se à de Jesus? Em que é diferente?

B. Leia Mateus 20.25-28. De acordo com Jesus, como podemos nos tornar grandes? Como ser os primeiros? Como Jesus apresentou o maior exemplo disso? Como seguir seu exemplo? Enumere vários exemplos práticos de como você pode seguir seu exemplo nesta semana.

C. Leia Romanos 5.6-8. Por quem Cristo morreu? De que maneira a morte de Jesus demonstra seu amor, um amor difícil de compreendermos? Como essa passagem representa a sinopse do princípio de Max neste capítulo?

2. *O Calvário é um híbrido da posição sublime de Deus e sua profunda devoção. O ribombar do trovão que ecoou quando o poder supremo de Deus colidiu com seu amor. A união da soberania do céu com a compaixão do céu. Os próprios elementos da cruz são simbólicos: a viga vertical da santidade cruza-se com a viga horizontal do amor.*

A. O que é mais simples para você, a santidade de Deus ou seu amor?

Explique sua resposta. Como a cruz simboliza a interseção dessas duas características.

B. Leia Romanos 3.25-26 e 11.22. De que maneira essas passagens confirmam a citação de Max? Como a cruz comprova a justiça de Deus e seu amor?

3. *Jesus não escreveu uma mensagem; pagou o preço. Ele não só assumiu a culpa como também tomou para si o pecado. Tornou-se o refém. Ele é o General que morre em lugar do soldado, o Rei que sofre pelo camponês, o Patrão que se sacrifica pelo empregado.*

A. Em que sentido Jesus se tornou refém por nós? Qual a grande diferença entre sua morte e a de alguém que morreu por um amigo?

B. Leia 2 Coríntios 5.21. De que maneira esse versículo se adapta ao conceito de Max na citação acima? De acordo com esse versículo, por que Jesus se tornou uma oferta por nosso pecado?

C. Leia Gálatas 3.13-14. Como Cristo nos redimiu da maldição da lei? De acordo com o versículo 14, por que ele fez isso? De que maneira nos beneficiamos de seu sacrifício na cruz? Você se beneficiou disso? Explique sua resposta.

Religião Inconsistente

1. ***Estamos errados quando pensamos que Deus está atarefado demais para dar atenção aos humildes ou é formal demais para tratar de assuntos insignificantes. Quando pessoas próximas de Cristo impedem que alguém se aproxime dele, a religião torna-se vazia, oca. Religião inconsistente.***

A. Você já teve a oportunidade de ver o que se passa em uma religião inconsistente? Se sim, o que achou? Qual a influência que ela exerce sobre as pessoas? Que impressões causaram em você? O que você fez, se é que fez, quanto a isso?

B. Leia Mateus 20.29-34. Por que a multidão repreendeu os dois cegos? Como você se sentiria se fosse um deles? A resposta à pergunta de Jesus parece bastante óbvia — por que você acha que Jesus fez essa pergunta? O que fizeram os cegos depois de curados? Por que agiram assim?

C. Leia Ezequiel 34.1-10. Nessa passagem, Ezequiel usa a palavra *pastores* com o significado de líderes do povo de Deus. O que há de errado com os pastores nessa passagem? Eles ajudam o povo a se aproximar de Deus ou criam obstáculos? Qual é a atitude de Deus em relação a esses pastores? É uma reação branda ou violenta? Como esta passagem reforça ou contradiz a citação de Max?

2. ***Os dois cegos entenderam instintivamente que Deus está mais preocupado com a pureza do coração humano do que com a perfeição de roupas ou procedimentos. Sabiam de alguma forma que a falta de método poderia ser compensada com motivo, por isso gritaram com toda a força de seus pulmões. E foram ouvidos.***

A. Por que muitas vezes nos preocupamos mais com a perfeição de roupas ou procedimentos do que com a pureza do coração? Por que é fácil cair nessa armadilha? Como você pode evitar isso?

B. Leia 2 Crônicas 30.18-20. Nessa passagem, qual foi o problema que o povo enfrentou? Qual foi a solução para o problema? Como Deus respondeu ao povo naquela ocasião? Por quê?

C. Leia Isaías 29.13. Do que o Senhor se queixa nessa passagem? Como é possível saber quando o coração de alguém está afastado de Deus? De que modo essa passagem confirma a citação de Max?

D. Leia Salmo 51.16-17. Em que sentido essa passagem confirma a citação de Max? Quais são os "sacrifícios" que Deus espera de nós? Por que eles são mais difíceis do que os sacrifícios no sentido literal da palavra? Como você atende a esse desejo de Deus?

3. ***Irônico. Dentre todas as pessoas na estrada naquele dia, eles eram os únicos com visão perfeita — mesmo antes de enxergar.***

A. De que visão Max está falando na citação acima? Qual é a sua visão?

B. Compare Mateus 16.1-3 com Lucas 8.10. Como essas passagens explicam que é possível ter visão perfeita mas ser cego espiritualmente? O que você faz para melhorar sua visão espiritual?

C. Leia 1 Coríntios 1.28-29. Como essa passagem ajuda a explicar a citação de Max? O que há de especialmente significativo no versículo 29? Como o versículo 29 ajuda a explicar a cegueira espiritual?

Não Basta só Trabalhar, E Necessário Saber Parar

1. ***O sábado é o dia em que o povo de Deus em uma terra estranha aperta a mão do Pai e diz: "Não sei onde estou. Não sei como voltar para casa. Mas tu sabes, e isso basta."***

A. O que Max quer dizer ao afirmar que estamos em uma terra estranha? De que maneira o sábado é o dia de procurarmos nos orientar? Qual a importância que devemos dar ao sábado?

B. Leia Êxodo 20.8-11. O que significa *santificar o sábado*? De acordo com o versículo 11, quem o *santificou*? Que razões foram apresentadas para não trabalharmos nesse dia? Você costuma trabalhar dobrado em um dia da semana para descansar no sétimo? Por quê?

C. Leia Salmo 122.1. Por que o salmista se *alegrou* nesse versículo? Qual a relação desse versículo com a citação de Max? Sua experiência é igual à do salmista? Por quê?

2. ***Se Jesus encontrou tempo em meio a uma agenda tumultuada para parar e descansar, não poderíamos também fazer o mesmo?***

A. Por que Jesus reservou um tempo "em meio a uma agenda tumultuada para parar e descansar"? Se ele necessitou fazer isso, por que freqüentemente achamos que não precisamos? O que acontece quando não paramos e descansamos? O que acontece a você?

B. Leia Lucas 4.16. De acordo com esse versículo, o que Jesus costumava fazer no sábado? Isso é significativo para nós? Se sim, como?

3. ***Pare. Se Deus ordenou, você precisa parar. Se Jesus obedeceu, você também precisa obedecer. Deus ainda fornece o maná. Confie nele. Reserve um dia para dizer não ao trabalho e sim ao culto de adoração.***

A. Você sente dificuldade em parar? Explique sua resposta. O que Max quer dizer quando escreve que "Deus ainda fornece o maná. Confie nele"? Será que quando não reservamos um dia para dizer não ao trabalho e sim ao culto de adoração é porque estamos duvidando que Deus fornecerá o maná? Se assim for, como podemos mudar nossos hábitos?

B. Leia Salmo 92.1-8. Observe o título desse Salmo. Para que dia foi escrito? Qual sua importância? Quem está sendo focalizado nesse Salmo? De que maneira essa focalização se encaixa na resposta do salmista? Qual é a sua resposta a essa focalização?

C. Leia Lucas 10.38-42. De acordo com o versículo 42, qual é a única coisa necessária? Por que Jesus disse que essa coisa era a melhor? Observe que é preciso escolher essa coisa; o que você está escolhendo? Em que sentido essa coisa não pode ser "tirada"?

4. ***Tenha sempre uma visão nítida da cruz em seu horizonte e encontrará o caminho de casa. A finalidade de seu dia de descanso é: descansar o corpo, porém mais importante ainda, restaurar sua visão. É um dia em que você vê o ponto de referência e consegue encontrar o caminho de casa.***

A. Relacione várias maneiras pelas quais você pode manter uma visão nítida da cruz em seu horizonte.

B. Leia Hebreus 12.2-3. Em quem devemos fixar os olhos? De acordo com o versículo 3, em que isso implica? Se, ao contrário, deixarmos de fixar os olhos, quais as duas coisas que sempre acontecem? Essas duas coisas seriam ficar fatigado e perder a esperança?

C. Leia Salmo 62.1-2,5-8. Onde Davi diz que encontra refúgio? Por que ele torna isso tão exclusivo? No versículo 5, a quem Davi exorta? Por que isso é importante? Por que ele repete essas frases? A quem ele exorta no versículo 8? O que ele orienta a fazer? Que motivo ele apresenta para que isso seja feito?

D. Analise sua própria experiência quanto ao sábado. Você reserva regularmente um dia da semana para descansar e se concentrar em Deus? Se não, por quê? Se sim, de que maneira sua

experiência se compara à do autor do Salmo 92? Existe algo que você gostaria de modificar em seus sábados? Se existe, qual é?

Amor Destemido

1. *O perfume valia um ano de salário. Talvez fosse a única coisa de valor que ela possuía. Não havia lógica em fazer isso, mas desde quando o amor é movido pela lógica?*

A. Descreva sua reação inicial quanto à atitude daquela mulher. Acha que foi tolice? Exorbitância? Profunda? Comovente? O amor não tem lógica? O que Max quer dizer quando afirma que o amor não é *movido* pela lógica?

B. Leia João 12.1-8. Com que personagem desse episódio você mais se identifica? Por quê? De que maneira Maria se arriscou ao tomar aquela atitude? Tente relacionar alguns riscos semelhantes que podemos assumir hoje.

C. Leia Mateus 26.6-13. Por que a atitude da mulher foi bonita? O que simbolizou o que aconteceria? O que você acha que Jesus quis dizer no versículo 13?

2. *Existe um tempo para o amor destemido. Existe um tempo para gestos extravagantes. Existe um tempo para derramar seus afetos sobre quem você ama. E quando esse tempo chegar — agarre-o, não o deixe escapar.*

A. Quais são os tempos apropriados para o amor destemido? Descreva-os. Quando você achou que deveria demonstrar amor destemido? Qual foi o resultado? Faria isso novamente? Por quê?

B. Leia Provérbios 3.27-28. O que esses versículos dizem a respeito de aproveitar a oportunidade para demonstrar amor destemido? Se essa for uma condição que você pode melhorar, o que faria?

C. Leia Filipenses 2.25-30. Qual é o amor destemido descrito nessa passagem? Por que o risco foi assumido? Qual foi a consequência? Em sua opinião, valeu a pena? Por quê?

3. *O preço da praticabilidade às vezes é maior do que a extravagância. Porém as recompensas de um amor destemido são sempre maiores que seu custo.*

A. De que maneira a praticabilidade às vezes custa mais do que a extravagância? Você concorda que "as recompensas de um amor destemido são sempre maiores que seu custo"? Por quê?

B. Leia Lucas 6.32-35. Relacione os vários exemplos de amor destemido que Jesus menciona nessa passagem. Por que há riscos em cada um deles? Por que ele nos incentiva a assumir riscos? Que tipo de recompensa ele nos prometeu se assumirmos tais riscos?

4. *Vá em frente. Invista o tempo. Escreva a carta. Peça desculpas. Faça a viagem. Compre o presente. Faça isso. A oportunidade aproveitada traz alegria. A oportunidade perdida traz arrependimento.*

A. Que oportunidades existem neste momento para você demonstrar amor destemido? Relacione-as. O que o está impedindo de assumir o risco? O que você pensa da afirmação de Max que "a oportunidade aproveitada traz alegria. A oportunidade perdida traz arrependimento"?

B. Leia Tiago 4.17. O que esse versículo tem a ver com o amor destemido? Como você reage diante dessa afirmação?

O Dono do Jumentinho

1. ***Às vezes, gosto de preservar meus animais. Às vezes, quando Deus deseja algo de mim, a/o como se não soubesse que ele necessita disso.***

A. Você se identifica com o que Max diz na citação acima? Se sim, de que maneira? Descreva uma ocasião em que sentiu o mesmo que Max.

B. Leia Mateus 21.1-7. De acordo com o versículo 3, o dono do jumentinho atende rapidamente ao pedido de Jesus? Por que você acha que ele reagiu dessa maneira? E assim que você costuma reagir? Por quê?

C. Compare Mateus 21.3 com Salmo 50.9-12 e Atos 17.24-25. De acordo com esses versículos, o que Deus necessita de nós? O que possuímos que ele não poderia prescindir? Em que sentido, então, Jesus necessitava do jumentinho? Em que sentido Deus necessita algo de nós? Por que é um grande privilégio ser solicitado a dar a ele o que possuímos?

2. ***Todos nós temos um jumentinho. Você e eu temos algo em nossa vida, que, se fosse devolvido a Deus, poderia, como o jumentinho, transportar Jesus e sua história ao longo da estrada.***

A. Faça uma relação de seus jumentinhos. O que você possui que poderia "transportar Jesus e sua história ao longo da estrada"? Que talentos você possui? Que recursos? Que habilidades? Que dons?

B. Leia Romanos 12.6-8. Observe o espírito dessa passagem. Paulo pede que usemos nossos dons, quaisquer que sejam eles. Dentre os dons relacionados nessa passagem, você identifica algum como sendo seu? Sabe quais são os seus dons? Está usando seus dons?

C. Leia Mateus 25.14-30. Com qual dos três servos você mais se identifica? Por quê? Que reação os dois primeiros servos provocam no Patrão? Que reação o último servo provoca no patrão? Qual é a lição básica que Jesus pretendia ensinar nessa parábola?

3. ***Talvez Deus queira montar em seu jumentinho para atravessar os muros de outra cidade, outro país, outro coração. Você permitiria? Entregaria o jumentinho a ele? Ou hesitaria?***

A. Por que às vezes hesitamos quando acreditamos que Deus deseja usar algo que temos? Em qual de seus jumentinhos Deus gostaria de montar? Descreva suas opiniões a respeito disso.

B. Leia 2 Coríntios 9.7. Em que esse versículo se relaciona com a entrega de seu jumentinho? O que significa "segundo tiver proposto no [em seu] coração"? O que há de errado em oferecer com relutância ou sob compulsão? Por que Deus se alegra ao ver um doador satisfeito com sua boa ação?

4. ***Deus utiliza pequenas sementes para realizar grandes colheitas. É no lombo de jumentinhos que ele monta — não em cavalos garbosos ou carruagens — simples jumentinhos.***

A. Por que Deus escolhe utilizar pequenas coisas para ser glorificado? Por que não escolhe coisas grandiosas? Você já hesitou em oferecer-lhe pequenas coisas porque talvez não sejam importantes ou suficientes?

B. Leia Jeremias 9.23-24. Porque o sábio não deve se gloriar em sua sabedoria, nem o forte em sua força, nem o rico em suas riquezas? Em que essa passagem se relaciona com a citação de Max?

C. Leia Juizes 7.1-8. Por que Deus reduziu a tropa de Gideão de 32 mil homens para 10 mil e depois para 300? Que significado tem para você o fato de Deus insistir em fazer uso de pequenas coisas?

Mercenários e Hipócritas

1. ***Quer despertar a ira de Deus? Intrometa-se no caminho das pessoas que desejam vê-lo. Quer sentir sua fúria? Explore o povo em nome de Deus, Tome nota. Os religiosos mercenários acendem o fogo da ira divina.***

A. Tente lembrar de alguns exemplos marcantes em que os religiosos mercenários exploraram o povo em nome de Deus. O que fizeram? O que aconteceu a eles? O que aconteceu ao povo? Descreva como *você* viu "o fogo da ira divina" nesses exemplos.

B. Leia Mateus 21.12-17. O que deixou Jesus tão zangado nesse incidente? O que isso lhe diz a respeito de Jesus? Tem alguma implicação para você? Se sim, qual?

C. Leia Tito 1.10-11. Como Paulo define aqueles que "andam... ensinando o que não devem... por torpe ganância"? O que essas pessoas fazem? Como devemos reagir?

2. ***Ouçã com atenção o evangelista que prega na TV. Analise as palavras do pregador que fala no rádio. Observe a ênfase da mensagem. Qual é a preocupação:¹ Sua salvação ou seu donativo/¹ Acompanhe atentamente o que está sendo dito. O dinheiro é uma necessidade premente? Prometem saúde se você contribuir e inferno se não contribuir? Se assim for, ignore-os.***

A. Você analisa com cuidado as mensagens religiosas que recebe, seja por meio de jornais e revistas, TV, rádio ou pessoalmente? Como você pode se aprimorar para analisar essas mensagens? O que faz quando percebe que a mensagem é nociva?

B. Leia 1 Timóteo 6.3-11. No versículo 5, como Paulo classifica aqueles que pensam que religião é sinônimo de lucro? Qual é a verdadeira fonte de lucro mencionada por ele (versículo 6)? Qual é o problema dos que querem ficar ricos (versículo 9)? O que acontece à maioria dos gananciosos (versículo 10)? Como podemos reagir diante de tais práticas (versículo 11)?

C. Leia Romanos 16.17-18. Qual é a exortação de Paulo no versículo 17? Você obedece a essa exortação? Está atento a esse respeito?

3. ***Existem mercenários na casa de Deus. Não se deixe enganar pelas aparências. Não se entusiasme com suas palavras. Tome cuidado. Lembre-se de como Jesus purificou o templo. Os mais próximos do templo talvez sejam os mais distantes dele.***

A. Por que você acha que quase sempre "os mais próximos do templo talvez sejam os mais distantes dele"? Quando isso se torna um problema pessoal para você?

B. Leia 1 Tessalonicenses 5.21. Nesse versículo, o que somos ordenados a fazer? Como você pode fazer isso?

C. Leia Atos 20.28-35. No versículo 28, o que Paulo insiste para que os efésios façam? Por que ele faz essa advertência (versículo 29)? Qual é a melhor proteção para o povo de Deus nessa circunstância (versículo 32)? Qual é uma evidência que Paulo apresenta de sua sinceridade (versículos 33-34)? Como as palavras de Jesus no versículo 35 podem ser um guia excelente para medir os ensinamentos de alguém?

Coragem para Sonhar Novamente

1. *Deus sempre se regozija quando ousamos sonhar. Na verdade, quando sonhamos assemelhamo-nos muito a Deus. O Mestre exulta diante de coisas novas. Encanta-se ao eliminar coisas velhas. Escreveu o livro sobre como tornar possível o impossível.*

A. Você costuma sonhar? Se tem dificuldade, explique por quê. E quando sonha, com que sonha?

B. Leia Isaías 43.18-19. Nessa passagem, em que sentido você entende que Deus se encanta com coisas novas? Por que acha que ele precisou nos fazer lembrar disso?

C. Leia 2 Coríntios 5.17. Por que é importante lembrar que os cristãos são *novas* criaturas? Que diferença isso faz?

2. *Deus não suporta fé morna. Zanga-se com uma religião que monta um espetáculo mas ignora o culto. E essa é precisamente a religião que ele estava enfrentando em sua última semana.*

A. Leia Mateus 21.18-22. Nos versículos 18-19, em que os religiosos de Israel se assemelhavam à figueira? Já houve ocasião em que você também se assemelhou à figueira? Que tipo de figueira você é neste momento?

B. Leia Lucas 18.9-14. Nessa parábola de Jesus, qual o homem cuja fé era morna? Qual era o mais fervoroso? O que Jesus diz acerca de cada um dos homens? Com qual deles você se identifica?

C. Leia Apocalipse 3.15-16. Qual é a reação de Jesus diante de uma Igreja morna? Por que você acha que ele demonstra tanta veemência nessa passagem? Quais são as características de alguém cuja fé é morna?

3. *A fé não está na religião, a fé está em Deus. Uma fé intrépida, ousada que acredita que Deus fará o que é certo, sempre. E que Deus fará o que for necessário para trazer seus filhos de volta para casa.*

A. Qual é a diferença entre fé na religião e fé em Deus?

B. Leia Gênesis 18.23-25. Observe a pergunta de Abraão no versículo 25. Que resposta ele esperava? Você espera a mesma resposta? Com base nessa pergunta, como você espera que Deus aja em sua vida?

C. Leia Jó 19.25-27. Apesar de Jó estar com o coração desfalecido, qual é sua firme expectativa? Quem é o centro da esperança de Jó? Como essa esperança transforma seu modo de ver as coisas?

D. Leia 2 Timóteo 4.7-8. Descreva a grande esperança de Paulo quando ele percebe que sua vida está chegando ao fim. Quem é o centro da esperança de Paulo? Ele esperava ser levado de volta para casa? Você tem a mesma esperança?

4. *Deus quer que você voe. Quer que você voe livre das culpas de ontem. Quer que você voe livre dos medos de hoje. Quer que você voe livre do túmulo do amanhã.*

A. Você se sente aprisionado por alguns dos medos relacionados acima? Se sim, quais são? O que você precisaria fazer para começar a voar livre deles?

B. Leia Hebreus 2.14-15. De acordo com esse versículo, por que Jesus assumiu forma humana? Que tipo de liberdade ele conquistou para nós (versículo 15)?

C. Leia Mateus 11.28. A que lugar esse versículo nos instrui a voar? Como você pode fazer isso na prática? Está fazendo isso agora? Por quê?

Falando de Calos e Compaixão

1. Para um pai, nenhum preço é alto demais quando se trata de salvar um filho. Nenhum esforço é doloroso demais. Nenhum empenho é grande demais. Um pai percorrerá qualquer distância para encontrar seu filho. Deus também.

A. Se você tem filhos, que preço estaria disposto a pagar para salvá-los? Que tipo de esforço empreenderia? Que distância percorreria?

B. Leia Mateus 18.12-14. Que tipo de esforço Jesus descreve nessa parábola? Qual a relação da parábola com o que Deus realmente faz (versículo 14)?

C. Leia 1 João 3.16. Como João define o amor nesse versículo? O que ele tem a ver com a citação de Max?

2. Deus está sempre presente em seu mundo. Ele não reside em uma galáxia distante. Não se afastou da História. Não preferiu se isolar no trono de um castelo fulgurante. Ele está por perto.

A. Descreva a imagem que você tem de Deus atualmente. Essa imagem sempre foi a mesma? Se mudou, descreva como. Houve ocasião em que sentiu que Deus estava distante? Se sim, como essa percepção mudou?

B. Leia Salmo 139.1-12. De acordo com essa passagem, até que ponto Deus está próximo de você neste momento? Como você se sente diante disso?

C. Leia Hebreus 10.19-23. Como podemos ter confiança para nos aproximar de Deus (versículo 19)? De que maneira podemos nos aproximar de Deus por intermédio de Jesus (versículo 22)? Por que podemos guardar firmes a confissão da esperança, sem vacilar (versículo 23)?

3. Deus é paciente com nossos erros. E longânimo com nossos tropeços. Não se zanga diante de nossas dúvidas. Não vira as costas quando nos debatemos. Mas quando rejeitamos sua mensagem reiteradas vezes, quando somos insensíveis a seus apelos, quando ele muda a História para chamar a atenção e, mesmo assim, insistimos em não lhe dar ouvidos, ele acata nossa vontade.

A. Como rejeitamos a mensagem de Deus reiteradas vezes? De que maneira somos insensíveis a seus apelos? O que Max quer dizer com "ele acata nossa vontade"?

B. Leia Salmo 103.8-14. O que essa passagem diz sobre a maneira como Deus reage diante de nossos erros? Como o versículo 14 ajuda a explicar o versículo 10? Agora leia Salmo 130.3-4. Se Deus mantivesse um registro de seus pecados, você seria capaz de subsistir? De acordo com essa passagem, por que devemos temer a Deus?

C. Leia Mateus 21.33-46. Você descreveria esse proprietário de terras como um homem paciente? Por quê? Qual é o ponto principal que Jesus está tentando transmitir ao contar essa parábola? Por que os principais sacerdotes e os fariseus entenderam que Jesus estava falando deles nessa parábola (versículo 45)?

4. Deus chega à sua casa, pára diante da porta e bate. Fica a seu critério deixá-lo entrar ou não.

A. Por que Deus não derruba a porta para entrar?

B. Leia Ezequiel 33.11. Nesse versículo, qual é o desejo de Deus para o perverso? A quem pertence a tarefa de converter o perverso? Qual é o resultado dessa conversão? O que acontece quando ele não se converte?

C. Leia Tiago 4.8. Nas palavras de Tiago, qual é o nosso papel no processo que ele descreve? Qual é o papel de Deus? Qual é o resultado?

Você Está Convidado

1. *Deus é um Deus que convida. Deus é um Deus que exorta. Deus é um Deus que abre a porta e acena convidando os peregrinos para uma mesa farta. Contudo, seu convite não se limita a uma refeição, é um convite para a vida.*

A. Leia Mateus 22.1-14. Conte quantas vezes aparecem os verbos *convidar* e *chamar*. O que essas palavras lhe dizem sobre o ponto principal da parábola? Quem está fazendo o convite? Quem ele representa?

B. Leia Deuteronômio 30.15-16, 19-20. Que opções Deus colocou diante dos israelitas? Quais seriam as conseqüências para cada uma das opções? Que opção Deus realmente desejava que aquele povo fizesse?

2. *O Pai se entristece quando lhe damos respostas vagas a seu convite específico para que nos cheguemos a ele.*

A. Como você acha que o Pai se sente quando lhe damos respostas vagas a seu convite? Como você se sentiria se recebesse esse tipo de resposta? Como reagiria diante disso?

B. Leia Lucas 14.16-24. Quais foram as desculpas que os convidados apresentaram nessa parábola para não comparecer ao banquete? Algumas delas lhe parecem familiares? Que desculpas apresentamos para recusar os convites de Deus? Qual foi a reação do homem da parábola aos que recusaram seu convite? Que ponto Jesus fez questão de ressaltar?

3. *Para conhecer Deus, é preciso aceitar seu convite. Não apenas ouvi-lo, não apenas analisá-lo, não apenas identificá-lo, mas aceitá-lo. É possível alguém conhecer muito a respeito do convite de Deus sem nunca tê-lo respondido pessoalmente.*

A. Por que é necessário aceitar o convite de Deus para conhecê-lo? O que impede as pessoas de aceitarem o convite de Deus?

B. Leia 2 Timóteo 3.7. Qual a relação desse versículo com a citação acima? Dê vários exemplos da situação descrita por Paulo.

C. Leia Mateus 7.24-27 e Tiago 1.22-25. Qual é o ponto principal dessas duas passagens? Por que é tão fácil cair na armadilha que ambas descrevem? Você já caiu nessa armadilha? Se sim, como conseguiu sair?

4. *Podemos escolher onde viver na eternidade. A grande escolha, Deus deixa por nossa conta. A decisão crucial é nossa. O que você está fazendo com o convite de Deus?*

A. Responda à pergunta de Max: O que você está fazendo com o convite de Deus?

B. Leia Isaías 55.1-3,6-7. Qual é o convite de Deus nessa passagem? Quem é convidado? Qual é a oferta? Quais são os benefícios? Você já respondeu a esse convite?

C. Leia Romanos 10.9-13. Qual é o convite mencionado nessa passagem? Como se aceita esse convite? Quais são as vantagens de aceitá-lo? Quem pode aceitar o convite? Você já aceitou esse convite?

Manipulação de Palavras

1. ***Não haviam aprendido a primeira lição de liderança. "O homem que deseja reger a orquestra deve virar as costas ao povo."***

A. O que o conceito acima significa para você? Tem algum sentido? Por quê?

B. Leia Mateus 21.23-27. Como o versículo 26 ilustra a verdade do conceito acima?

C. Leia João 12.42-43. Qual era o principal problema dos líderes descrito nesta passagem? Eles deram atenção ao conceito acima? Qual foi o resultado da atitude deles?

D. Leia 1 Coríntios 11.1. Onde Paulo fixou sua atenção ao escrever essas palavras? Ele vira as costas ao público ou à orquestra? Quando você assume a liderança — em casa, no trabalho ou em qualquer outro lugar — mantém esse versículo em mente? De que modo ele poderia modificar sua forma de liderança?

2. ***Deus deixou claro que a bajulação nunca deve ser a ferramenta do servo sincero. A bajulação não passa de desonestidade disfarçada. Jesus não foi bajulador, nem seus seguidores devem ser.***

A. Qual é o problema básico da bajulação? Como você se sente quando as pessoas tentam usá-la para obter de você o que desejam?

B. Leia Mateus 22.15-22. Por que o versículo 16 é um verdadeiro exemplo de bajulação? Como Jesus reagiu diante dessa bajulação? Por que usou a palavra *hipócrita* para descrever aquela gente?

C. Leia Salmo 12.3 e Provérbios 28.23. Qual é a opinião do Senhor sobre a bajulação nessas passagens? Por que Deus considera a repreensão melhor que a bajulação?

3. ***Na igreja há aqueles que descobrem um pequeno território e se apegam obsessivamente a ele. Na família de Deus há aqueles que encontram um ponto polêmico e fazem valer seus direitos. Toda igreja tem no mínimo uma alma obstinada que se especializa em um pormenor da mensagem e desenvolve uma tese sobre ele.***

A. Você já se deparou com esse tipo de situação descrita por Max? Se sim, explique a situação. O que aconteceu?

B. Leia Romanos 14.19-22. Qual é o principal problema com o fato de discutir em torno de uma questão polêmica (versículo 20)? O que devemos fazer com nossos pequenos territórios (versículo 22)? Qual deve ser nossa maneira geral de proceder diante de tais questões (versículo 19)?

C. Leia 1 Coríntios 1.10-17. De que modo os coríntios caíram na armadilha que Max descreve acima? O que acontece quando permitimos que pequenas controvérsias dividam o corpo de Cristo (versículo 17)? Como isso acontece?

4. ***Saia de seu território por alguns momentos. Explore novos recifes. Investigue novas regiões. Feche a boca e abra os olhos. Você terá muito a ganhar.***

A. Você sente dificuldade em sair de seu território por alguns momentos? Se sim, por quê? O que você pode fazer para tornar isso mais fácil?

B. Leia Provérbios 10.19 e Tiago 1.19. Quais são os conselhos semelhantes dados por Salomão e Tiago? De que maneira você segue esses conselhos? Como pode obedecer melhor a esses conselhos?

C. Leia Romanos 14.1. Como somos instruídos a lidar com aqueles considerados fracos na fé? O que não devemos fazer? Nesse versículo, Paulo assume que haverá assuntos polêmicos; será que nós também assumimos? Que tipos de assuntos mais se encaixam nessa categoria?

O Que Homem Nenhum Ousou Sonhar

1. Deus fez o que nem sequer ousaríamos sonhar. Fez o que nem sequer poderíamos imaginar. Fez-se homem para que pudéssemos confiar nele. Sacrificou-se para que pudéssemos conhecê-lo. E venceu a morte para que pudéssemos segui-lo.

A. Quando foi a última vez que Deus fez algo em sua vida que o deixou completamente surpreso? Descreva o incidente.

B. Leia Mateus 22.41-46. O que havia na pergunta de Jesus para deixar os fariseus tão intimidados? Por que essa pergunta era tão difícil de ser respondida? Por que ninguém ousou fazer novas perguntas a Jesus depois daquele incidente?

C. Leia 1 Coríntios 2.9. Qual é o ponto principal desse versículo? A quem são destinadas essas surpresas divinas? Você está qualificado a receber uma dessas surpresas?

2. Só um Deus poderia idealizar essa insensatez. Só um Criador infinitamente superior aos limites da lógica poderia oferecer tamanho dom de amor.

A. Por que Max chama o plano de Deus de "insensatez"? Você concorda com Max? Por quê?

B. Leia 1 Coríntios 1.18-25. Por que Paulo chama a pregação do evangelho de "loucura"? Qual é o ponto principal dessa passagem (versículo 25)? Por que o plano de Deus parece loucura à sabedoria do homem?

3. O que o homem não pode fazer, Deus faz.

A. Descreva alguns incidentes em sua vida que você considerou impossíveis, mas que Deus foi capaz de fazer.

B. Leia Jó 42.2, Jeremias 32.17, Mateus 19.26 e Lucas 1.37. Qual é a mensagem congruente desses quatro versículos? Qual a confiança que ela lhe dá?

4. Quando se tratar de eternidade, perdão, propósito de vida e verdade, vá à manjedoura. Ajoelhe-se ao lado dos pastores. Adore o Deus que ousou fazer o que homem nenhum ousou sonhar.

A. Por que a manjedoura é símbolo de eternidade, perdão, propósito de vida e verdade? Por que devemos nos ajoelhar ao lado dos pastores?

B. Leia Romanos 8.3. De acordo com esse versículo, o que Deus fez que era impossível de ser feito? O que ele conseguiu? Como conseguiu?

C. Leia Efésios 3.20-21. De acordo com esse versículo, o que Deus é capaz de fazer? Como ele é capaz de fazer isso? Onde se opera tal poder? Qual é o resultado disso? Quanto tempo durará? De que maneira essa passagem fortalece sua confiança em Deus?

O Cursor ou a Cruz?

1. ***Religião computadorizada. Nada de dobrar os joelhos. Nada de chorar de arrependimento. Nenhum agradecimento. Nenhuma emoção. Isso é ótimo — exceto se você cometer um erro.***

A. Você já seguiu religião computadorizada? Se sim, como se sentiu? A que ela o levou? Como e por que a abandonou?

B. Leia Mateus 23.1-36. Identifique todos os erros "computadorizados" que Jesus aponta. Alguns deles já lhe causaram problemas? Quais? De que modo você conseguiu se livrar deles?

2. ***Como você preencheria o espaço em branco abaixo. " Uma pessoa é considerada justa aos olhos de Deus mediante _____.***

A. Preencha o espaço em branco da maneira que achar apropriada.

B. Leia Efésios 2.8-9. Com o que a fé é contrastada nesses versículos? Qual é o problema com as boas obras? Por que a jactância é tão terrível?

C. Leia Gálatas 2.15-16. Qual é o elemento principal para que alguém seja considerado justo aos olhos de Deus? Quantas pessoas serão consideradas justas aos olhos de Deus mediante a observação da lei? Com que você está contando para ser considerado justo aos olhos de Deus?

3. ***Trinta e seis versículos inflamados foram resumidos em uma pergunta: "Como escapareis da condenação do inferno?" Boa pergunta. Boa pergunta para os fariseus, boa pergunta para mim e você.***

A. Como escaparemos da condenação do inferno?

B. Leia Romanos 2.5. O que caracteriza aqueles que acumulam contra si mesmos "ira para o dia da ira" de Deus? Quando o julgamento justo de Deus será revelado? O que há de certeza nisso?

C. Leia Hebreus 2.2-3; 12.25. Qual é a pergunta nessas duas passagens? Qual é a resposta esperada?

4. ***Por que... ele é conhecido como seu Salvador pessoal?***

A. Jesus é seu Salvador pessoal? Como você sabe disso?

B. Leia João 1.12. De que maneira João diz que Jesus se torna nosso Salvador pessoal?

C. Leia 1 João 4.14-15. O que devemos fazer para ter certeza de que Deus permanece em nós?

Fé Descomplicada

1. ***Quem me dera agir como uma criança de cinco anos! Aquele simples entusiasmo de viver que não pode aguardar o amanhã. Uma filosofia de vida que diz: "Brinque bastante, divirta-se bastante e deixe as preocupações por conta de seu pai."***

A. Permaneça meia hora observando as crianças brincarem. O que você nota? Quais as brincadeiras que você gostaria de reviver? O que o impede de revivê-las?

B. Leia Mateus 18.3-4. Por que Jesus insistiu para que nos tornássemos iguais às crianças? Qual será a consequência se não fizermos isso?

C. Leia 2 Coríntios 11.3. Qual é a preocupação de Paulo nesse versículo? Por que essa preocupação nunca deve ser esquecida por nós?

2. ***A religião complicada não procede de Deus. Leia Mateus 23 e se convencerá disso. Trata-se de uma severa repreensão de Cristo sobre a religião de parque de diversões.***

A. O que Max quer dizer com "religião de parque de diversões"? Por que Cristo a repreendeu?

B. Leia Mateus 23.37-38. Qual era o desejo de Jesus em relação a Jerusalém? Qual era a atitude do povo daquela cidade? Qual seria a consequência derradeira?

3. ***Como simplificar a fé? Como se livrar da confusão? Como descobrir a alegria de despertar para a vida? Simples. Liberte-se dos intermediários.***

A. O que Max quer dizer com "intermediários"? Quem são os intermediários de nossa sociedade?

B. Leia João 10.10. De acordo com esse versículo, por que Jesus veio ao mundo? Isso lhe parece complicado? Por quê? Você está colocando em prática o que Jesus diz nesse versículo? Por quê?

C. Leia 1 Timóteo 2.5. Quem é o único mediador entre Deus e os homens? Que importância tem isso em sua vida diária?

4. ***Busque a fé descomplicada. Concentre-se naquilo que é importante. Focalize no que é fundamental. Anseie por Deus.***

A. Por que nos desviamos com frequência do caminho que Max menciona acima? Por que tornamos nossa vida e nossa fé tão complicadas? Como você se livra de complicações desnecessárias?

B. Leia Salmo 42.1 -2. A fé ilustrada nessa passagem é complicada ou descomplicada? Ela é interessante? Por quê? Você conhece pessoas com fé semelhante à descrita nessa passagem? O que elas fazem para ter tal fé?

C. Leia Filipenses 3.7-9. De acordo com essa passagem, qual é o objetivo primordial da vida de Paulo? Como ele fortalecia esse objetivo? Era um objetivo simples ou complexo? Em que aspectos esse objetivo se compara ao seu?

Manual de Sobrevivência

1. ***Jesus é franco a respeito de nossa vida. Não há garantias de que só pelo fato de pertencermos a ele sairemos incólumes. Não existe nenhuma promessa na Bíblia dizendo que quando seguimos o rei permanecemos fora da batalha. Não, geralmente ela diz o oposto.***

A. Em sua experiência, a citação acima lhe parece verdadeira? Explique sua resposta.

B. Leia Mateus 24.1-14. Por que o versículo 6 se destaca em meio às provações que virão? Em que essa afirmação se baseia? Como ela se aplica independentemente da situação em que estamos?

C. Leia João 15.18-19 e 16.33. Qual a promessa de Jesus nessas duas passagens? Como devemos reagir diante dos problemas da vida. Como podemos reagir (16.33)?

D. Leia 2 Timóteo 3.12. Qual é a expectativa de Paulo nesse versículo? Quem sofre as conseqüências? Como você entende essa promessa?

2. ***Os salvos podem estar à beira do precipício, podem até tropeçar e escorregar. Mas se agarram com as unhas no rochedo de Deus e não caem.***

A. Você já esteve à beira do precipício? O que aconteceu? Como buscou refúgio na segurança espiritual?

B. Leia Mateus 24.13. Você considera esse versículo uma promessa ou uma ameaça? Qual o objetivo dele?

C. Leia Colossenses 1.22-23. De que maneira esses versículos são um complemento de Mateus 24.13?

3. ***Os discípulos sentiram-se animados diante da garantia de que a missão seria concluída. Saíram vitoriosos da batalha porque encontraram um meio de permanecer firmes. Tinham uma arma secreta... e nós também temos.***

A. Qual era a arma secreta dos discípulos? Em que aspecto a nossa é exatamente igual à deles?

B. Leia Mateus 24.30-31. Que incentivo essa passagem dá ao povo que passa por provações? Por que é um incentivo? Ela o incentiva? Por quê?

C. Leia Filipenses 1.6. Qual a promessa dada nesse versículo? Ela é condicional? O que ela significa no sentido de ajudá-lo em sua caminhada de fé? Ela o ajuda?

4. ***Posso estar enganado, mas acho que a ordem que acabará com o sofrimento da terra e dará início às alegrias do céu será: "Basta."***

A. Por que a ordem "Basta" é apropriada para dar início às alegrias do céu? Em sua opinião, qual seria essa ordem final? Por quê?

B. Leia 1 Tessalonicenses 4.16-18. Em que sentido essa passagem nos dá ânimo? Que imagem lhe vem à mente ao ler estes versículos? Por que é importante que o próprio Senhor desça dos céus?

C. Leia Apocalipse 19.11-16. Que imagem você tem de Cristo ao ler esses versículos? É uma imagem animadora ou desanimadora? Por quê?

Histórias de Castelos de Areia

1. ***Dois construtores. Dois castelos. Ambos têm muita coisa em comum. Fazem grandezas com pequeninos grãos. Constróem algo do nada. São diligentes e determinados. E para os dois a maré subirá e tudo terminará.***

A. Ao analisar sua vida, que tipos de castelos você tem construído? Que atitude toma em relação a eles? Se a maré viesse a subir amanhã, como você se sentiria?

B. Leia Lucas 12.16-21. Que tipo de castelo o homem dessa história estava construindo? Que tipo de maré aconteceu? Em que resultou? Que lição Jesus nos deu?

C. Leia Hebreus 9.27. Qual é o destino de todos nós? Que tipo de maré é essa? Você está preparado para essa maré?

2. ***Você tem visto pessoas tratarem este mundo como se fosse um lar permanente. Não é. Tem visto pessoas gastarem tempo e energia na vida como se ela fosse durar eternamente. Não durará. Tem visto pessoas tão orgulhosas do que fizeram que esperam nunca ter de partir daqui. Partirão.***

A. De que maneira costumamos tratar o mundo como se ele fosse um lar permanente? Como agimos ao pensar que a vida durará para sempre? Em nosso cotidiano, com que frequência paramos para pensar que um dia partiremos deste mundo?

B. Leia Mateus 16.26-27. Responda as duas perguntas do versículo 26. Você aguarda com ansiedade o evento descrito no versículo 27 ou sente-se um pouco nervoso a respeito dele? Por quê?

C. Leia Tiago 4.13-14. Como o conteúdo dessa mensagem pode mudar radicalmente nosso modo de agir? Por que ela parece tão fácil de ser esquecida?

3. ***Não sei muita coisa, mas sei como viajar. Levar pouca bagagem. Comer alimentos leves. Tirar um cochilo. E desembarcar quando chegar ao destino.***

A. O que a citação acima tem a nos ensinar acerca da maneira como vivemos o nosso cotidiano?

B. Leia Hebreus 11.8-10. Como Abraão colocou em prática a citação acima? Qual foi o fator preponderante em sua disposição de partir sem saber aonde ia? De que maneira o versículo 10 se aplica a nós tanto quanto se aplicou a Abraão? Por que às vezes temos mais dificuldade do que Abraão em entender o que está escrito no versículo 10?

C. Leia Hebreus 11.13-16. Como essa passagem pode servir de mapa rodoviário para o resto de nossa vida? Como poderíamos ser poupados de tanto sofrimento se agíssemos de acordo com o que ela ensina?

4. ***Vá em frente e construa, mas construa com o coração de uma criança. Quando chegar a hora do pôr-do-sol e a maré levar tudo embora — aplauda. Aplauda o processo da vida, segure a mão de seu pai e vá para casa.***

A. O que significa construir com o coração de uma criança? Em que a citação acima se relaciona com o culto de adoração?

B. Leia Lucas 19.11-13. De que maneira a ordem do versículo 13 se relaciona conosco? O que Jesus espera que façamos até que ele volte? O que você está fazendo para obedecer a sua ordem?

C. Leia 1 Coríntios 3.10-15. Qual é a preocupação de Paulo acerca de continuarmos a construir a Igreja (versículo 10)? Qual é o fundamento sobre o qual construímos (versículo 11)? O que Paulo quer dizer quando menciona vários tipos de materiais de construção (versículo 12)? O que o dia demonstrará em relação ao material que utilizamos (versículo 13)? Qual é o resultado de nossa construção (versículos 14-15) Como está o andamento de sua construção?

Esteja Preparado

1. ***Talvez você se surpreenda com o fato de Jesus ter utilizado a preparação como tema de seu último sermão. A mim surpreendeu. Eu teria pregado a respeito do amor, da família ou da importância da Igreja. Jesus não. Jesus pregou a respeito de um tema que muitas pessoas de hoje consideram ultrapassado. Pregou a respeito de estarmos preparados para entrar no céu e permanecermos afastados do inferno.***

A. Em sua opinião, por que Jesus utilizou a preparação como tema de seu último sermão? Que efeito esse sermão tem sobre você?

B. Leia Mateus 24:36; 25.13. Qual é o motivo uniforme apresentado ao longo dessa passagem para nos mantermos vigilantes? Você tem se mantido vigilante? Se sim, como? Se não, por quê?

2. ***Jesus não diz que poderá voltar, ou que talvez volte, mas que voltará.***

A. Quando você sabe que um fato acontecerá infalivelmente, como se prepara para enfrentá-lo? Está se preparando da mesma maneira para a volta de Cristo?

B. Leia Mateus 16.27;24.44; Lucas 12.40; João 14.3. O que todos esses versículos têm em comum? Quando algo é repetido várias vezes, o que normalmente significa?

3. ***O inferno é um lugar escolhido pela pessoa que ama mais a si mesma do que a Deus, que ama o pecado mais do que seu Salvador, que ama este mundo mais do que o mundo de Deus. O juízo final é o momento em que Deus olha para o rebelde e diz: "Sua escolha será respeitada."***

A. Você pensa no inferno como um lugar que as próprias pessoas escolhem para si? Por quê?

B. Leia 2 Tessalonicenses 1.5-10. O que os tessalonicenses faziam para estarem qualificados para irem ao céu (versículo 10)? Quem será castigado na volta do Senhor (versículo 8)? Como essas pessoas serão castigadas (versículo 9)? Em que grupo você se encaixa?

4. ***Nossa missão aqui na terra é específica — escolher nosso lar eterno. Podemos sobreviver a muitas escolhas erradas na vida. Podemos escolher a carreira errada e sobreviver, a cidade errada e sobreviver, a moradia errada e sobreviver. Podemos até escolher o cônjuge errado e sobreviver. Porém há uma escolha que precisa ser feita corretamente, e essa escolha refere-se ao nosso destino eterno.***

A. Você já fez a escolha a respeito de seu destino eterno? Se sim, qual foi a escolha? Se não, por quê?

B. Leia João 3.16-18. De acordo com o versículo 18, o que acontece com alguém que crê verdadeiramente em Jesus? O que acontece com alguém que não crê em Jesus? Por que Deus enviou seu Filho ao mundo (versículo 17)? Reformule o versículo 16 com suas próprias palavras.

C. Leia João 20.31. Por que João escreveu esse evangelho? Como podemos receber vida eterna, de acordo com esse versículo?

D. Leia Atos 17.29-34. O que Deus não levou em conta no passado (versículo 30)? Que evento ainda está por vir, de acordo com o versículo 31? Qual a reação do povo diante da mensagem de Paulo (versículos 32-34)? Com que grupo você mais se identifica?

Gente com Rosa na Lapela

1. Se você quiser conhecer a verdadeira natureza do coração humano, observe sua reação diante de uma figura sem atrativos. "Dize-me quem amas", escreveu Houssaye, "e dir-te-ei quem és".

A. Qual é a sua reação diante de uma figura sem atrativos? O que acha do comentário de Houssaye?

B. Leia Mateus 25.31-46. Quais os dois grupos de pessoas representados nessa passagem? O que acontece a cada um deles? O que caracteriza cada grupo? Observe o versículo 46: que estrutura de tempo é mencionada para os dois grupos?

2. A insígnia dos salvos é seu amor para com os excluídos.

A. Você concorda com a citação de Max? Por quê?

B. Leia Hebreus 13.1-3. O que significa o amor fraternal? Qual é a exortação do versículo 2? Em que a citação de Max se assemelha ao versículo 3?

C. Leia Tiago 2.1-9. Qual é o principal problema que essa passagem aborda? Qual é a solução de Tiago? Por que o versículo 8 é o ponto central dessa passagem?

3. Jesus habita nos esquecidos. Fez morada nos ignorados. Vive no meio dos enfermos. Se quisermos ver a Deus, devemos ir até onde estão os humilhados e os abatidos. E lá que o veremos.

A. Quando foi a última vez que você viu Jesus no meio dos humilhados e abatidos? Descreva sua experiência.

B. Leia Mateus 10.42. Qual é a maneira segura de receber um galardão? O galardão é baseado em grandes sacrifícios? Em que ele se baseia?

C. Leia Mateus 11.2-6. Qual a pergunta que João Batista tinha para fazer a Jesus? Como Jesus respondeu à pergunta? Qual o significado disso em relação à citação de Max?

Servido pelo Comandante Supremo

1. ***Para alguns, a comunhão é uma hora sonolenta durante a qual come-se o pão e toma-se o suco, mas a alma não reage. A comunhão nunca teve esse propósito. Teve o propósito de ser um convite do tipo "não consigo acreditar, alguém me dê um beliscão porque devo estar sonhando" — sentar à mesa do Senhor e ser servido pelo próprio Rei.***

A. Seja honesto ao responder a esta pergunta — qual tem sido sua atitude em relação à comunhão? Em que sentido as palavras de Max o atingem?

B. Leia Mateus 26.17-30. Tente imaginar como seria sentar com o Senhor à mesa. O que você está pensando? O que está sentindo? O que acha das palavras de Jesus no versículo 29?

2. ***E à mesa do Senhor que você se senta. É a Santa Ceia do Senhor que você come. Assim como Jesus orou por seus discípulos, ele também suplica a Deus por nós. Quando você recebe um convite para se sentar à mesa, a carta pode ter sido entregue por um mensageiro, mas foi Jesus quem a escreveu.***

A. Qual é o mensageiro que Max menciona na citação acima? Por que é importante lembrar que é Jesus quem convida você a se sentar à mesa?

B. Leia João 17.20-23. Qual é o pedido principal que Jesus faz nessa passagem? Por que isso é especialmente relevante quando se trata da Ceia do Senhor?

3. ***O que acontece na terra é apenas uma pequena amostra do que acontecerá no céu. Portanto, na próxima vez que o mensageiro lhe trazer o convite, abandone tudo e vá. Seja abençoado e alimentado e, mais importante ainda, tenha a certeza de ainda estar comendo à sua mesa quando ele vier nos buscar.***

A. O que Max quer dizer com "tenha a certeza de ainda estar comendo à sua mesa quando ele vier nos buscar"? Com o que devemos ter cuidado?

B. Leia Lucas 22.14-18. Que palavra Jesus usa para descrever sua atitude acerca de participar da Santa Ceia do Senhor com seus discípulos? Que acontecimento futuro é enfatizado nos versículos 16 e 18? Você comparece à mesa do Senhor com essa ênfase em mente?

C. Leia 1 Coríntios 11.26. Em que esse versículo o ajuda a compreender melhor a Ceia do Senhor? Como ele pode moldar nossa maneira de viver como cristãos?

Ele Escolheu Você

1. ***Jesus sabia que antes do término da batalha seria preso. Sabia que antes da vitória haveria uma derrota. Sabia que antes do trono haveria o cálice. Sabia que antes da claridade do domingo haveria a escuridão da sexta-feira. E ele sente medo.***

A. Como você se sente ao se dar conta de que Jesus teve medo? Por quê?

B. Leia Mateus 26.36-46. Como Jesus descreve a angústia de sua alma (versículo 38)? O que sua atitude (versículo 39) lhe diz? De que maneira os eventos descritos nessa passagem assemelham-se a uma batalha?

2. ***É importante notar que em sua última oração, Jesus intercedeu por você. É importante sublinhar seu amor em vermelho e destacá-lo em amarelo: "Rogo também por aqueles que vierem a crer em mim por intermédio da palavra." Ele orou por você. Quando Jesus chegou ao jardim, você fazia parte de sua oração. Quando Jesus levantou os olhos ao céu, pensou em você. Quando Jesus imaginou o dia em que todos nós estaremos com ele, viu você ali.***

A. Como você se sente ao saber que quando Jesus se preparava para morrer na cruz, pensou em você?

B. Leia João 17.24. Qual é o pedido especial de Jesus nesse versículo? Por que ele faz esse pedido? Como você se sente diante desse pedido? Por quê?

3. ***Foi no jardim que Jesus tomou a decisão. Ele preferiu atravessar o inferno por você a ir para o céu sem você.***

A. De que maneira Jesus atravessou o inferno por você? Isso deveria afetar nosso modo de viver? Afeta? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?

B. Leia Efésios 4.7-10. Como essa passagem esclarece a citação acima? Qual é o significado da expressão "para encher todas as coisas"?

C. Leia Hebreus 12.2. De acordo com esse versículo, por que Jesus suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia? Qual é a importância de Jesus estar assentado à destra do trono de Deus?

Quando o Mundo Vira as Costas a Você

1. A traição é uma arma encontrada apenas nas mãos de quem você ama. Seu inimigo não possui tal arma, porque somente um amigo pode cometer traição. A traição é revoltante. E a violação da confiança, um jogo sujo.

- A. Você já foi traído? Se sim, o que mais o magoou nessa situação?
- B. Leia Mateus 26.47-56. Há duas traições descritas nessa passagem. Quais são?

2. Para saber lidar com o comportamento de uma pessoa é necessário compreender a causa de tal comportamento. Para saber lidar com as peculiaridades de uma pessoa é necessário tentar compreender a causa de tais peculiaridades.

- A. De que maneira você pode tentar compreender as peculiaridades de uma pessoa? Como pode compreender, pelo menos parcialmente, a causa das atitudes de alguém?
- B. Leia Gálatas 6.2. O que você deve saber em primeiro lugar para levar as cargas uns dos outros? Como conseguir saber isso?
- C. Leia Filipenses 2.19-21. Por que Paulo queria enviar Timóteo a Filipos? O que isso tem a ver com o relacionamento de Timóteo com os filipenses?
- D. Leia Hebreus 12.14. O que esse versículo nos ordena fazer? Como podemos alcançar isso? Por que é tão importante?

3. Enquanto você odiar seu inimigo, a porta da prisão permanecerá fechada com um prisioneiro dentro. Mas quando você tenta compreender e livrar o inimigo de seu ódio, o prisioneiro é libertado. Esse prisioneiro é você.

- A. De que maneira o ódio faz de você um prisioneiro? Você está sendo prisioneiro do ódio?
- B. Leia Mateus 5.43-48. O que Jesus nos instrui a fazer em relação a nossos inimigos? Como você pode colocar isso em prática?
- C. Leia Hebreus 12.15. O que a amargura faz a uma pessoa? O que ela faz com os que rodeiam essa pessoa? Como somos instruídos a lidar com a amargura?

4. Para manter o equilíbrio em um mundo injusto, olhe para as montanhas. Pense em seu lar.

- A. Leia João 18.36. A que mundo Jesus se referia? Que evidência ele apresentou para mostrar que seu reino não é daqui?
- B. Leia Salmo 25.15. Qual é a receita do salmista para mantermos o equilíbrio em um mundo injusto?
- C. Leia Salmo 73.2-5,13-20. Nos versículos 2-5, o que causava sérios problemas de comportamento no salmista? Que efeitos ele sofreu ao focalizar esse lado da vida (versículos 13-14)? Como ele conseguiu recuperar o equilíbrio espiritual (versículos 16-17)? Qual foi sua afirmação final sobre a situação (versículos 18-20)? De que maneira essa passagem reitera a mensagem de Max citada acima?

A Escolha É Sua

1. ***Jesus não sente medo. Não está zangado. Não está à beira do pânico. Não demonstra surpresa. Jesus conhece sua hora e sabe que ela chegou.***

A. Leia João 2.4; 7.6,8,30; 8.20; 13.1. Que progressão você vê nesses versículos? De que maneira essas referências deixam claro que Jesus estava perfeitamente consciente de sua missão?

2. ***Talvez você, assim como Pilatos, esteja curioso a respeito desse Jesus. Assim como Pilatos, está perplexo diante de suas afirmações e comovido com seu sofrimento. Já ouviu as histórias: Deus vindo do céu, fazendo-se homem e fincando a estaca da verdade no mundo. Assim como Pilatos, ouviu o que os outros disseram; agora gostaria de ouvi-lo falar.***

A. Você está curioso a respeito de Jesus? De que maneira? Ele o deixa perplexo? Como? Que histórias sobre ele são mais difíceis de aceitar? Por quê?

B. Leia Lucas 22.67-70. Que asserção Jesus faz de si mesmo nessa passagem? Por que é a asserção mais fenomenal de todas?

3. ***Você tem duas escolhas. Pode rejeitar a Jesus. É uma opção. Pode, como muitas pessoas têm feito, decidir que a idéia de Deus se transformar em carpinteiro é muito bizarra — e deixar o assunto de lado. Ou pode aceitá-lo. Pode caminhar com ele. Pode ouvir sua voz em meio a outras centenas de vozes e segui-lo.***

A. Que escolha você fez a respeito de Jesus? Que voz está ouvindo em meio a outras centenas de vozes que disputam sua atenção?

B. Leia João 6.60-69. Por que alguns discípulos deixaram de seguir a Jesus? Por que Pedro continuou a segui-lo? Qual a decisão que mais se assemelha à sua? Por quê?

4. ***Pilatos pensou que poderia deixar de fazer uma escolha. Lavou as mãos. Subiu no muro e sentou-se. Porém, ao deixar de fazer uma escolha, Pilatos fez uma escolha.***

A. De que maneira Pilatos fez uma escolha ao deixar de fazer uma escolha? Como podemos incorrer exatamente no mesmo erro?

B. Leia Mateus 12.30. De que maneira esse versículo adverte para não ficarmos em cima do muro?

C. Leia João 5.22-29. Como essa passagem ensina que é impossível manter neutralidade a respeito de Jesus?

O Maior de Todos os Milagres

1. ***E essa a maravilha da cruz. Aconteceu em uma semana normal envolvendo gente como nós e Jesus que se tornou igual a nós.***

A. Por que é maravilhoso que a cruz tenha acontecido em uma semana normal envolvendo gente como nós? O que a normalidade da semana significa para você?

2. ***Deus fala conosco em um mundo real. Não se comunica conosco por meio de mágicas. Não se comunica conosco por meio das estrelas do céu nem por meio de reencarnação de nossos antepassados. Não fala conosco por meio de vozes no milharal nem por meio de um pequenino homem gordo de uma terra chamada Oz. Há o mesmo poder no Jesus de plástico que está no painel de seu automóvel quanto no dado de espuma colocado sobre seu espelho retrovisor.***

A. Você já desejou se comunicar com Deus por meio de "estrelas no céu" ou por meio de "vozes no milharal"? Explique sua resposta. O que a ênfase da Bíblia sobre a fé tem a ver com os métodos normais de comunicação utilizados por Deus?

B. Leia 2 Coríntios 5.18-20. O que Deus nos concedeu (versículo 18)? O que ele nos confiou (versículo 19)? Que título Deus nos concedeu (versículo 20)? Qual é sua parte nessa missão?

C. Atos 10 relata como um anjo instruiu Cornélio a buscar Pedro para que este pudesse explicar o evangelho ao centurião. Uma vez que o anjo não teve problemas para se comunicar com Cornélio, por que o próprio anjo não lhe explicou o evangelho?

3. ***Você também não deve deixar de compreender o impossível por estar a procura do inacreditável. Deus fala em nosso mundo. É preciso***

apenas aprender a ouvi-lo. Ouça-o em meio aos fatos corriqueiros.

A. Você ouve a Deus em meio aos fatos corriqueiros? Se sim, como? O que descobriu até agora?

B. Leia Salmo 19.1-4. De que maneiras Deus continua a falar por meio de fatos corriqueiros? Como você se sente diante de sua mensagem?

C. Leia Atos 17.26-28. Qual é a orientação de Deus que a raça humana (versículo 26) deve seguir (versículo 27)? Em que sentido Deus "não está longe de cada um de nós"? Qual a relação do versículo 28 com a citação de Max?

4. ***Na última semana, aqueles que exigiram milagres não receberam nenhum e deixaram de ver o principal. Deixaram de ver o momento em que a sepultura se transformou no trono de um rei.***

A. É possível estarmos tão interessados no milagre a ponto de deixarmos de ver a Deus? Se sim, como?

B. Leia Mateus 12.39-40. De acordo com Jesus, o que há de errado em pedir um sinal milagroso? Que sinal ele deu àquelas pessoas? Que lição podemos extrair desse diálogo?

Uma Oração de Constatação

1. *Tu és Deus, Jesus! Não poderias ficar desamparado. Não poderias ficar sozinho. Não poderias ficar abandonado em um momento de tanto sofrimento.*

A. Por que é tão difícil aceitar que Jesus ficou desamparado na cruz durante algum tempo? Por que você acha que ele ficou desamparado?

B. Leia Mateus 27.45-50. Que imagem essa cena lhe traz à mente?

C. Leia Salmo 22.1. Que impressão lhe causa o fato de saber que as palavras que Jesus gritou na cruz foram profetizadas centenas de anos antes de ser pronunciadas?

2. *Imaginei que tu, sei lá, aniquilaste o pecado do mundo. Baniste-o. Imaginei que enfrentaste as montanhas de nossos pecados e ordenas-te que sumissem. Da mesma forma que fizeste com os demônios. Da mesma forma que fizeste com os hipócritas no templo. Imaginei que ordenaste que o pecado desaparecesse. Nunca me dei conta de que levas te o pecado embora. Nunca me ocorreu que precisaste tocar nele — ou pior, que ele tivesse tocado em ti.*

A. Por que não foi possível que Deus simplesmente banisse o pecado? Por que ele teve de ser levado embora?

B. Leia 2 Coríntios 5.21. O que Deus fez àquele que não conheceu pecado? Quem foi que não conheceu pecado? Por quem ele fez isso? Por que ele fez isso? Qual é sua opinião a respeito disso?

C. Leia Gálatas 3.13-14. Quem nos resgatou da maldição da lei? Como ele fez isso? Por que fez isso?

3. *Tua pergunta foi verdadeira, não foi, Jesus? Então foi verdade que sentiste medo. Então foi verdade que sentiste solidão. Assim como eu senti. Só que eu mereci. Tu não mereceste.*

A. Em que sentido merecemos sentir solidão? Por que Jesus não mereceu sentir solidão? Por que Deus inverteu nossos papéis?

B. Leia Isaías 53.4-5. Quantos exemplos dessa inversão de papéis você conseguiu localizar nessa passagem? Qual a principal impressão que essa passagem causa em você?

C. Leia 1 Pedro 3.18. Por que Cristo morreu? Qual a inversão de papéis descrita nesse versículo? Qual foi a finalidade disso? Você assumiu para si o que esse versículo descreve?

O Túmulo Escondido

1. ***Andando rápido para alcançar Joe, perguntei:***

— ***Essa rua já era um mercado de carnes no tempo de Cristo!***

— Era — ***ele respondeu.*** — ***Para chegar até a cruz ele precisou atravessar um matadouro.***

A. O que existe de comovente na observação da citação acima?

B. Leia Mateus 27.26-31. Em sua opinião, qual foi a tortura mais cruel imposta a Jesus? Por que Deus permitiu que tudo isso acontecesse?

C. Leia 1 Coríntios 5.7. O que era um Cordeiro pascal (veja Êxodo 12:1-13)? Em que sentido Cristo foi nosso Cordeiro pascal?

2. — ***Não seria irônico — ele sorriu enquanto falava —, se este fosse o lugar! Está sujo. Descuidado. Esquecido. O de lá de cima é bem cuidado e enfeitado. Este aqui é simples e ignorado. Não seria irônico se tivesse sido aqui que nosso Senhor foi enterrado!***

A. O que seria irônico na situação descrita acima? Por que seria irônico?

B. Leia Mateus 27.57-61. Que detalhes são apresentados a respeito do túmulo? Por que não foram apresentados mais detalhes?

C. Faça uma comparação entre Isaías 52:14, Isaías 53.2 e Lucas 2.7. O que esses versículos têm em comum? Reunidos, o que eles dizem sobre a necessidade que Deus tem de fazer as coisas de maneira modesta? Por que você acha que ele age dessa forma?

3. ***Deus se colocou em um lugar escuro, apertado e claustrofóbico, e permitiu que selassem a entrada. A Luz do Mundo foi envolta em um lençol e trancada na escuridão. A Esperança da humanidade foi trancada em um túmulo.***

A. O que você sente ao ler a citação acima? Por quê?

B. Leia Mateus 12.40. Jesus esperava morrer? Esperava ser enterrado? Nesse versículo, que atitude ele pareceu tomar em relação a isso?

C. Leia 1 Coríntios 15.3-4. Por que Paulo diz que a informação que ele transmite nessa passagem é "de suma importância"? Que fatos importantes ele cita? Por que todos são importantes?

4. ***E quando você localizá-lo, curve-se, entre em silêncio e olhe atentamente. Porque ali, na parede, talvez você veja as marcas chamuscadas de uma explosão divina.***

A. De que maneira o túmulo vazio poderia ser considerado um símbolo melhor do que a cruz em relação à fé cristã? Que símbolo transmite melhor o poder de Deus? Por quê?

B. Leia Atos 2.22-24. De acordo com o versículo 24, o que não era possível? Por que não era possível?

C. Leia 1 Coríntios 6.14. Qual o atributo de Deus enfatizado nesse versículo? O que ele realizou? O que realizará?

Penso que Sempre me Lembrarei Daquela Caminhada

1. ***O que você faria com um homem assim? Chamava a si mesmo de Deus, mas usava trajes de homem. Chamava a si mesmo de Messias, mas nunca comandou um exército. Era considerado rei, mas sua única coroa foi de espinhos. O povo reverenciava-o como membro da realeza, mas seu único manto foi alinhavado com pouco caso.***

A. Responda a pergunta acima: O que você faria com um homem assim?

B. Leia Mateus 28.1-10. Por que o anjo se assentou sobre a pedra, conforme descrito no versículo 2? Por que ele conversou com as mulheres e não com os guardas? Como se explica o fato de as mulheres sentirem medo e grande alegria ao mesmo tempo (versículo 8)?

2. ***Onde você se encontrava na noite em que a porta foi aberta? Lembra-se do suave toque da mão do Pai? Quem caminhou a seu lado no dia em que você foi libertado? Você ainda se lembra da cena? Sente a estrada sob seus pés?***

A. Tente responder as perguntas de Max. Descreva a cena, se puder.

B. Leia Atos 26.12-18. Relacione os elementos que Paulo usa em seu testemunho. A maneira pela qual ele apresenta seu testemunho lhe dá alguma idéia de como você poderia apresentar o seu próprio? Explique sua resposta.

3. ***Contei a meu pai que estava pronto para entregar minha vida a Deus. Ele achou que eu era jovem demais para tomar essa decisão. Perguntou-me o que eu sabia. Respondi que Jesus está no céu e que eu desejava estar com ele. E para meu pai, isso foi o suficiente.***

A. Como você pode saber em que momento alguém está pronto para entregar sua vida a Deus?

B. Leia Romanos 10.9. De acordo com esse versículo, de que maneira você entrega sua vida a Deus?

C. Leia 2 Coríntios 6.1-2. De acordo com essa passagem, qual é o momento apropriado para entregar sua vida a Deus?

4. ***A jornada não está completa. Há uma outra caminhada a ser feita. "Eu voltarei", ele prometeu. E para provar isso, ele rasgou o véu do templo em duas partes e abriu os sepulcros. Ele voltará. Ele, assim como o missionário, voltará para seus seguidores. E nós, assim como Tigyne, não conseguiremos controlar nossa alegria. "Aquele que nos resgatou está de volta!" gritaremos. E então a jornada terminará e tomaremos assento em seu banquete... para sempre. Espero vê-lo à mesa.***

A. Você está aguardando ansiosamente o dia descrito na citação acima? Se sim, como essa expectativa influencia a maneira como você vive hoje? Você espera sentar-se à mesa? Se sim, como? Se não, por quê?

B. Faça uma comparação entre 1 Tessalonicenses 3.12-13 e 5.23-24. Como Paulo associa a expectativa da vinda de Cristo com nossa conduta atual? Quem nos dá o poder de viver em santidade (5.24)?

C. Reflita sobre os conceitos deste livro. Se tivesse que citar o mais significativo para você, qual seria? Sua vida será modificada a partir do momento em que você interagir com esse conceito? Como?

D. Pare, pense e agradeça a Deus o fato de ele ter enviado seu Filho ao mundo para morrer em seu lugar. Agradeça o amor de Deus. Agradeça sua paciência. Agradeça sua provisão. Reserve um tempo sem interrupções para gozar da agradável presença daquele que faz tudo muito bem feito.